



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MATHEUS HENRIQUE FERREIRA DE AGUIAR

**MÚSICA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO: PROCESSOS
DE IDENTIFICAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA NO
CECLA-UFT**

Porto Nacional, TO
2024

Matheus Henrique Ferreira de Aguiar

**MÚSICA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO: PROCESSOS
DE IDENTIFICAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA NO
CECLA-UFT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre(a) em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Daniella Corcioli Azevedo Rocha

Porto Nacional, TO
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

A282m Aguiar, Matheus Henrique Ferreira de.
Música, identidade e representação: processos de identificação nas aulas de língua inglesa no cecilla - UFT. / Matheus Henrique Ferreira de Aguiar. – Porto Nacional, TO, 2024.
120 f.
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2024.
Orientadora : Daniella Corcioli Azevedo Rocha
1. Música. 2. Identidade. 3. Representação. 4. Língua Inglesa. I. Título
CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Matheus Henrique Ferreira de Aguiar

**MÚSICA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO: PROCESSOS
DE IDENTIFICAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA NO
CECLLA-UFT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Matheus Henrique Ferreira de Aguiar foi avaliado para a obtenção do título de Mestre (a) em Letras e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 03 / 12 / 2024

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente

DANIELLA CORCIOLI AZEVEDO ROCHA

Data: 31/01/2025 10:21:15-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Daniella Corcioli Azevedo Rocha, UFT



Documento assinado digitalmente

ANA CLAUDIA TURCATO DE OLIVEIRA

Data: 31/01/2025 15:05:59-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Ana Cláudia Turcato de Oliveira, UFT



Documento assinado digitalmente

KLEBER APARECIDO DA SILVA

Data: 31/01/2025 09:15:11-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva, UNB

Dedico este trabalho a todos os garotinhos e garotinhas em seus quartos, que acreditam que a música é a sua religião, sua cura e sua salvação. “After every storm, if you look hard enough, a rainbow appears.”¹ (Mariah Carey, 1999)

¹ “Depois de cada tempestade, se você olhar bem, um arco-íris aparece.”

*There's a light in me
That shines brightly
They can try
But they can't take that away from me
Can't Take That Away² (Mariah Carey, 1999)*

² “Existe uma luz em mim que brilha forte, eles podem tentar mas não podem tirar isso de mim”

AGRADECIMENTOS

Quando eu escrevi meus agradecimentos do trabalho de conclusão de curso, eu tinha 22 anos de idade, eu citei o nome de dezenas de pessoas que naquela época significavam muito para minha pessoa. O tempo passou e a maioria daquelas pessoas se foram, os motivos não são relevantes, tudo que ficou foram seus nomes e lembranças.

De fato, à medida que amadurecemos aprendemos que pessoas vêm e vão e fazem parte do ciclo da vida. Dizem que “a vida é como uma caixa de surpresas”, no meu caso eu gosto de pensar que a minha é como uma caixa de música, a cada capítulo novo surgindo uma trilha sonora que descreve com maestria aquele momento específico.

Eu acredito que a única coisa que nunca sairá da minha vida, é a minha relação e espiritualidade com a música. As pessoas se vão, mas sempre há música. Seja para rir, chorar ou lembrar. Eu sou o que sou, não apenas pela forma que a vida me fez, mas pela forma como a música me influenciou durante todos esses anos. Este trabalho é uma homenagem à música, e primeiramente agradeço a ela. Que nunca falte música.

Farei questão de citar o nome das minhas grandes inspirações, minhas divas: Britney Spears, Lady Gaga, Madonna, Mariah Carey e Taylor Swift. Aqui há relevância de citar tais nomes, pois estes nomes pertencem às mulheres que inspiraram não apenas meus trabalhos acadêmicos focados na música, mas a mim, pessoalmente também, seja dentro ou fora do palco.

À minha querida orientadora, obrigado por tamanha parceria e por comprar minhas ideias. Uma parte sua viverá em mim como docente e discente. Agradeço também aos membros da banca: a professora Ana Cláudia Turcato de Oliveira e o professor Kleber Aparecido da Silva, por suas ricas e tão elucidativas contribuições e influências com suas obras.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao homem que esteve diversas noites ao meu lado, pacientemente me encorajando para escrever e cumprir meu objetivo. Eu não precisarei escrever o nome dele, direi apenas que tenho a honra de chamá-lo de “*Lover*” e “*Thank God I Found You*”

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho de pesquisa, inserido nos paradigmas interdisciplinares da Linguística Aplicada, foi verificar os processos de identificação e desidentificação em estudantes de um curso gratuito de língua inglesa a partir da utilização de letras de músicas em língua inglesa para discussões sobre variados temas. Considerando que o ensino se dá na interação espontânea no uso da língua e não a partir de atividades de memorização e regras abstratas e descontextualizadas, buscamos refletir sobre o contexto sócio histórico e cultural das letras de músicas e sobre as ressignificações realizadas pelos estudantes enquanto elas eram trabalhadas nas aulas de língua inglesa. A pesquisa em questão está inserida no paradigma das pesquisas qualitativas e dentre estas, as de caráter interpretativista. Utilizamos os estudos sobre Identidade, linguagem e representação à luz dos estudos de Hall (2006), Ottoni (2002), Austin (1991), dentre outros, como aporte teórico para conceitualizar como cada sujeito interpreta e ressignifica a mensagem e o contexto de cada letra de música de acordo com sua construção de identidade e como se sente representado ou não por aquilo que está sendo transmitido. Foi nosso objetivo investigar como, a partir da utilização das letras das músicas, os alunos desenvolvem seu próprio senso crítico interpretativo, levantando debates e discussões acerca dos temas apresentados nas músicas com os colegas com a mediação do professor. Com a conclusão desta pesquisa, constatei que as músicas proporcionaram aos alunos uma oportunidade de reflexão acerca de suas identidades e de sua posição como sujeitos críticos no contexto social. Uma ou duas composições musicais em particular ressoaram de maneira mais intensa com cada aluno, em função das temáticas abordadas em sala de aula. Desde alunas que se sentiram representadas por canções que abordam o feminismo, até um aluno negro que viu a oportunidade de expressar-se de maneira mais abrangente ao discutir sua experiência enquanto membro dessa comunidade. Deste modo, observei ao longo da investigação que cada indivíduo foi afetado conforme as representações que lhe eram significativas, motivo pelo qual suas trajetórias discursivas se tornavam mais incisivas ou fundamentadas diante da presença de suas filiações identitárias nas canções e das discussões em sala de aula. No que diz respeito às identificações, cada indivíduo optou por se associar àquilo que mais refletia sua realidade e que melhor o representava, o que, por sua vez, facilitou a expressão de opiniões de maneira mais desinibida, livre de receios em relação a possíveis descontentamentos.

Palavras-chaves: Música, Identidade e Representação, Língua Inglesa.

ABSTRACT

The main objective of this research, situated within the interdisciplinary paradigms of Applied Linguistics, was to examine processes of identification and disidentification among students in a free English language course. The study focused on the use of English song lyrics as a tool to discuss diverse topics. Considering that teaching was based on spontaneous interaction and practical language use, rather than on memorization or decontextualized grammatical rules, the research aimed to explore the socio-historical and cultural contexts of the lyrics and the students' reinterpretations as they were analyzed during English classes. This qualitative, interpretive study drew on theories of identity, language, and representation as outlined by Hall (2006), Ottoni (2002), Austin (1991), and others. It conceptualized how individuals interpret and reinterpret the meanings and contexts of song lyrics based on their unique identity constructions and their sense of representation within the conveyed messages. The research sought to investigate how students developed their critical interpretative skills through the use of song lyrics, engaging in debates and discussions about the themes presented, facilitated by the teacher. The findings demonstrated that songs provided students with opportunities for reflection on their identities and their roles as critical participants in the social context. Specific songs resonated deeply with individual students depending on the themes discussed in class. For example, some female students identified strongly with songs addressing feminism, while a Black student found a broader platform for self-expression in discussing his experiences as a member of his community. These discussions revealed that each individual was affected by representations that held personal significance, resulting in more engaged and meaningful participation. Regarding identification, students chose to associate with themes and representations that mirrored their realities and best represented them, facilitating freer and more uninhibited expression of opinions. This engagement minimized concerns about potential disagreements, allowing students to explore their perspectives more openly and critically.

Key-words: Music, Identity and Representation, English Language.

Lista de Tabelas

Tabela I - Músicas que foram utilizadas durante a pesquisa.....	25
Tabela II - Músicas analisadas com a temática representação e identidade LGBTQIAPN+.....	64
Tabela III - Músicas analisadas com a temática representação e identidade racial.....	77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Perguntas de Pesquisa.....	18
1.2	Objetivos.....	19
1.2.1	Objetivo geral.....	19
2	METODOLOGIA.....	20
2.1	Segunda parte	22
2.2	Terceira parte.....	23
2.3	Passo a passo das aulas.....	26
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	31
3.1	Música, sujeito e ideologia.....	31
3.2	Identidade e Representação.....	35
3.3	O Lugar da Linguagem, a Linguagem e a Ação.....	40
4	RESULTADOS E ANÁLISE.....	53
4.1	Representação Feminina.....	53
4.2	Representação e identidade LGBTQIAPN+.....	64
4.3	Representação e identidade racial.....	77
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
	REFERÊNCIAS.....	93
	ANEXOS.....	97

1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Matheus Henrique Ferreira de Aguiar, meus amigos me chamam de *Math*. Minha mãe, Girleide, é pedagoga e professora, já ministrou aula desde a educação infantil até o 5º ano. Uma mulher extremamente batalhadora desde sua infância, sempre se empenhou de todas as formas para me dar a melhor criação possível. Eu diria que os adjetivos que melhor descrevem minha mãe são: geniosa, protetora, firme e amorosa. O amor incondicional de minha mãe por sua profissão e família são qualidades que eu gosto de acreditar que herdei, tanto que também me tornei um professor. Meu pai, Neio Lúcio, posso dizer que já foi muitas coisas nessa vida, independentemente de qualquer coisa seus objetivos sempre foram os mesmos, oferecer o melhor para mim e minha mãe. A determinação, na minha opinião, é a melhor qualidade que eu poderia herdar de meu pai. Meu pai sempre foi como uma âncora na minha vida, razão inclusive que me levou a homenageá-lo com a tatuagem de uma âncora na minha costela direita.

Enquanto crescia, meus pais nunca me impuseram o que eu deveria ser quando adulto. Fui livre para escolher, mudar de ideia, sonhar e imaginar. Meus pais me criaram para amar a vida e fazer algo que eu gostasse verdadeiramente, não pensando apenas no dinheiro e, acima de tudo, que eu tivesse orgulho de mim mesmo. Afirmando que o maior presente que meus pais me deram, durante toda minha vida, foi o amor pela música em todas as suas vertentes. De um lado com meu pai ouvindo clássicos do rock nacional e internacional, forró e sertanejo. Do outro, minha mãe com o Pop, dance, e as grandes divas dos anos 80 e sua banda favorita ABBA. Essa mistura criou uma sensibilidade musical em mim, me permitindo gostar e conhecer quase todos os gêneros musicais desde criança. Depois dos meus pais eu tive dois primos que, durante o meu crescimento, impulsionaram meus gostos musicais para gêneros mais “modernos” e “urbanos”. Graças ao meu primo Yves que sempre baixava músicas para meu aparelho MP3, desenvolvi uma sensibilidade e gosto pelo Hip-Hop e Rap, e minha prima Kamila pelo Rock e Pop dos anos 2000 que sempre ouvíamos no seu quarto. De fato minha relação de amor com a música é tão grande que eu acredito que tenha recebido o dom de cantar diretamente de Deus, e minha espiritualidade está ligada diretamente à música.

Nasci e fui criado em Porto Nacional do Tocantins. Nunca me senti pertencente à cidade, sentindo que minha “identidade” não era pertencente ao lugar, sonhava que um dia me mudaria para o meu próprio lugar e me sentiria eu mesmo. Aos 24 anos me mudei para Palmas no

Tocantins, onde vivi durante os anos do meu mestrado, mas antes de falar dessa importante etapa, retorno aos anos da graduação.

Entrei como aluno na graduação de Letras Inglês aos 19 anos de idade no ano de 2017 na UFT, Câmpus de Porto Nacional. Quando se tem 19 anos você carrega um espírito de achar que consegue fazer tudo e nada ao mesmo tempo. Durante o primeiro período lembro-me de me sentir completamente deslocado e perdido, me questionando se estava no lugar certo. Professores e colegas duvidavam da minha capacidade de estar ali, me fazendo refletir incontáveis vezes durante as noites no meu quarto. Nesses momentos de dúvida eu tinha a música. Eu sempre tive minha música para me lembrar de manter os pés firmes no chão independentemente da situação: fosse ela boa ou ruim. Essa música era e tem sido “*My saving grace*”, desde a infância, quando meus fones de ouvido me protegiam de toda a maldade, negatividade e palavras ofensivas que eu teria que ouvir. O que seria de mim se músicas como: “*Born This Way*”, “*Hero*”, e “*Mean*” não bloqueassem essas palavras maldosas com suas melodias e letras que, por anos, foram meu refúgio para enfrentar o mundo.

Aprender inglês sempre foi algo que naturalmente estava relacionado à música para mim, pois minha dedicação era em aprender letras de músicas ou acompanhar entrevistas das minhas artistas favoritas. Facilmente eu desenvolvi vocabulário e noções da língua. Cursos de idiomas sempre foram extremamente caros, eu nunca fiz questão deles. Por muito tempo tudo que eu tinha acesso era a lan-houses e à casa de um primo que tinha computador e gentilmente baixava as músicas que eu queria para meu Mp3 Player. Ao primo Yvis sempre terei minha eterna gratidão por isso. Minha relação e curiosidade com o mundo da composição, melodias e harmonias me levou não apenas a aprimorar minha habilidade de canto, mas também meu gosto pela língua inglesa.

Esses dois fatores, juntamente com meu amor e dedicação a Lady Gaga, Mariah Carey e Taylor Swift, fizeram com que eu desenvolvesse o meu nicho como professor: Música no ensino de língua inglesa. Foi então que eu comecei a pensar melhor sobre o papel que a música poderia levar para o ensino de outro idioma, não apenas através de estruturas linguísticas e formas gramaticais, mas reflexões através de letras encorajadoras e emancipatórias.

Tudo se iniciou com uma ideia para o trabalho de conclusão de curso, sugerida por uma professora muito especial durante a minha jornada na graduação, minha orientadora de trabalho de conclusão de curso. Assim, quando ela mesma, afirmou: “Matheus, porque você não faz um trabalho sobre as composições de Lady Gaga como ensino de língua inglesa?”, eu quase não consegui segurar minha empolgação. E estava maravilhado com a ideia de poder fazer algo que

iria unir minha profissão com minha paixão. O que eu mais gostei foi a liberdade criativa que a professora Lívia me impulsionou a ter durante todo o período de escrita.

Com a perspectiva que eu possuía e enfrentando o período de pandemia do Covid 19, eu me dediquei completamente a escrever meu TCC durante os meses de quarentena. O propósito do trabalho era desenvolver atividades de ensino-aprendizagem com as músicas de Lady Gaga de forma a ensinar língua inglesa dentro de sala de aula. Infelizmente, devido a pandemia, aquele trabalho nunca chegou a ser implementado em contexto de sala de aula.

Mas mesmo assim me orgulho em dizer que tenho muita vaidade por aquele trabalho, por representar o espelho de minha jornada não apenas como acadêmico durante os 3 anos e meio de graduação, mas como uma pessoa que cresceu aprendendo tudo que sabe da língua inglesa através do poder da música. A escolha da Lady Gaga em específico como objeto de estudo foi para comprovar que as temáticas abordadas nas músicas pop podem ser usadas para trabalhar atividades de ensino-aprendizagem no ensino de línguas.

Aquele trabalho foi feito por alguém que tinha entre 21 e 22 anos de idade, e ele pertence ao contexto da época em que foi feito. Eu não tenho nada, além de orgulho, pelo que criei sob orientação da professora Lívia. Porém, à medida que terminei a graduação, e graças a novas experiências e mais maturidade, aquela pessoa que realizou aquele trabalho ficou para trás, bem como a ideia de fazê-lo seu futuro projeto de pesquisa. Mas foi graças àquele trabalho, e àquela versão de mim, que essa atual pesquisa foi realizada. A inspiração por trás dessa dissertação, foi o que eu havia iniciado anos atrás, desta vez em novos contextos, teorias, ideias e refinamentos. Esse trabalho tem fragmentos do que eu sonhava na graduação aos 19 anos, tem fragmentos do que eu idealizei aos 21 e contém a essência mutável do que eu aperfeiçoei aos 24.

Eu pensei “Porque não levar isso para outras pessoas ?” a música na minha opinião sempre foi uma das formas da arte que mais conversa com a realidade das pessoas e seus sentimentos, e essa seria a ponte para a comunicação com os alunos. Fazer com que a música dê voz a eles, diga e transmita de formas que eles não imaginariam em dizer, assim como fez pessoalmente comigo mesmo enquanto crescia. Se eu pude ressignificar músicas que foram criadas com um propósito específico para algo pessoal, porque outras pessoas também não poderiam?

Música é algo que a meu ver é atemporal, independente da época que é lançada, pode transitar entre eras e ainda assim trazer contribuições naquele momento. Pensando nisso, foi de minha vontade que músicas de diferentes décadas fizessem parte dessa pesquisa. E assim como a linguística aplicada é uma área que traz apoio de vários outros campos, eu quis que os gêneros

musicais fossem explorados também: do pop ao disco, do R&B ao rock. Espero que com essa pesquisa, eu continue espalhando minha mensagem pelo mundo de como a música pode estar presente em todos os momentos, e na aprendizagem não é diferente. Música é, e sempre será, a minha maior inspiração para tudo que eu faço. Talvez não possamos mudar o mundo apenas com música, mas pelo menos podemos usá-la como plataforma para nos expressarmos, para fazermos barulho sobre o que nos incomoda, para refletir sobre nossos sentimentos e, acima de tudo, para os fazermos mais humanos.

Baseado nessa minha ligação intrínseca com a música e levando em consideração minhas experiências prévias, busquei trabalhar nos meus estudos de mestrado o tema ensino de língua inglesa por meio de músicas, pois acredito que a música tenha a capacidade de transcender gerações carregando mensagens atemporais, liberando a criatividade e pensamento crítico.

Dessa vez, diferentemente do trabalho de conclusão de curso, eu pude desenvolver debates com a utilização de letras de músicas com o propósito de instigar os alunos a refletir e a opinar, considerando o contexto sócio histórico e cultural das letras de músicas selecionadas e a construção de sentido formada pelos alunos e alunas, observando o desenvolvimento linguístico e o engajamento dos estudantes a partir da interação com as músicas. Esta pesquisa, dessa forma, buscou fundamentar a ideia da música ser usada como recurso didático de forma criativa e engajada que, segundo IKEDA (2007, p 7), “adaptada ao evento praticado, [a música] servirá ainda para o estabelecimento de significados agregados”, fugindo de atividades sem contextualização ou focadas apenas em gramática ou “*fill the blanks*”.

Abordamos os conceitos de identidade e representação baseados nas observações das falas e colocações feitas pelos alunos, à luz dos estudos de HALL (2006), que serão explicados a frente, bem como Coracini (2003), Gondar (2002), Mercer (1990), Rajagopalan (2002), Silva (2014), Woodward (2014), dentre outros. Falando sobre conceitos de linguagem teremos as teorias de Pinto, dialogando com Rajagopalan (2002) sobre a pragmática, bem como Austin (1990) e Ottoni (2002) para falar sobre a visão performativa da linguagem e os atos de fala, explicando também o conceito de *uptake* novamente teremos Austin e Ottoni, dentre outros.

Esta pesquisa se baseia na noção Pragmática de linguagem tendo como apoio os estudos de Austin (1990), para quem a Pragmática refere-se, principalmente, à análise dos atos de fala e as condições sob as quais esses atos terão sucesso ou não. Para Austin (1990), os atos de fala estão classificados como expressões cuja característica é marcada pela “força ilocucionária” que diz respeito, em última instância, à forma como a mensagem ou o ato de fala em si pode ou deve ser compreendido pelo interlocutor, seja como um pedido, como uma ordem ou como uma

possibilidade. Ou seja, segundo Austin (1990), o ato de fala só será considerado efetivo se o interlocutor compreender o verdadeiro propósito referente a sua intenção, que, por sua vez pode ser propositada, mas jamais pode ser garantida por nenhuma das partes envolvidas no ato. Aprofundaremos esse assunto mais adiante.

Durante este estudo, tive o cuidado e a curiosidade de procurar pesquisas que fossem similares ou precursoras da ideia de trazer a música como centro de um debate que objetivava discutir questões identitárias por meio de músicas, tão caras e importantes de serem discutidas em ambientes educacionais, especialmente em se tratando de contextos de ensino de línguas. Para isso busquei trabalhos na internet, principalmente, da região norte e nordeste, da qual faço parte orgulhosamente. O principal ponto era verificar o que já havia sido feito antes, bem como prestigiar o trabalho de outros colegas da mesma área de estudo, além de, é claro poder verificar até onde minha pesquisa era original e carregava o potencial de poder contribuir com a área de pesquisa em questão. Dentre os trabalhos encontrados, tive o prazer de encontrar alguns que chamaram minha atenção.

O primeiro, de Mônica Ferraz, do ano de 2013, na época aluna do Curso de Letras da UNEB³, abordou o “Ensino de língua inglesa com música”. Tive acesso a esta pesquisa através de um artigo em que a autora relata suas experiências em estágio apresentando a descrição de uma atividade com música desenvolvida durante o estágio em uma escola pública na região do extremo sul da Bahia, numa turma do terceiro ano do ensino médio noturno. Embora as ideias sejam similares, a colega optou por focar em realizar algo mais breve e objetivo dando atenção a exercitar a oralidade, *listening* e explorar o vocabulário dos alunos. Ou seja, era um trabalho mais focado em aspectos metodológicos do ensino da língua inglesa.

O segundo trabalho encontrado é de autoria de Cristina Teixeira Vicentini, “O ensino de inglês através da música” e é do ano de 2008, na época professora de língua inglesa da rede pública estadual de ensino do Paraná e participante do programa de desenvolvimento educacional. Apesar deste trabalho não ser da região norte ou nordeste que era meu principal foco de busca, suas colocações foram muito pertinentes e interessantes para um olhar diferenciado sobre o tema, contando com citações da autora na fundamentação teórica falando sobre música e aprendizagem.

O terceiro trabalho não está relacionado a língua inglesa mas ainda assim é pertinente cita-lo, primeiro por ser uma pesquisa da região norte, e segundo para fortificar a ideia que a música pode ser usada como recurso não apenas em língua inglesa mas em outros idiomas

³ Universidade do Estado da Bahia

também. O trabalho de Débora Silva Brito da Luz do ano de 2009, na época Graduanda em Licenciatura Plena em Língua Espanhola e Literaturas pelo IFRR⁴ trata sobre “A música como instrumento de aprendizagem nas aulas de espanhol como língua estrangeira”. Apesar de tratar-se de língua espanhola, Luz traz em seu trabalho semelhanças metodológicas também adotadas em minha pesquisa, como solicitar ajuda aos alunos para selecionar as músicas que serão trabalhadas que, segundo Luz (2009, pg. 56) “o estilo musical certamente mudará dependendo da faixa etária dos discentes [...] Este procedimento também revela uma oportunidade de interação aluno-professor, que é muito importante para despertar e/ou manter a motivação dos alunos” o que de fato ocorreu em minha pesquisa como será evidenciado a frente.

Outra semelhança relevante é que Luz também realizou sua pesquisa em um centro de Línguas Estrangeiras, denominado CELE/CIE⁵. Assim como eu desenvolvi graças ao CECLLA⁶, falarei mais sobre ele posteriormente.

Eu digo, primeiramente, que o que tornou meu trabalho diferente desses citados, era a preocupação de ir além da parte gramatical, lexical ou pronúncia. Ele envolveu debates e, dentro destes debates, houve reflexões sobre temas que estavam e estão presentes na nossa sociedade, e era de suma importância trazer esses assuntos a mesa. O meu objetivo era o de que os alunos fossem aprendendo e desenvolvendo fluência na língua enquanto argumentavam sobre temas reais que envolviam suas identidades e suas identificações. Outro diferencial na minha pesquisa, era que as músicas, aqui juntamente com os alunos, eram o principal do trabalho, os protagonistas. Sendo assim, houve partes específicas no trabalho analisando as músicas utilizadas e sua relevância para o tema, bem como um aprofundamento dos alunos de acordo com suas personalidades.

E por fim, minha maior meta era deixar claro a importância da música não apenas como fator de aprendizado, mas como algo que muda nossa forma vermos o mundo, que é uma das formas mais belas e poéticas de arte. Não se deve subestimar o conteúdo ou a mensagem de uma música julgando seu gênero musical, não é porque uma música é pop que ela vai carecer de reflexões relevantes. Eu como nortista do interior do Tocantins, espero que a voz da minha região seja ouvida e que haja uma maior valorização dos estudos e pesquisas realizadas pelas universidades do norte e nordeste.

⁴ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima

⁵ Centro de Estudos de Línguas Estrangeiras/ Centro de Inscrição e Exame

⁶ Centro de Estudos Continuados em Letras, Linguística e Artes

Dito isso, vale a pena esclarecermos, ainda que muito rapidamente, alguns termos presentes já nas perguntas de pesquisa e objetivos do trabalho. Tais termos, outrossim, serão melhor desenvolvidos e explicados no decorrer da parte teórica deste. Um dos principais termos afeitos a este trabalho é ‘identificação’ que, para Hall (2006), é um ato contínuo, onde os indivíduos se identificam (ou não) com diferentes papéis, ideologias, culturas e grupos. O outro é ‘adesão’ que, de acordo com o dicionário Oxford, seria a aceitação de uma ideia, a ponto de aderirmos ao movimento ou ao que esse significado possa nos suscitar. ‘Interação’ é outro termo caro ao nosso trabalho e seria uma comunicação e contato entre dois ou vários diálogos, modos de vida, seres, etc. A forma de contato com a LI (língua inglesa) está relacionada à como aqueles alunos iriam interagir com a língua através do canal que foi utilizado para que houvesse tal comunicação, neste caso a música.

Eu me preocupei também em pensar como seriam as ressignificações que os estudantes fariam das letras das músicas e tomamos a definição de ‘ressignificação’ tal qual a temos em Bakhtin (1981 p. 396) (embora esse autor não faça parte do nicho teórico ao qual esse trabalho se inscreve), para quem no “processo de comunicação, o significado das palavras não é estático; ele se transforma e se redefine continuamente através do diálogo, onde cada enunciado é potencialmente ressignificado pela resposta do outro”. Aproveitamos para ressaltar que essas letras de música não tem um significado fixo ou específico, mas apenas sugestivo e aberto a interpretações, o que torna ainda mais interessante qual ressignificação terá para cada aluno. Tendo exposto os motivos iniciais que me levaram a escolher pesquisar sobre esse tema e pincelado algumas definições sobre os principais termos afeitos a este estudo trago, em seguida, as perguntas de pesquisa e os objetivos que guiaram meus trabalhos durante essa minha jornada.

1.1 Perguntas de pesquisa

- 1.1.1 Qual o impacto que as músicas trabalhadas causam nos alunos? Como se dão os processos de identificação, adesão, interação e forma de contato com a LI pelos estudantes?
- 1.1.2 Quais foram as ressignificações realizadas pelos estudantes a partir das músicas e temas estudados durante as aulas?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Essa pesquisa teve como proposta de investigação desenvolver debates e reflexões com a utilização de músicas em língua inglesa a fim de verificar os processos de identificação dos estudantes de um curso gratuito de idiomas. Tais processos de identificação de acordo com as teorias de Hall (2006) foram analisados para podermos verificar as ressignificações e o desenvolvimento dos estudantes a partir da interação com as músicas e seu despertar para um aprendizado que pudesse ser mais significativo para eles.

1.2.2 Objetivos Específicos

Investigar o impacto que as músicas trabalhadas causam nos alunos, gerando processos de identificação, adesão, interação e expansão (ou não) do tempo e forma de contato com a LI pelos estudantes;

Analisar as ressignificações realizadas pelos estudantes a partir das músicas e temas estudados durante as aulas.

2. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS: METODOLOGIA DO ESTUDO

Esta pesquisa pode ser descrita como pertencente ao rol de pesquisas qualitativas e dentre estas, as de caráter interpretativista, haja visto que não negamos, inclusive defendemos, o caráter pessoal das interpretações e opiniões aqui expostas, levando em consideração, é claro, os embasamentos teóricos realizados com todo o apreço de quem pretende contribuir com um campo de pesquisa tão importante como o nosso. A pesquisa qualitativa é aqui compreendida como uma pesquisa que:

foi e vem sendo largamente praticada por um certo ramo da Sociologia, preocupada não tanto em quantificar fatos e fenômenos, mas em explicar os meandros das relações sociais, considerando que a ação humana depende estreitamente dos significados que lhe são atribuídos pelos atores sociais (SUASSUNA, 2008, p. 348).

Sobre a questão, Suassuna deixa claro que:

[n]uma abordagem qualitativa, o pesquisador coloca interrogações que vão sendo discutidas durante o próprio curso da investigação. Ele formula e reformula hipóteses, tentando compreender as mediações e correlações entre os múltiplos objetos de reflexão e análise. Assim, as hipóteses deixam de ter um papel comprobatório para servir de balizas no confronto com a realidade estudada (SUASSUNA, 2008.p 349.)

A pesquisa qualitativa não define uma fórmula de resultado, mas sim hipóteses que podem se confirmar durante o estudo, ou, até mesmo, se alternar com o decorrer de novas ideias ou descobertas. Através desses dados e hipóteses, novos aprofundamentos em potencial podem surgir, deixando a pesquisa ainda mais rica ou até mesmo, levando-a para uma outra direção imprevista. Para Chizzoti (2003, p.79), “a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito”. Portanto, “um objeto não é um dado inerte e neutro; ele possui significados e relações que os sujeitos concretos criam em suas ações”. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa descreve e antecipa as conexões entre as pessoas, a sociedade e o mundo com dados baseados nas interpretações do pesquisador. Segundo Celani (2005):

[o] paradigma positivista, que predominou por décadas, utilizava na área das ciências humanas os pressupostos e os procedimentos da pesquisa nas ciências exatas, os mesmos padrões de busca de objetividade e do suposto rigor da linguagem ‘científica’ nos relatos dos resultados. O paradigma qualitativo, ao contrário, particularmente quando de natureza interpretativista, nos remete ao campo da hermenêutica, no qual a questão da intersubjetividade é bastante forte (CELANI, 2005, p.106).

Celani (2005) defende que os pesquisadores envolvidos no paradigma qualitativo, especialmente aqueles que atuam no campo da pesquisa interpretativa, além de focarem na produção de conhecimento e na compreensão do significado, também se preocupem com a qualidade dos dados. Esses pesquisadores também estão dispostos a estabelecer códigos de conduta e submeter propostas de pesquisa aos comitês de ética para evitar danos e perdas à pesquisa.

Na pesquisa qualitativa interpretativista, as interpretações do pesquisador são cruciais e não há intenção de fazer qualquer forma de disseminação dos fatos ou observações. Em vez de procurar recursos para demonstrar a verdade absoluta, mesmo que apenas provisoriamente, os pesquisadores procuram investigar e compreender eventos específicos em profundidade e mostrar tendências que podem ser observadas em situações específicas. Segundo Lüdke (1986 p. 29) a “observação direta permite também que o observador chegue mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’, um importante alvo nas abordagens qualitativas” (grifo no original). É, portanto, uma forma de investigação que não envolve um tratamento quantitativo, nem estatísticas, regras e outras generalizações, mas antes uma descrição e interpretação da realidade, que deve ser dividida e subdividida de acordo com as circunstâncias. Principalmente em estudos de cunho interpretativo, como neste caso, as posições até agora defendidas não buscam generalizar sobre alguma verdade ou alguma conduta, nem buscam transcender o contexto, o tempo e o lugar estudados e os fenômenos observados e explicados.

Assim, afirmo que a análise e a discussão aqui apresentadas podem ser consideradas gestos interpretativos. Esses gestos tentam discutir uma realidade específica, localizada no tempo e no espaço e, talvez, em certa medida, reflitam outras realidades semelhantes. Vale ressaltar também que esta pesquisa nos leva a outro tema muito importante e que alguns pesquisadores têm discutido, que é a ligação entre a prática científica, a sociedade e sua relação com a identidade e a representação.

Dentro do paradigma qualitativo interpretativista, esta pesquisa foi conduzida como um estudo de caso, que para Yin (2005, p. 32) é responsável por investigar “um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Chizzotti (2006) afirma que o:

estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora. (CHIZZOTTI, 2006, p.102).

Dito isso, reafirmo a natureza desta pesquisa de cunho qualitativo interpretativista utilizando o estudo de caso como forma de coletar dados.

2.1 Segunda parte: o desenvolver da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada no âmbito da Universidade Federal do Tocantins, a partir das oportunidades de trabalho direto com alunos do CECLLA (Centro de Estudos Continuados em Letras, Linguística e Artes), um Programa de Extensão da referida universidade.

O CECLLA é um programa criado em 2010, ainda como projeto institucional do Curso de Letras, Campus de Porto Nacional, na Universidade Federal do Tocantins, que englobava cursos regulares de línguas estrangeiras e língua portuguesa, além de ser um espaço destinado a acolher e apoiar administrativamente pesquisas, cursos de extensão, atividades culturais, minicursos e palestras. Este programa tinha por objetivo atender a comunidade interessada do Campus e da cidade de Porto Nacional chegando a ter 18 turmas de forma totalmente gratuita, de acordo com a disponibilidade de professores. Desde 2022 ele se expandiu para todos os *campus* da UFT, ofertando cursos de língua inglesa e espanhola aos alunos da universidade e da comunidade também. É inquestionável a relevância do curso para Porto Nacional (e agora para os outros campi da UFT no Tocantins) que anteriormente somente poderiam contar com cursos pagos e/ou aulas ou apps ofertados na *internet*.

Após analisar os documentos de criação e regulamentação do programa, percebe-se que ele tem como base em seus fundamentos algumas teorias, que são abordadas nesta pesquisa de forma metodológica. O documento escrito por diversos professores da Universidade Federal do Tocantins traz em ênfase citações como de Kumaravadivelu (2001) que em relação aos professores diz que:

mais que abraçarem os objetivos intrínsecos às pedagogias da particularidade e da praticidade, é necessário também que os professores sejam capazes de desenvolver práticas sensíveis ao contexto, ou, em outras palavras, que sejam contexto-orientadas, que descortinem a pretensa neutralidade pedagógica e consigam encorajar tanto professores quanto alunos a questionarem determinadas práticas de dominação que criam, sustentam e mantêm a grande maioria das desigualdades sociais (KUMARAVADIVELU, 2001 p. 542).

Sendo assim, de acordo com os documentos que regem as metodologias e objetivos do CECLLA, além do objetivo de oferecer cursos de línguas para a comunidade, é importante, segundo o documento do programa, que “professores devem estar cientes de que qualquer

pedagogia encontra-se implicada em relações de poder e de dominação. [...]devem ser encorajados a questionarem o status quo que mantem seus alunos e eles próprios subjugados.”

Logo, esta pesquisa, que aborda questões identitárias, de grupos que são marginalizados e sofrem escrutínio da identidade hegemônica “principal” (o homem branco, hetero normativo) está de acordo com a ementa do programa, que abre espaço para que o professor aborde temas que cheguem a esses debates.

O professor do CECLLA precisa ter ciência de que sua prática está alinhada a uma obrigação como sujeito social, como dito por Kumaravadivelu (2001) no documento:

A pedagogia da possibilidade está relacionada a questões identitárias, étnicas, raciais, de gênero e de classes sociais e, por isso, os professores de línguas não podem ter expectativas de satisfazerem totalmente suas obrigações pedagógicas sem, ao mesmo tempo, satisfazerem suas obrigações sociais (KUMARAVADIVELU, 2001, p. 544).

Portanto, todos os professores do CECLLA têm o papel social de, além de ensinar, fazer com que os alunos tenham orgulho de suas origens desde linguísticas á de vivências de mundo, influenciando os alunos a usarem a língua inglesa como oportunidade de expansão, levando sua própria identidade pelo mundo.

O CECLLA conta com o apoio, não remunerado, de todos os membros do Colegiado de Letras e com os serviços de um secretário-bolsista. O programa visa, para além da oferta gratuita de cursos de idiomas, a dar oportunidades aos estudantes do curso de Letras para ministrar aulas, incentivando a primeira prática docente e a pesquisa qualitativa de forma a devolver para a comunidade os recursos investidos na Universidade.

2.2 Terceira parte

Minha pesquisa foi desenvolvida no CELLA, durante minha graduação no curso de Letras, tive a honra de atuar como professor monitor entre os anos de 2018 - 2019 e entre abril e julho de 2023, que foi o período de minha docência no projeto em que coletei os dados para essa pesquisa.

Retornando aos caminhos percorridos durante a coleta de dados para essa pesquisa, através do programa CECLLA, uma turma de inglês em nível intermediário foi utilizada como local da coleta dos dados para esse estudo.

Os dados são provenientes dos escritos (comentários, sugestões, debates) e respostas dos alunos em uma página de Instagram criada para esse fim. Esses escritos eram frutos de

reflexões desenvolvidas antes ou depois de cada aula ministrada por mim durante o curso de língua inglesa no CECLLA. Os alunos que se matricularam no curso, buscavam aulas de inglês normalmente e ainda não haviam conhecimento sobre o que seria realizado durante as aulas. Esta turma era composta inicialmente de 8 alunos, havendo evasão de 3 por motivos pessoais ou dificuldade de permanência, totalizando 5 alunos participantes

A fim de proteger a identidade real dos alunos, os nomes foram trocados durante a descrição dessa pesquisa. Os nomes utilizados para cada um dos participantes foram escolhidos por mim, usando como critério nomes baseados em músicas. Iniciaremos falando sobre o perfil dos alunos. Esse pequeno perfil aqui descrito foi elaborado por mim de acordo com minhas observações durante as aulas e durante conversas informais com os estudantes.

Evelyn, é uma mulher que se considera branca na faixa etária dos 40 anos, casada e hetero, aparentemente sem filhos.

Peter é um rapaz que se considera negro na faixa dos 20 anos, solteiro e hetero.

Betty é uma moça na faixa dos 20 anos, universitária do curso de relações internacionais, se considera branca e bissexual.

Augustine também é uma moça na faixa dos 20 anos, amiga e colega universitária do mesmo curso de Betty, se considerando negra e hetero.

Cassandra é uma mulher na casa dos 30 anos, solteira, se considera branca e hetero.

É importante deixar claro que os alunos não tinham conhecimento que essa pesquisa seria realizada nas aulas, até a comunicação verbal e a apresentação do termo de consentimento livre e esclarecido, com o qual concordaram em participar sem qualquer relutância ou insegurança. Foi proposto aos alunos que algumas das aulas do curso seriam destinadas à pesquisa e que a coleta de dados se daria por meio das enquetes que eles responderiam no *instagram* da turma, aberto a todos que quisessem acessar.

A tabela a seguir traz informações resumidas sobre o tema da aula e as músicas trabalhadas.

Tabela I – Músicas que foram utilizadas durante a pesquisa

Tema:	Músicas selec. pelo professor	Músicas selec. pelos alunos	Data da aula	Alunos presentes
Representação Feminina	<i>Express Yourself:</i> Artista: Madonna Ano: 1989 Gênero: Dance Pop <i>The Man:</i> Artista: Taylor Swift Ano: 2019 Gênero: Pop	-	22/04/2023	Augustine Betty Cassandra Diego Evelyn Gabriela Ivana Laura Peter
Representação e identidade LGBTQIAP+	<i>Born This Way:</i> Artista: Lady Gaga Ano: 2011 Gênero: Eletro Pop	<i>I Will Survive:</i> Artista: Gloria Gaynor Ano: 1978 Gênero: Disco	20/05/2023	Augustine Betty Cassandra Evelyn Peter
Representação e identidade racial	<i>Black Or White:</i> Artista: Michael Jackson Ano: 1991 Gênero: Pop Rock	<i>I Am Not My Hair:</i> Artista: India Arie Ano: 2005 Gênero: R&B	10/06/2023	Augustine Betty Cassandra Evelyn Peter

Fonte: Aguiar, 2024

A turma era *Intermediate*⁷, todas as aulas eram aos sábados das 08:00 da manhã ao meio dia. Os alunos tiveram aula entre os meses de abril ao início de julho. Notava-se que quase todos possuíam uma boa fluência na língua inglesa, conseguindo argumentar e compreender, porém, boa parte não se sentia confiante de praticar o *speaking*⁸ de forma regular, procurando o CECLLA com a esperança de encontrar outras pessoas que pudessem por isso em prática. Portanto, a compreensão textual e interpretativa das letras das músicas para os mesmos, não foi

⁷ Nível intermediário

⁸ A fala da língua

algo dificultoso, o que facilitou muito o objetivo de utilizar as músicas para algo além da leitura textual “óbvia”.

Os excertos presentes nesse trabalho foram todos escritos ou falados em língua inglesa, havendo tradução livre⁹, realizada por mim, professor e pesquisador, para este trabalho. As partes que eram relacionadas aos debates foram transcritos e posteriormente traduzidos por mim, sendo que todos os excertos e todo o material utilizado neste estudo foram retirados dos comentários postados pelos alunos no Instagram, com suas contas pessoais, e dos debates realizados a partir de suas reflexões, que também eram sempre postados neste mesmo Instagram, com aval dos participantes.

2.3 Passo a passo das aulas

A primeira aula foi realizada no dia 22 de abril de 2023, às 08 h, utilizada como um “experimento”, em que fizemos um piloto para obter maiores informações. O tema foi selecionado previamente por mim, bem como as músicas também. O propósito da primeira aula foi apresentar a proposta de como seria realizada a pesquisa durante as aulas, mostrando quais seriam os possíveis temas que seriam abordados em forma de debate e discussão e como os alunos reagiriam ao prosseguir com esse tipo de abordagem que, querendo ou não, faz emergir considerações pessoais e de mundo.

Gostaria de observar se eles se sentiram aptos a trazer suas opiniões para discussão e sustentar possíveis argumentações. E esta aula foi deveras produtiva, tanto que optei por não mais considera-la uma coleta piloto, mas aproveitar os dados coletados para a presente pesquisa.

Essa primeira aula foi iniciada com apresentações breves sobre cada um de nós, onde os estudantes também compartilhavam suas experiências com o aprendizado de língua inglesa. Após as apresentações, expliquei e contextualizei minha pesquisa e as razões por trás dela, afirmando que durante as aulas iríamos ouvir e debater sobre músicas, os alunos foram receptivos e ficaram animados e felizes com a ideia. Os alunos foram convidados a falar sobre a influência da música na sua aprendizagem em língua inglesa, alguns até exemplificaram lembrar de concordâncias gramaticais por conta de frases nas músicas.

Em seguida, expliquei que alguns temas abordados pelas músicas poderiam causar algum tipo de “polêmica” mas que o ponto não era causar desconforto ou ofender ninguém, mas sim trabalhar essas interações e experiências e que, além do mais, os alunos poderiam aprender ou aperfeiçoar o debate sobre tais temas. O tema abordado naquela aula foi

⁹ A título de exemplificação, trago nos anexos alguns excertos em língua inglesa, provenientes das postagens dos alunos.

representação feminina e como era uma aula experimental eu já havia previamente selecionado as duas músicas que seriam abordadas dentro do tema representação feminina. Conforme já mencionei, apesar de ter sido uma aula-piloto, os dados coletados durante essa primeira aula, bem como no *instagram*, foram também analisados e utilizados neste estudo, devido à pertinência das respostas e interações dos participantes.

Sobre o tema da representação feminina eu o escolhi devido sua válida importância e inegável contribuição que este tema poderia trazer para as conversas, Butler (1990) argumenta que o gênero não é uma identidade fixa ou uma essência natural, mas um desempenho repetido de atos e comportamentos socialmente construídos e mantidos. Isso significa que a representação do feminino não é apenas uma imagem ou representação de “mulher”, mas é moldada pelas normas culturais e sociais que definem o que é considerado “feminino”.

Após o fim desta aula, expliquei aos alunos que algumas aulas seriam usadas para esta pesquisa e que seria algo que faria parte do cronograma do curso e não seria o principal, já que o curso contava com material didático e conteúdo pré-definido a ser ministrado. A segunda coleta de dados ocorreu no 4 encontro presencial, após os estudantes se sentirem mais à vontade e acostumados com a rotina das aulas no sábado.

Foi combinado que um *Instagram* para a turma seria criado e que por lá seriam realizados os questionários e as enquetes sobre os próximos temas. O nome do *Instagram* criado foi *cecllateam*, e foi definido que uma semana antes da próxima aula eles teriam que responder as enquetes e o questionário no *Instagram*. O questionário estava em formato de *post* no *feed*, eles respondiam em inglês de forma pública e inclusive convidavam outras pessoas¹⁰ que não faziam parte da turma para responder o questionário, o que era interessante.

De acordo com o propósito da pesquisa, previamente explicado, foi desenvolvida a seguinte dinâmica: um tema seria anunciado antes da aula pelo *Instagram* com questões de *pre-reading* sobre o assunto. Os estudantes então escolhiam uma música pelo *Instagram* que estivesse dentro da temática através da caixa de respostas da plataforma. A música mais votada seria a escolhida por parte dos alunos e, além dessa, havia ainda outra a ser escolhida pelo professor da turma. No dia da aula, as músicas em inglês seriam levadas com a ideia de ouvir, analisar e perceber o tema coletivamente, realizando apontamentos de acordo com suas impressões.

Algumas músicas foram pré-selecionadas de acordo com a temática que seria discutida naquela aula, cada música serviu como pretexto ou abertura para a discussão daquele tema.

¹⁰ Ressaltamos que, devido à organização do estudo, para esta pesquisa somente as opiniões e respostas dos estudantes regulares do curso foram consideradas.

Como os alunos precisavam escolher uma música que estivesse de acordo com o tema de discussão, escolhido e compartilhado previamente, e o professor também, haveria então, em cada aula, duas músicas a serem trabalhadas.

Conforme já mencionado, essa escolha da música era realizada por meio de enquete no *Instagram* onde os estudantes citavam o nome de uma música, a música que fosse mais citada seria a escolhida para participar das discussões junto com a música pré selecionada pelo professor. Isto foi feito esperando que todos ou a maioria dos alunos escolhessem coincidentemente a mesma música, já que havia um tema sugerido previamente. Surpreendentemente isso aconteceu em quase todas as ocasiões, na maioria das vezes os alunos pensavam na mesma música em comum que os colegas, reforçando a minha hipótese inicial de que determinados temas são representados com maestria por algumas músicas específicas e também a de que as interpretações dos estudantes e os pontos de vista relacionados à temática e à música coincidiam, o que também nos dizia muito a respeito do papel da música em nossas formações culturais e identitárias.

Assim, na segunda aula de coleta e para o segundo tema que era representação e identidade LGBTQIAPN+¹¹, os alunos escolheram uma das músicas através da enquete. Nesta enquete realizada no *instagram*, duas músicas foram as mais escolhidas. Uma delas já havia sido selecionada previamente por mim, a música “*Born This Way*”, então a segunda mais escolhida foi “*I Will Survive*”. No dia da aula, as questões que os alunos responderam no *Instagram* foram novamente abordadas em sala, até mesmo para abrir o debate novamente. Após conversarmos sobre as questões respondidas no *Instagram*, passamos para a parte de ouvir e analisar a letra da música geralmente acompanhada da letra e do clipe para termos uma visualização da expressão do artista na sua música por meio do clipe.

Uma terceira e última vez, para coleta de dados com o tema representação e identidade racial, seguimos o mesmo *script* e a mesma atenção no *Instagram* com a discussão sendo abordada em sala, ouvindo e analisando as duas músicas. “*Black Or White*” foi selecionada previamente por mim e “*I am not my hair*”, através do *Instagram*, pelos alunos. Após a reprodução da primeira música, debatemos sobre ela e o tema e em seguida passamos para a segunda música, bem como eles descobriam qual era a música que a turma havia escolhido. Novamente discutíamos sobre a música após a exibição com a letra.

Como mencionado anteriormente três temas foram selecionados por mim, professor-pesquisador, para discussão e pesquisa durante as aulas, são eles: representação feminina,

¹¹ Lésbicas, Gay, Bissexual, Transgênero, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual e Não binários. De acordo com o site <https://queer.ig.com.br/>

representação e identidade LGBTQIAPN+ e representação e identidade racial. Os temas foram selecionados por serem atuais, instigantes, necessários e também por estarem no cerne de nossas discussões atuais, enquanto sociedade que convive com e tenta combater as muitas formas de discriminação e violência que os grupos minoritários sofrem cotidianamente.

Cada um desses temas selecionados foi abordado com duas músicas, a primeira escolhida pelo professor e a segunda pelos alunos, conforme já mencionado. As músicas selecionadas foram: *Express Yourself* da artista Madonna e *The Man* da artista Taylor Swift para o debate sobre a representação feminina, *Born This Way* da artista Lady Gaga e *I Will Survive* da artista Gloria Gaynor para discussões sobre representação e identidade LGBTQIAPN+, *Black Or White* do artista Michael Jackson e *I am Not My Hair* da artista India Arie para discussões sobre representação e identidade racial.

Como uma forma de exaltar a qualidade da música ser atemporal, propositalmente músicas de diferentes gêneros e décadas foram escolhidas. Pop, Disco e R&B foram as sonoridades, contemplando desde a década de 70 até a década de 2010. Durante a pesquisa ainda foi realizado um contraste dessas músicas entre si, discutindo o mesmo tema de pontos de vistas diferentes baseados na época em que cada música foi criada e lançada. O contexto de identidade e representação, foi abordado na perspectiva da visão de cada época, conforme abordaremos na análise dos dados.

Deixo claro que foram utilizadas três aulas para a pesquisa, devido ao seguimento de conteúdos do próprio curso de idiomas que era também um dos objetivos da turma em si. A coleta destes dados aconteceu no início das aulas citadas, até mesmo como forma de praticar a conversação. A relevância não estava no fato de gostarem ou não da música, mas em como reagiriam às letras e, principalmente, à mensagem que estava sendo abordada por cada uma delas.

Após as aulas eu me sentava à mesa, com os dados que havia coletado por meio do gravador de voz, ouvia novamente as discussões que tínhamos tido em sala enquanto fazia anotações no caderno.

Eu analisei as respostas em sala em paralelo com as respostas que eles haviam feito no *Instagram*¹². Usei como base relacionar as teorias com os relatos dos alunos, e minha interpretação pessoal de acordo com o que debatemos durante a coleta de dados

¹² Em anexo, alguns prints dessas respostas no *Instagram*

Gostaria de deixar claro que eu nunca realizei uma entrevista com cada aluno para realizar perguntas pessoais ou conhece-los de forma não orgânica. Todo o conhecimento que adquiri sobre eles foi durante as aulas e de acordo com suas respostas no *Instagram*.

Tendo esclarecido questões relacionadas à forma como esta pesquisa foi realizada, passamos à apreciação dos dizeres e das teorias que embasaram o presente estudo.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo irei apresentar as teorias que fundamentam esta pesquisa. Começaremos por uma rápida introdução sobre a música de maneira geral, falando também sobre seu possível caráter político e ideológico. Em seguida abordaremos questões acerca de como a música pode expressar temas promovendo mudanças sociais e agindo em consonância com determinados movimentos como o feminismo, os movimentos relacionados às questões raciais ou empoderamento de minorias dentre outros.

Após falarmos da música e dessas vertentes, entraremos nos conceitos de identidade que, segundo Hall (2006), envolvem três noções de sujeito como o sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Ao falarmos de identidade, também abordaremos as questões relacionadas às (des)identificações, ressignificações e a ideia de representação de acordo com Hall (2006) que serão explicados a frente, bem como a necessidade do sujeito de se sentir representado por alguma identidade, o que nos fará voltar à questão da música e como ela é capaz de criar representações para sujeitos, dependendo da temática ou do público alvo. Mais sobre esses conceitos será retomado no decorrer desse capítulo.

3.1 Música, sujeito e ideologia

Sabemos que as músicas são uma forma de arte e expressão em geral e possuem diversas camadas, sejam elas na composição, estilo, sonoridade, ritmo e finalidade. Porém a profundidade da música vai muito além disso. Além de trazer um caráter artístico, geralmente as músicas tem como objetivo levar seu ouvinte a uma reflexão ou idealização de algo, seja sobre ele mesmo, o meio que vive, ou a sociedade em geral. São criadas com o propósito claro de causar reflexões no indivíduo, criando um impacto social ou pretendendo criar alguma mudança. Outras o fazem de forma velada ou não deixam transparecer tais objetivos, mas ainda assim não podemos dizer que possam ser neutras, apolíticas ou desprovidas de determinada ideologia, mesmo porque o posicionamento não-ideológico é, em si, uma ideologia. Nesse sentido é que afirmamos ser, a música, dotada de um caráter político-ideológico, estabelecendo questões de valores e representações que, segundo o que Ikeda (2007), nos:

grupamentos humanos hierarquizados, tanto por parte dos setores hegemônicos quanto pelo lado daqueles que se lhes opõem, a música tem uso político. De um lado, como elemento de distinção e identidade classista, servindo aos processos de dominação ideológica, de outro, como contestação destas e/ou como motivação para ações que visam à transformação da sociedade e também como forma de identidade e resistência, ou ainda, apenas para o desenvolvimento da realidade (IKEDA, 2007, p. 5).

Ou seja, a música possui o papel de impulsionar uma posição ideológica sobre questões sociológicas, exaltando ou contestando as identidades hegemônicas de “caráter superior”, levantando críticas e reflexões relacionadas a diversos tipos de tópicos, dependendo do objetivo específico daquela música. Para Ikeda (2007, p.5),

estamos num campo que envolve privilégios, preferências e visões de grupo ou classe, portanto no campo político. Isto, evidentemente, sem exclusão das demais funções e sentidos da música, relacionadas à estética, ao lazer, à identidade social, à sociabilidade e outras. Em diferentes graus estaremos no campo das relações de poder, imanência das relações sociais[...].

O que estamos pontuando aqui é que, para além das questões relacionadas à identidade social, estética e sem pretender remover o propósito divertido ou artístico da música, devemos nos atentar para o fato de que ela possui também um objetivo relacionado a questões de poder ao transmitir uma mensagem para um determinado público, e também alguma justificativa para a disseminação de um determinado discurso, principalmente quando envolve questões de identidade ou relações sociais.

Sobre essa posição política na música, Ikeda (2007) ainda considera que,

não será sempre que a questão política se explicitará na música, na forma de confissão consciente ou programático-partidária. Muito ao contrário, na maioria das vezes, a música de sentido político resultará da percepção intuitiva da realidade, como uma consciência política apenas potencial (IKEDA, 2007, p. 6).

Portanto, não é uma regra exata que toda música será criada com algum propósito além do artístico e para divertimento, ou estará nítido que ela possui algum caráter reflexivo político ou identitário. Vai depender de questões interpretativas, de ressignificações, de identificações que cada pessoa possua com aquela música e, portanto, de se associar aquela mensagem à sua própria realidade, seja ela pessoal ou social. E é justamente por isso que a música tem esse alcance fenomenal, visto que muitas pessoas vão escutá-la porque conseguiram identificar esses pontos de confluência, ou se viram representados, falados ou defendidos por ela, enquanto muitos não vão sequer se dar conta desse algo a mais tão valorizado por determinado público, específico ou não, o que, por sua vez, não a isenta de carregar seu caráter reflexivo, político, identitário e/ou ideológico.

Por falarmos de música com papel social nesse trabalho, com temas que abordam feminismo, *LGBTQIAPN+* e racismo, é importante citarmos os autores que ajudaram a fortificar essas discussões durante as análises de acordo com suas teorias e contribuições. Como Judith Butler (1990) com suas obras que abordam não apenas o feminismo como também os problemas de gênero, sendo citada em duas das análises.

Lélia Gonzalez (1988) grande feminista negra que em suas obras aborda temas como racismo e feminismo negro e o professor Kleber Aparecido da Silva que com suas obras e discussões sobre sermos uma sociedade antirracista, e racistas em desconstrução. Não deixando de lado também a relevância de outros autores que também tiveram suas obras consultadas para fortalecer um diálogo como: Nancy Fraser, Rosabeth Kanter e Gregory Herek.

Sendo assim, de acordo com Ikeda (2007, p. 6), “independente das músicas estarem, ou não, explícitas politicamente, estaremos neste terreno até na forma como se estabelecem as suas funções e significados, na conjugação das forças que dinamizam e compõem o cotidiano das sociedades”. A música tem seu propósito ideológico falando ou não diretamente de questões políticas, ela age como um influenciador social em massa ou até mesmo fazendo contraposição àquela massa.

No caso da música, por sua natureza polissêmica, variável em cada contexto e época, o seu uso na produção de sentidos simbólicos se faz de maneira bastante dinâmica, tanto assim que em todas as sociedades, em momentos importantes, ela se faz presente[...]. Em cada situação, adaptada ao evento praticado, a música servirá ainda para o estabelecimento de significados agregados, construídos na história própria de cada coletividade (IKEDA, 2007, p. 7).

Por isso, o uso da música em sala de aula com propósito ideológico e reflexivo deve acontecer de forma a se respeitar a interpretação, reação e significado para cada indivíduo durante a exposição da mensagem e conteúdo apresentados por aquela música, levando em consideração as diferentes realidades e o conhecimento de mundo de cada pessoa. O que não significa deixar de discutir os temas abordados em cada música, de forma a poder abrir os horizontes e, de alguma maneira, deixar a música cumprir também seu papel de fazer refletir sobre realidades outras.

Para Luz (2009), que como citada anteriormente realizou um trabalho similar ao nosso,

a motivação nas aulas de LE que utilizem a música como ferramenta de aprendizagem consiste em preparar o aluno para entrar em contato com o idioma que está sendo aprendido. Vários elementos podem ser trabalhados [...] (LUZ, 2009, p. 57).

Para muito além dessas questões, entendemos que as reflexões dos estudantes sobre uma mesma música podem ser diferentes, podem apontar posicionamentos que refletem sua visão pessoal e não necessariamente ter um curso de certo ou errado, o que irá nos apontar várias outras alternativas relevantes ao se levar a música para dentro da sala de aula de línguas. Em se tratando do propósito da composição de uma determinada música, Contier (1988) diz que,

[E]m geral, os compositores procuram negar quaisquer discussões sobre as possíveis conexões entre música e política, alegando que os sons simbolizam somente alegria, tristeza, liberdade, prazer, em suma, encaram a música como um fator abstrato e isolado, como uma arte que dialoga consigo mesma. Mas, como vimos, a música, ao longo da história, prendeu-se aos mais diversos sistemas políticos[...] (CONTIER, 1988, p. 108).

Nesse sentido, a visão de que os compositores procuram se isentar de questões políticas, ideológicas e identitárias em suas músicas na atualidade, é uma ideia que não tem mais base de apoio. Geralmente, o mesmo artista responsável por ser intérprete daquela música, também é o mesmo artista que a escreveu, inspirado em algum acontecimento de sua vida pessoal ou com propósito de levar alguma reflexão ao seu público específico, os fãs. E, na maior parte das vezes, é uma mensagem que tem como objetivo refletir sobre alguma questão sociológica, ideológica, política ou identitária.

Podemos ver exemplos não tão distantes, como quando a artista Madonna ainda no fim da década de 80, resolveu falar na música de autoria “*Express Yourself*” sobre a importância do empoderamento feminino, música que veio a se tornar um “hino” feminista de grande importância. Nessa música, a artista, que não apenas canta, mas também é responsável pela composição da mesma, teve como o objetivo levantar uma importante questão político-ideológica, a imagem da mulher na sociedade.

A música “*Black or White*” do cantor Michael Jackson, no início da década de 90 abordando o tema harmonia racial, faz um posicionamento político sobre o respeito à diversidade de etnias, culturas e cores. Novamente um artista usou sua composição e sua plataforma artística para levantar questões de representação e identidade, optando por tornar sua arte tudo, menos neutra.

Um último exemplo, levando para o lado do posicionamento ideológico do empoderamento das minorias, a música “*Born This Way*” da cantora Lady Gaga, que aborda a celebração da autolibertação, impulsionando a ideologia da mensagem de que todos nós “nascemos assim” e devemos celebrar isso, não importando sua raça, gênero ou sexualidade.

Usando esses exemplos como base, percebemos que a música em si possui características reflexivas nas questões identitárias. Devido à importância da música e também a sua ligação com as questões relacionadas à identidade, passo, a partir de agora, a abordar esse tema.

3.2 Identidade e Representação

Neste subcapítulo irei abordar os conceitos de identidade à luz dos estudos de Hall (2006), desde os conceitos iluministas até o pós-moderno. Será abordado também a forma como os sujeitos não estão mais condicionados a permanecer com uma única identidade, podendo inclusive assumir identidades temporárias, tentando se encaixar em uma certa tribo com identidades similares ou que se complementam. Em seguida haverá uma explicação sobre os tipos de representações, desde a mimese, passando pelo consciente, o pré-consciente e o inconsciente e fechando com o modelo pós-estruturalista.

Para Hall (2006, p. 8), identidade é um conceito “demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”. Segundo o autor, há algumas formas de se conceituar identidade e elas vão desde as mais tradicionais e imutáveis ligadas ao Iluminismo até a pós-moderna.

A primeira noção de identidade ligada ao sujeito do iluminismo era baseada na ideia do indivíduo “totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação”. Segundo Hall (2006), o centro seria o interior que está presente desde o nascimento do indivíduo e ia se desenvolvendo com seu crescimento, sendo que a essência permaneceria a mesma durante sua existência. Tal concepção é vista como a concepção individualista ou iluminista de identidade.

A segunda noção de identidade é a inerente ao sujeito sociológico que, para Hall (2006, p. 11), refletia “a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente” sendo formado através de relações com outras pessoas que intermediavam valores para aquele sujeito. Sendo assim, a identidade seria formada por meio de interação do sujeito com a sociedade. Segundo essa visão, o ser ainda possui sua essência interior, porém essa essência poderia passar por modificações ao interagir com o exterior. Esta noção de identidade cria uma relação entre o sujeito e a sociedade, havendo uma projeção do nosso eu nas identidades culturais e uma absorção de valores que se tornam nossos, criando uma ligação entre os sentimentos pessoais e o lugar preenchido no meio social. Sendo assim, Hall (2006, p. 11) afirma que a identidade passa a ser “costurada” entre sujeito e

estrutura, estabilizando “tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”

Todavia, alega-se que há uma mudança nesse sistema. Hall (2006, p. 12) afirma que o “sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. As identidades, que previamente formavam o social e garantiam um assentimento sobre as necessidades, começam a entrar em ascensão por conta das mudanças estruturais e institucionais. Hall (2006, p. 12) afirma que o “próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.”

Essa ressignificação de identidades traz à tona o que Hall (2006, p. 12) descreve como “sujeito pós-moderno”. O conceito de uma identidade fixa, essencial ou permanente é completamente eliminado de consideração. Esse sujeito pós-moderno, segundo o autor, não possui identidades fixas ou permanentes, sendo ela constantemente transformada ao decorrer da história, esse mesmo sujeito assume identidades diferentes dependendo da situação ou do momento.

Para Coracini (2003, p. 100) o conceito de pós-modernidade se encaixa como “uma versão radicalizada da modernidade, ou seja, ela não existiria como fim das grandes narrativas, mas como uma consequência da modernidade.” Em síntese, todas as visões de pós-modernidade, segundo Coracini (2003, p. 100), abordam “a fragmentação, a desintegração de tudo e de todos: do sujeito, do discurso, dos fenômenos, da realidade, e a postura de questionamento e problematização”.

Hall (2006, p. 13), ainda afirma a presença de “identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13)

Segundo Rajagopalan (2003, p.71) o conceito de identidade é “caracterizado por um estado perpétuo de mudança e vibração. É uma construção em constante evolução que passa por reconstrução contínua. Em todos os casos, as identidades são moldadas e ajustadas para acomodar o surgimento de novas circunstâncias”. Nos dias de hoje, a percepção da identidade é muitas vezes entendida como um processo contínuo de (re)construção. É reconhecida como

uma construção, em vez de uma entidade inata ou predeterminada e, como tal, necessita de afirmação contínua em vez de descoberta passiva (RAJAGOPALAN, 2002, p.77).

Em outras palavras, a identidade não se configura em um vazio; ela é influenciada, gerada e geradora de significados na intersecção das dinâmicas de poder, discursos, relações laborais (em um contexto de conflito entre capital e trabalho), linguagem, modos de consumo e vínculos de solidariedade. Nesse contexto, estabelecer a identidade implica uma busca constante por atribuir significados tanto a si mesmo quanto ao mundo ao redor, tornando praticamente inviável a concepção de identidades únicas, mas sim de identidades múltiplas. (HENNIGEN; GUARESCHI, 2006, p. 58)

Ou seja, o ser humano não está mais limitado a permanecer com uma única identidade durante toda a sua vida, ou a abandoná-la para assumir outra, podendo inclusive assumir temporariamente uma identidade para fazer parte de um círculo social de pessoas que partilham do mesmo princípio daquela identidade assumida. O sujeito aprendeu a assumir identidades com o objetivo de ser conveniente em determinada situação, para encontrar sua “tribo”, por influência sociológica ou midiática, sendo que esse sujeito adquire essas identidades interagindo em sociedade. De acordo com Ferreira e Nogueira de Alencar (2014) os sujeitos estão historicamente situados e vistos como unitários e sociais na interação e na prática linguística.

Segundo Gondar (2002), com relação à identidade do sujeito pós-moderno:

não há um “em si”, ou seja, não há uma identidade pronta e acabada, estabelecida a priori. A identidade aparece, ao contrário, como construída, ou melhor, em constante processo de construção e de reconstrução (Gondar,2002, p. 109).

Ainda falando sobre o conceito de identidade, Mercer (1990) diz que:

[D]e forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes - advindas, especialmente, da erosão da "identidade mestra" da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos (apud HALL, 2006, p. 21).

Sendo assim, novas identidades foram construídas à medida que a identidade predominante (branca, hetero, masculina, europeia) foi sendo disseminada. Rajagopalan (2002) diz que

[E]sses argumentos procedem na medida em que enxergam nos movimentos sociais, como pós-colonialismo, feminismo e todos os demais movimentos contra a hegemonia do centro, um certo conflito entre a meta político-transformadora e aquilo que podemos chamar de resquício da velha preocupação metafísica (RAJAGOPALAN, 2002, p. 86).

À medida que esses movimentos sociais ganham destaque e força, essas mesmas identidades vão se ampliando causando um “choque” de conflito com as identidades hegemônicas priorizadas pela sociedade em geral e vistas como a mais correta ou a mais agradável. Por isso, a reivindicação de identidade é constantemente apresentada pelo segmento marginalizado ou desprivilegiado da sociedade, que não tem acesso aos mesmos direitos e privilégios do grupo dominante.

Essa afirmação da identidade “é um meio para esses indivíduos exigirem reconhecimento e fazerem valer seus direitos, servindo como símbolo de resistência para os excluídos da ordem de direitos estabelecida” (FERREIRA, 2010, p. 25). “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpretado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (HALL, 2006, p. 21). Portanto, cada ser humano tem uma percepção diferente sobre o outro e nós temos uma percepção diferente do que a que os outros têm sobre nós, a mesma coisa vai do posicionamento e visão de mundo, pois o determinado posicionamento tem a ver também com a identidade da pessoa.

Antes de apresentar a identidade em conjunto com o campo semântico da representação, irei contextualizar e introduzir alguns significados atribuídos à palavra representação e pontuar sob qual deles nosso trabalho e nossas análises se assentam. De acordo com o dicionário Oxford, representação é ato ou efeito de representar-se ou exposição escrita ou oral de motivos, razões, queixas etc a quem de direito ou a quem possa interessar, mas este termo carrega ainda outros significados mais amplos. A Mimese, no contexto da representação, refere-se à imitação ou interpretação da realidade. Este conceito tem sua origem baseada na filosofia, principalmente nas obras de pensadores como Platão e Aristóteles. A palavra "mimese" vem do grego antigo e significa "imitar" ou "representar". Aristóteles, em particular, fala sobre imitação em sua Poética. Segundo Lemos (2009), analisando nela aspectos diversos,

chegando a refletir sobre a possibilidade de a imitação não só reproduzir coisas que são produzidas na natureza, mas também permitir ao homem se ajudar e completar para si aquilo que a natureza não lhe proporciona. (LEMOS, 2009, p. 84).

Aristóteles vê a imitação (mímeses) de modo positivo, segundo Lemos (2009). Para Aristóteles,

trata-se de um processo que é compartilhado tanto pela natureza, como pela arte; é dessa forma que interpretamos a famosa afirmação de que “a arte imita a natureza”. Assim, em lugar de associar a imitação ao falso e enganoso, a imitação da natureza por parte da arte não é um retratar, realizar uma simples cópia do real, mas um fazer como, produzir à maneira de (imitar um processo). Imitação como produção. A distinção estaria no caso de que a natureza teria um princípio interno, enquanto a arte um princípio externo e acidental (LEMOS, 2009, p. 84, grifos no original).

Ele acreditava que a arte, especialmente a tragédia, era uma forma de imitação da natureza. Aristóteles afirmava que a imitação é o principal meio do homem de compreender o mundo ao seu redor.

Para Freud (1900) a representação desenvolve a visão de que a mente consiste em diferentes sistemas de representação. O consciente é o patamar em que as manifestações são facilmente compreendidas e estão disponíveis, como ideias e sensações que o indivíduo pode expressar diretamente. O pré-consciente que trata dos pensamentos e memórias que não são imediatamente claros, mas que podem facilmente vir à mente, como quando uma pessoa tenta lembrar um nome ou um evento. E o inconsciente é a parte que lida com as manifestações mais reprimidas, como necessidades e desejos, que não podem ser compreendidos, mas que ainda influenciam o comportamento e o pensamento. Cada um desses sistemas processa informações de uma maneira específica. Temos, a partir dos dois primeiros conceitos, um posicionamento de sujeito calcado no iluminismo, o sujeito cartesiano ou cognoscente, senhor de suas vontades e capaz de exercer controle sobre si mesmo por meio da razão.

Silva (2014, p. 90) afirma que o conceito pós-estruturalista de representação recusa a visão clássica de representação concebida como um sistema de significação e, assim, são descartados “os pressupostos realistas e miméticos associados com sua concepção filosófica clássica. Trata-se de uma representação pós-estruturalista.”

Silva (2014) teoriza que se rejeita principalmente qualquer conotação psicológica ou qualquer conexão com o que é chamado de imanência mental, pois no registro pós-estruturalista

a representação é concebida unicamente em sua dimensão de significante, isto é, como sistema de signos, como pura marca material. A representação expressa-se por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral. A representação não é, nessa concepção, nunca, representação mental ou interior. A representação é, aqui, sempre marca ou traço visível, exterior” (SILVA, 2014, p. 90).

Ainda falando sobre representação no modelo pós-estruturalista, Silva (2014) faz um adendo sobre a linguagem e como ela está presente e interligada nesse conceito, afirmando que na perspectiva pós-estruturalista, o conceito de representação incorpora

todas as características de indeterminação, ambiguidade e instabilidade atribuídas à linguagem. Isto significa questionar quaisquer das pretensões miméticas, especulares ou reflexivas atribuídas à representação pela perspectiva clássica. Aqui, a representação não aloja a presença do "real" ou do significado. A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder (SILVA, 2014, p. 91).

De acordo com Rajagopalan (2002), a linguagem e a representação desempenham um papel crucial na construção e afirmação da identidade. O autor argumenta que as políticas de representação “são de extrema importância em relação à identidade, pois é por meio da representação que novas identidades são consistentemente afirmadas e reivindicadas”. Portanto, é imperativo examinar cuidadosamente o papel da linguagem e da representação na formação, afirmação e reivindicação de identidades tanto para indivíduos quanto para grupos sociais (RAJAGOPALAN, 2002, p.86).

Após falar sobre os conceitos de identidade e representação, iremos entrar agora na parte destinada à linguagem. Primeiro abordaremos a linguagem em seus estudos e esforços de compreensão e interpretação do significado e, em seguida, a subdivisão nas três principais áreas de estudo do significado, a saber: Sintaxe, Semântica e a Pragmática. Após breve contextualização, iremos dar ênfase na Pragmática e em seus estudos do significado, do contexto e da interpretação.

3.3 O Lugar da Linguagem: a Linguagem e a Ação

A linguagem é um objeto complexo de análise, tanto que Pires de Oliveira (2012, p.50) afirma que “somente deixando coexistir diferentes abordagens, somente espiando a linguagem por diferentes buracos de fechadura, poderemos um dia chegar a compreendê-la melhor”. Sabemos que a linguagem envolve, mas não se limita a, um sistema complexo de comunicação relacionado à utilização de símbolos, como palavras e gestos, para expressar significados e transmitir informações entre indivíduos que, nem sempre, podem ser acessados com facilidade. Devido às muitas dificuldades associadas à compreensão da linguagem, aos fatos linguísticos e

à ação inerente ao ato de falar, questões relacionadas ao significado dos falantes e ao significado das sentenças linguísticas ocuparam as mentes de muitos estudiosos mesmo antes de a linguística ser estabelecida como ciência.

São tantas as questões a serem discutidas que, dentro do campo de investigação da linguagem ligada aos estudos do significado, há uma subdivisão em três principais áreas. Segundo Pinto (2012) são elas

a Sintaxe, que trataria da relação lógica entre as expressões; a Semântica, que estaria responsável por tratar da relação entre expressões e seus significados; e a Pragmática, que estaria responsável por tratar da relação entre expressões e seus locutores e locutoras (PINTO, 2012, p. 60).

Sabemos que a sintaxe está encarregada de estudar a estrutura das sentenças linguísticas, incluindo como as palavras são organizadas e combinadas para formar frases gramaticais, referindo-se às regras que regem a construção de sentenças em um determinado idioma. Por outro lado, a semântica é um ramo da linguística que estuda o significado de palavras, frases e expressões e como esses significados estão relacionados na comunicação linguística, preocupando-se em compreender como as palavras e as estruturas linguísticas contribuem para a transmissão de significado.

E então chegamos à Pragmática, campo de estudo da linguagem e forma de definir o que vem a ser esse fenômeno em nossas vidas, que melhor conseguiu nos ajudar quando nos propomos às análises que abordaremos mais adiante. Os estudos pragmáticos tem como foco a investigação acerca de como o contexto influencia na interpretação do significado na comunicação. Em outras palavras, a Pragmática concentra-se na relação entre os elementos linguísticos e o contexto em que são utilizados, estudando como as intenções do falante, as situações de comunicação e o raciocínio influenciam a compreensão do significado.

Nada mais adequado, em se tratando dos objetivos desse estudo, que utilizar a visão Pragmática de linguagem, haja visto que nessa pesquisa em particular estamos lidando com músicas, suas letras, expressões e palavras que, apesar de carregarem seus significados literais descritos em dicionários, foram trazidas à tona e, em muitos casos, tiveram seus sentidos transmutados, exacerbados, subvertidos ou mesmo completamente modificados para servir a propósitos que somente naquele contexto específico de produção e divulgação poderiam ser reconhecidos e causar o impacto que causam ou causaram em públicos específicos, capazes de gestos de (des)identificação, (des)adesão conforme os que poderemos verificar adiante.

Dito isso, acrescento que a Pragmática nos é cara nesse estudo, pois também está relacionada com os estudos da linguística aplicada pela “preocupação de trabalhar com dados recolhidos da vida pelos usuários da língua”, Rajagopalan (1999, p.32). Rajagopalan (1999, p. 32) ressalta ainda que “a grande variedade de assuntos tratados é prova de que a Pragmática mantém vínculos com muitas outras disciplinas, assim como muitas das demais subáreas dentro da linguística”.

A Pragmática segundo Rajagopalan (1999), está em posição transitória, articulatória, tomando como ponto de partida um contexto ou situação social específica, onde surgem problemas específicos relacionados com o uso da linguagem na sociedade. Dentro da Pragmática há uma subdivisão de papéis. Uma delas é a Pragmática social, também conhecida como sociopragmática que, para Rajagopalan (2003), é um campo que examina a relação entre situações sociais e o uso da linguagem em contextos pragmáticos. Ele enfatiza que a linguagem não pode ser separada das estruturas sociais que a influenciam e moldam e que o significado e a definição dos atos de fala estão enraizados em situações sociais específicas, cujo objetivo é o estudo de como as condições sociais influenciam a linguagem, levando em consideração fatores como papéis sociais, sistemas de classes e normas culturais.

Há a Pragmática cognitiva que, para Rajagopalan (2001), é uma abordagem que pode ser vista e criticada, especialmente pelo seu foco nos modelos mentais e pela tendência de isolar a linguagem dos seus contextos sociais e culturais. Rajagopalan (2001) argumenta que os estudos cognitivos, embora úteis para compreender como os processos cognitivos influenciam a interpretação da linguagem, ignoram o importante papel dos fatores sociais e contextuais no processamento da linguagem. Se concentra nas estruturas cognitivas por trás da produção e compreensão da linguagem e explora como o cérebro processa informações para produzir significado prático.

Tendo definido, ainda que brevemente, o que está em jogo e o que se pretende ao tomar a visão de língua sob o aspecto da Pragmática, resta-nos ainda abordar uma outra questão em relação ao tipo de abordagem da Pragmática que está em foco neste trabalho que é a questão da ação envolvida em cada ato de linguagem. Para isso, tomamos os estudos de Austin, para quem a Pragmática refere-se principalmente à análise dos atos de fala e as condições sob as quais esses atos terão sucesso ou não. Austin foi um filósofo da linguagem que desenvolveu a teoria dos atos de fala por meio de suas palestras pioneiras e trabalhos sobre “*How to Do Things with Words*” ‘Como fazer coisas com palavras’.

Para Austin (1962/1990), os atos de fala estão classificados como expressões cuja característica é marcada pela “força ilocucionária” exercendo a capacidade de deliberar como

a mensagem ou o ato em si deve ser compreendido pelo interlocutor, seja um pedido, uma ordem, uma possibilidade, uma ameaça, etc. Ou seja, o ato de fala só será considerado efetivo se o interlocutor compreender o verdadeiro propósito referente à intenção do autor do ato, intenção essa que não pode ser garantida a priori por nenhum dos interlocutores e será determinada por uma série de fatores que escapam, inclusive, à vontade de quem profere o ato.

Para Austin não é mais interessante ou mesmo necessário considerar como objeto de análise

a estrutura da sentença com seus elementos constitutivos, isto é, o nome e o predicado, ou o sentido e a referência, mas as condições sob as quais o uso de determinadas expressões linguísticas produzem certos efeitos e consequências em uma dada situação (MARCONDES, 1990, p. 11-12).

Segundo os estudos de Austin, nas palavras de Marcondes (1990), o conceito de “significado se dissolve, dando lugar a uma concepção de linguagem como um complexo que envolve elementos do contexto, convenções de uso e intenções dos falantes” e, ainda segundo o autor, para Austin, “a investigação filosófica da linguagem deve realizar-se com base não em uma teoria do significado, mas em uma teoria da ação” (MARCONDES, 1990, p. 11).

Inicialmente, Austin (1962/1990) separou os enunciados em duas categorias: os performativos, ou seja, os que realizam ações ao serem pronunciados ou proferidos, e os enunciados constativos que são os que aparentemente somente contemplam uma afirmação ou uma constatação. A frase “Te encontro amanhã”, por exemplo, de um ponto de vista puramente enunciativo, é apenas uma declaração de ação futura. Porém, se esta frase foi pronunciada em um contexto específico, como uma conversa entre amigos fazendo planos para o dia seguinte, ela pode ser interpretada como um ato de fala de promessa ou compromisso para o dia seguinte.

Austin argumentou que compreender os atos de fala é essencial para compreender plenamente a linguagem porque muitas vezes não apenas transmitimos informações, mas também realizamos ações como promessas, solicitações e afirmações por meio da fala. Nesse sentido, enunciados como “concordo em voltar mais tarde” ou “permito que você entre primeiro” não seriam constatações, mas performances porque são ações ditas diante do locutor em um local específico e, no segundo caso, não é uma descrição da realidade, mas uma expressão de concordância na consecução de algo. E, nesse sentido, Austin (1962/1990) evolui suas reflexões ao ponto de afirmar que não existem enunciados puramente constativos, pois se algo é dito, é porque há ou houve a necessidade de dizê-lo e essa necessidade por si só já se sobrepõe e vai além da constatação uma realidade tão somente. Tendo abordado brevemente a forma como enxergamos e tomamos a linguagem nesse estudo, passamos à forma como

entendemos o sujeito. Voltaremos mais adiante às questões relacionadas à linguagem em sua visão performativa quando aprofundarmos um pouco nos estudos de Austin (1962/1990) e Ottoni (2002).

Votre (2002) afirma que, na perspectiva dos estudos pragmáticos, os sujeitos são entidades linguísticas que podem ser delimitadas e singularizadas como uma teia de crenças e desejos, com base na linguagem. Para ele, o sujeito

tende a ser conceituado como o conjunto de enunciados, atitudes, estados, condutas ou processos intencionais formados por termos linguísticos elementares, como: sensações, sentimentos, emoções, pensamentos e expectativas (VOTRE, 2002, p. 89).

Para Votre (2002), cada um de nós se constrói e se faz de acordo com material discursivo e, nesse sentido, em nossa incorporabilidade e em nossa versão mais oculta, somos signos linguísticos.

Para Ottoni (2002), do ponto de vista performativo da linguagem, há uma reviravolta inesperada no problema da referência, isso significa que verdade e mentira são conceitos que não terão mais relevância ou prioridade e o sujeito passa a desempenhar um papel fundamental no funcionamento de qualquer frase performativa. Baseado nos estudos de Austin (1962/1990), Ottoni (2002, p. 137) afirma que “uma vez que a maneira de se ver mantém relações com as circunstâncias que envolvem a enunciação” o sujeito vai

se constituir não somente através das palavras, mas também das circunstâncias nas quais elas são empregadas. Dito de outro modo, numa versão mais forte da visão performativa, o que vai importar não é o que o enunciado ou as palavras significam, mas as circunstâncias de sua enunciação, a força que ela tem e o efeito que ela provoca (OTTONI, 2002, p.137).

Sendo assim, não é apenas a música e sua letra que for estudada e analisada, mas também como ela foi ouvida, como eles receberam a letra, a mensagem, qual a interpretação deram a ela e qual o efeito que ela causou no seu posicionamento no momento de fala. Considerar esses aspectos ao se propor discussões a partir da música é considerar a ação exercida pela música naqueles que se dispuseram a considerá-la. Ação essa que é mediada pelo contexto e pela identidade, pelos posicionamentos ideológicos e pelas identificações de cada um dos participantes. Considerar a música por esse viés é também considerar a performatividade do ato de linguagem inerente à sua letra e à sua execução. E nesse momento podemos perceber como

o autor e interprete dessa música está intrinsecamente ligado àquelas palavras. Ottoni (2002) assevera que isso acontece, pois o sujeito não consegue se separar do seu objeto de fala e, portanto, não consegue analisar esse objeto de fala desconectado do sujeito. Assim, para Ottoni, o “eu” aparece primeiramente no pensamento de Austin como uma “entidade extralinguística”, um sujeito que pode empiricamente casar, batizar, etc. realizando um ato de fala”. Mas esse “eu” passa a “integrar-se à linguagem e a tornar-se parte indispensável dela” pois o ato de fala em si não é suficiente para realizar a ação (OTTONI, 2002, p. 134). Lembrando que a ação iniciada pelo “eu” autor e/ou interprete da música se completa no “eu” ouvinte, onde ressoam aquelas palavras que encontram morada, as mais diversas possíveis, de acordo com os *uptakes* possíveis a cada um. A esse respeito, Ottoni, comungando das palavras de Austin, afirma que

qualquer enunciado tem, implicitamente, um sujeito, um ‘eu’ que produz a fala; o significado depende do sujeito e do momento da sua enunciação. Austin parte de um ‘eu’ com a linguagem e chega a um eu na linguagem e da linguagem. O ‘eu’ não tem sozinho o domínio da significação: ele se constitui no momento de sua enunciação, na interlocução. Para este ‘controle’ do significado, Austin utiliza o conceito de *uptake*. O ‘eu’ não deve mais ser confundido com o ‘sujeito’ falante empírico, uma vez que é só através do *uptake* que se constitui o ‘sujeito’ (OTTONI, 2002, p. 134, grifos no original).

Austin propôs uma investigação minuciosa sobre como as palavras são usadas para realizar ações, além de simplesmente ter um propósito descritivo da realidade. Ele examinou como as declarações linguísticas podem ser usadas para realizar ações performativas, como prometer, ordenar, agradecer, entre outras. Segundo Ottoni

em qualquer situação de fala não há um ‘controle’ do sujeito (falante) sobre sua intenção, já que ela se realiza, juntamente e através do *uptake* (com seu interlocutor). O *uptake* é então uma condição necessária do próprio ato (de fala), e é ele que produz o ato (OTTONI, 2002, p.135, grifos no original).

Após leituras e exames aprofundados dos estudos de Austin e Ottoni, entendemos *uptake* como o que a pessoa entende por meio do que é dito e o que nem sempre é dito com um propósito específico. Assim, em variadas situações, o que é dito pode ter muitos significados, significando mais do que apenas palavras, e isso depende de quem o disse, para quem disse e em que contexto. A música “*Express Yourself*” talvez não tenha sido lançada pela cantora Madonna com o propósito de ser um hino feminista para os anos 90, a letra inclusive não deixa completamente clara sua posição, todavia a forma como a sociedade na época compreendeu a

mensagem e escolheu levar para o lado do empoderamento feminino, com Madonna reafirmando sua posição como uma mulher forte que disputava em uma indústria marcada por homens, inevitavelmente tornou a música um marco para o feminismo.

Com as músicas podemos dizer que, dependendo da temática, do artista e da abordagem ela já terá como objetivo alcançar um certo público alvo ou uma tribo. Quando a cantora Taylor Swift compôs a música “*The Man*” o público alvo dela foi as mulheres, satirizando e ironizando como o homem na sociedade tem um passe livre para quase tudo, especialmente no mundo dos negócios e do trabalho, enquanto a mulher é motivo de críticas e ataques. E como seria se a mulher pudesse agir da mesma forma, sendo literalmente “o cara”? O Objetivo, claramente, foi representar todas as mulheres que se sentem nessa posição.

Porém, o efeito que a arte na música causa nas reflexões de cada ser humano é quase imprevisível. Cada pessoa pode reagir, interpretar ou ressignificar de forma diferente e pessoal a mesma mensagem transmitida na letra ou no videoclipe daquela música e ainda decidir o que fazer com aquela nova informação ou tendência, como também não fazer ou pensar nada. Por exemplo, a música da cantora Gloria Gaynor “*I Will Survive*” é sobre sobreviver a um término de relacionamento doloroso se formos analisar apenas a letra em questão, porém a música ganhou força e importância para a comunidade LGBTQIAPN+ como um hino de resistência e identidade.

Conforme o que as pessoas entendem e a relevância que dão a determinada música, pode haver identificações e afiliações, fazendo com que comunidades identitárias se formem ou se transformem e é esse um dos interesses principais dessa pesquisa: identificar as ressignificações e os pontos de identificação e as razões dessas identificações, ou seja, o alcance das músicas para além da sala de aula de língua inglesa. Mas por que as músicas mexem tanto com algumas pessoas que se identificam e não dizem nada a outras que não se identificam ou não são daquela "tribo"? O primeiro ponto chave já está na palavra identificação que, para Coracini (2003), não é um processo permanente ou estático e é influenciado pelo contexto social. Nesse caso, a mensagem daquela música se torna especial ou importante para aquele determinado grupo ou público pela identificação com o que está contido ali, o quanto aquela música descreve alguma característica ou particularidade da identidade que ali é representada.

Talvez ainda desperte o interesse de um público não esperado, que simpatizam com a mensagem ou propósito ou até mesmo que esteja apenas apreciando o propósito artístico. Bem como temos o oposto, às vezes o apelo daquela música não causa comoção ou alguma reflexão a alguém que não seja daquela “tribo”. Justifica-se que boa parte não entende, ou não se identifica com tal comoção e “gratidão” pela mensagem transmitida por aquela música, por não

vivenciar o contexto abordado ou por não estar inscrito naquela identidade, seja no momento ou no decorrer de sua vivência.

Como destaca Santos (2014, p. 289), pensar “a linguagem como ação pressupõe um determinado conceito de sujeito” que seria responsável pelo que se faz a partir do que se diz. Porém, como mostra o autor, confirmando as palavras de Ottoni (2002), não se pode presumir que o falante seja de alguma forma o único responsável pela ação causada pelo enunciado dado ou mesmo que ele tenha o controle do significado e o alcance do que é dito – por isso nos valemos da noção de *uptake*: porque a ação realiza-se apenas com base na percepção e completa-se apenas com base nas relações dos interlocutores que, por sua vez, depende do contexto.

A música “*Born This Way*” teve grande repercussão, tanto positiva quanto negativa, por conta da forma como a mensagem da música foi compreendida pelos diferentes ouvintes, inseridos em suas diferentes tribos, com suas próprias questões identitárias. Nesse sentido, por um lado a narrativa “Nasci assim” abarca e provoca a adesão de pessoas que nasceram com identidades que a sociedade negativamente condena ou crítica e, devido a esses sentimentos de pertença, determinadas pessoas não sentiram outro sentimento além de libertação e acolhimento com o conteúdo lírico da música. Para além do impacto positivo em muitos grupos, não podemos afirmar que artista e compositora da música citada, Lady Gaga, tenha criado a música citada com o propósito de causar revolta religiosa ao citar na letra que “Deus não comete erros”. No entanto esse foi o *uptake* de vários outros grupos, principalmente de seguimentos religiosos, devido à uma percepção da letra enquanto uma forma de blasfêmia.

Por essas e outras experiências podemos afirmar que cada ser humano é uma construção de diversos fatores ao seu redor, fatores esses que refletem, por sua vez, em todos os campos de sua vida. Gondar (2002, p. 108) afirma que a “relação entre linguagem e identidade é, assim, uma relação de adequação: à identidade do conceito deve corresponder o sentido único da palavra que o expressa”. Gondar (2002, p. 110) ainda diz que “no lugar da identidade, temos um sujeito concebido como uma rede de crenças e desejos. Crenças e desejos que se constroem a partir da linguagem, ou, mais especificamente, a partir do uso da linguagem.”

O sujeito utiliza a linguagem como uma forma de se auto-formar como alguém que possui ideias e crenças, bem como utilizará a linguagem para comunicar suas interpretações de determinado assunto, imprimindo assim nelas sua identidade e forma de pensar. Nesse sentido, um homem hetero-cis de religião cristã e de extrema direita, pode talvez não concordar com pautas e temáticas abordadas em músicas com foco a um público específico e de minoria como as músicas que as “divas pop” lançam como “hinos sonoros” para o público LGBTQIAPN+.

Ou uma mulher branca compreender a necessidade e urgência da música de algum artista ser utilizada como porta voz para pessoas de afro-descendência e defender pautas que para aquela pessoa não são necessárias. Mas o fato é que, não é necessária para aquela pessoa, por não ser uma identidade que a pessoa precise sentir representada, já que a mesma não faz parte.

E, nesse sentido, podemos chamar à discussão a questão dos pontos de identificação. Para Coracini (2003) os pontos de identificação são aspectos da linguagem que contribuem para a formação da identidade e da subjetividade de um indivíduo ou de um grupo. Podendo ser expresso por meio de palavras, expressões ou discursos que refletem uma posição social, cultural e ideologia de uma pessoa ou comunidade. Tais pontos de identificação são relevantes, pois a linguagem não desempenha apenas o papel de meio de comunicação, mas também a de construção e expressão da identidade pessoal e coletiva.

Muitas vezes, o sujeito tende a crer que sua identidade é única, que é completamente ‘original’ e não possui influência de algum determinado grupo ou meio social. Sobre isso Rajagopalan (2002) afirma que

de todas as identidades, a do indivíduo é a mais difícil de ser pensada diferentemente, isto é, como algo em constante processo de (re)construção. Afinal, numa cultura marcadamente individualista como a nossa, a crença na própria individualidade é entendida, não sem razão, como a primeira garantia de sobrevivência (RAJAGOPALAN, 2002, p. 77 – 78).

Some-se a isso o fato de que as identidades estão sempre em processo de transformação, independente do sujeito estar consciente dessas mudanças ou não. O meio social que alguém está inserido vai refletir diretamente em suas características. A esse respeito, Rajagopalan (2002) afirma que

se a identidade de quem pensa é entendida, dentro da tradição racionalista, como algo pronto e acabado, e propício a ser estudado enquanto tal, a identidade dos objetos que o cercam, que compõem o chamado “mundo real”, também tende a ser entendida como algo dado de antemão, de forma alheia à vontade humana (RAJAGOPALAN, 2002, p. 78).

Para Woodward (2014, p. 10) a “construção de identidade é tanto simbólica quanto social.” Novamente levantando a influência sociológica sobre o indivíduo, e como ele reage, Woodward (2014, p. 14) diz que o “social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades” sendo a

parte simbólica responsável pelas relações sociais, influenciando quem é incluído e quem é excluído, por meio de uma distinção social.

Ao falarmos do conceito de identidade, voltamos novamente à representação. O sujeito encontra-se representado ou acredita que é representado à medida que aquela identidade lhe concede acesso a possíveis necessidades que ele tenha. Segundo Woodward (2014, p. 16), a “representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos.”

Woodward (2008, p. 17) ainda argumenta que as representações incluem práticas semânticas e sistemas de símbolos porque, como diz a autora, “através dos significados que as representações produzem, damos sentido às nossas experiências e a quem somos” (Woodward, 2008, p. 17). Além disso, segundo a autora, “os sistemas de discurso e expressão criam um espaço onde os indivíduos podem se colocar e se expressar” (p. 17), construindo assim identidades individuais e grupais. Claro, deve-se enfatizar que “toda prática significativa envolve relações de poder, incluindo as forças que determinam quem está incluído e quem está excluído” (p.18).

Hall (2006, p. 17), diz que a representação é “um quadro linguístico e cultural que funciona para gerar e atribuir significado, desempenhando assim um papel na colocação de indivíduos dentro de uma comunidade ou sociedade específica”. Para Silva (2008, p. 91) a representação pode ser entendida como um sistema que engloba aspectos linguísticos e culturais. Esse sistema é “arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder”.

Nós temos a necessidade de nos sentirmos representados e contemplados por algo, seja uma música, um livro ou um filme que fale diretamente com suas experiências de vida ou a pessoa que você acredita ser. A esse respeito, Woodward (2014, p. 19) afirma que é “por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”. Silva (2008) ainda diz que, quem tem o

poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. No centro da crítica da identidade e da diferença está uma crítica das suas formas de representação. (SILVA, 2008, p. 91)

Uma das vertentes de grande referência no conceito de representação são as mídias, que atualmente são as maiores influenciadoras em questão de representação identitária. O ser que

antes estava limitado a ter apenas uma ou duas representações, hoje pode escolher como é representado e como ele tem voz dentro daquele espaço. A mídia age não apenas como uma formadora de opinião, mas também como uma influenciadora, que para Woodward (2014, p. 17) “nos diz como devemos ocupar uma posição de sujeito particular”. Sendo assim a

representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2014, p. 18).

O sujeito é condicionado a acreditar que as respostas para tais questionamentos, estão presentes em forma de representação, uma representação que pode ser espelho de sua experiência ou vivência, ou que, por ser oposta à sua vivência, faz com que ele deseje adquirir tal identidade e o leve a dar crédito ao enunciado, o que para Woodward (2014, p. 25) é classificado como “identidades que podemos nos apropriar e que podemos reconstruir para nosso uso”. É nesse sentido que, segundo Hall, (2006, p. 21) a questão da política de representação adquire suma importância, pois é através da representação que novas identidades são constantemente afirmadas e reivindicadas” referindo-se ao conceito de haver uma representação mais justa e inclusiva de grupos sociais que historicamente foram excluídos ou sub-representados no processo político. E, nesse sentido, para Rajagopalan (2002) só há identidades se tiver quem as reivindique.

Outro fator inegável na presença e na influência da representação identitária, é o fenômeno da globalização. Ele trata de impulsionar as identidades. A respeito da globalização, Hall (2006) afirma que,

uma de suas características principais é a "compressão espaço-tempo", a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância (HALL, 2006, p. 69).

A globalização se dá entre a interação de questões econômicas e culturais que alteram a forma de produção e consumo que, por consequência, criam mais identidades. Observamos como a eclosão de possibilidades, mudanças e transformações globalizadas colocam em ênfase as questões identitárias (WOODWARD 2014, apud ROBINS, 2014, p. 21). Para Woodward

(2014), essas identidades que foram criadas pela cultura acabam por serem confrontadas de forma singular no mundo pós-moderno.

Levando em consideração o que foi dito até agora sobre identidade e representação, é necessário citar outra vertente. Juntamente com as identidades, surgem as linhas de diferença, sendo divididas não apenas por questões de representação, mas também exclusão social, pois, segundo Woodward (2014), a identidade é dependente da diferença e, em relações sociais, a parte simbólica e social são definidas pela classificação. Para a autora,

um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles; eu/outro (WOODWARD, 2014, pg. 40).

Geralmente quando essa divisão se dá somente entre dois grupos vemos a formação de um grupo privilegiado, incluído e com poder de ditar as regras para o outro grupo, que é sempre excluído e mal representado pelo grupo hegemônico, que acaba adquirindo o poder de representá-lo.

Tal classificação ocorre pelas diferenças, o que, segundo Woodward (2014), pode ser de forma negativa por questões de exclusão ou intolerância pela diferença, porém pode ser algo que possa ter seu ponto positivo e ser bem quisto, levando em conta a grande diversidade, pluralidade e oportunidade de um determinado grupo ou movimento ganhar voz e espaço. Segundo Gondar (2002, p. 114) “tudo depende da maneira pela qual concebemos a identidade e como concebemos o fundo a partir do qual essa figura emerge”. Sendo que esse fundo

é composto por jogos de poder, por um campo de forças em confronto lutando por se afirmar, a identidade deixa de ser pensada como mesmidade ou unidade. Ela pode emergir como produto da sobreposição e dos deslocamentos da diferença (GONDAR, 2002, pg. 114).

Ou seja, ela inclui a oportunidade de celebração das identidades que são consideradas pela hegemonia como constrangedoras, como por exemplo a identidade sexual que não segue um padrão heteronormativo, quebrando assim a ideia de que há a “importância de identificar um outro para, em seguida, demonizá-lo como condição essencial para dar a si próprio uma nova identidade e uma nova razão de ser” (SAID, 1978, p. 13).

Ao falarmos sobre celebração de identidades podemos utilizar como exemplo válido, a música. A música, conforme já averiguamos, vai muito além de um gênero discursivo

secundário formado por melodia, ritmo e composição. Dependendo do caráter e do propósito, a música tem como objetivo representar algumas ou diversas identidades e carregar um tipo de mensagem para o grupo que pertence a aquela determinada identidade.

Quando falamos de identidade, por exemplo, são diversas as músicas que falam sobre a celebração da sua identidade pessoal, criando espécies de “hinos” que funcionam como refúgio ou como impulso para aquele determinado grupo de pessoas ou pessoas em geral. Músicas que falam sobre abraçar sua identidade e suas diferenças, ou músicas que causam uma reflexão de como sua identidade atual se encontra. São discursos que influenciam nas mudanças ou aquisição de novas identidades dos sujeitos. Ou seja, os sujeitos são, assim,

sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades (WOODWARD, 2014, p. 56).

Um dos papéis da música é submeter os sujeitos a esses discursos, cabe às pessoas decidirem como irão assumir a identidade influenciada por aquele discurso e como fazer uso dele. Dito isso, é interessante notar, por exemplo, como os próprios artistas da música assumem identidades temporárias em cada uma das fases de sua carreira, como maneira de, não apenas manter seu público entretido, mas também por desafio artístico.

Novamente citamos artistas do mundo musical, como Madonna e Lady Gaga, que constantemente assumem uma nova identidade a cada era de sua carreira, com o propósito de abordar um tema diferente da era anterior, entre esses temas podem abordar por exemplo questões sobre feminismo, religião, liberdade de expressão, gênero e sexualidade e afins. Todas de formas diferentes e por meio da arte, criando novas identidades para que o público se identifique, e se sinta representado.

O que reforça a ideia de que, apesar do discurso de que a música tenta não se apoiar em questões político-ideológicas, ela não se obriga a seguir esse padrão, podendo sim acatar reflexões e posicionamentos. Tendo discutido as bases teóricas deste trabalho de pesquisa, passamos às análises dos dados.

4. RESULTADOS E ANÁLISE

Neste capítulo irei realizar análise dos dados em uma tentativa de verificar as ressignificações, identificações, afiliações e ou adesões dos alunos em relação aos temas levantados nas músicas para assim poder responder às perguntas de pesquisa outrora propostas. Conforme já tratado na parte destinada à exposição metodológica deste estudo, esses dados foram coletados por meio de enquetes e perguntas no *Instagram*¹³ e debate em sala de aula, todos os dados foram publicados no Instagram do CECLLA, de forma aberta, pública e com aval dos alunos.

Como já mencionado algumas vezes, três temas foram selecionados por mim para discussão e pesquisa durante as aulas, são eles: representação feminina, representação e identidade LGBTQIAPN+ e representação e identidade racial. Esses temas foram desenvolvidos em uma aula por semana durante três semanas não consecutivas, de maneira separada, na mesma ordem que foram mencionados. Cada um desses temas foi explorado com duas músicas por tema, a primeira escolhida pelo professor e a segunda pelos alunos, conforme mencionado anteriormente.

As músicas selecionadas foram: *Express Yourself* da artista Madonna e *The Man* da artista Taylor Swift para o debate sobre a representação feminina, *Born This Way* da artista Lady Gaga e *I Will Survive* da artista Gloria Gaynor para discussões sobre representação e identidade LGBTQIAPN+ e também *Black Or White* do artista Michael Jackson e *I am Not My Hair* da artista India Arie para discussões sobre representação e identidade racial.

4.1 Representação Feminina

Esta aula ocorreu no dia 22/04 de 2023, e estavam presentes os estudantes Augustine, Betty, Cassandra, Diego, Evelyn, Gabriela, Ivana, Laura e Peter. A aula iniciou comigo (professor da turma e pesquisador) questionando se os alunos conheciam ou já ouviram falar da cantora Madonna, sobre a qual tivemos falas breves, nada que não fosse além do óbvio como a fama e o repertório da artista. Prosseguimos com a exibição da música “Express Yourself” acompanhada da letra e logo após indaguei aos alunos o que os mesmos acharam da música. A seguir trago os excertos correspondentes às respostas dos participantes e as discussões geradas sobre esse tema:

¹³ Instagram: *cecllateam*

Excerto 01:

Peter: é uma música de empoderamento para as mulheres, é sobre como não devem se deixar em segundo lugar.

Betty: se trata sobre a mulher se sentir confortável na sua própria pele, e não sentir envergonhada de quem é, apenas seja ela mesma.

Os outros até aquele momento não expressaram nenhuma opinião sobre o assunto. Questionei se a turma sentia que a música representava o feminismo, contextualizando que havia sido lançada em 1989. Começamos a analisar a letra de forma mais aprofundada. Dois trechos, chamaram a atenção dos alunos “*O que você precisa é de uma mão grande e forte / Para te elevar para seu plano mais alto / Fazer você se sentir uma rainha em um trono*” “*Fazer com que ele expresse o que sente / E talvez então você saberá que o amor dele é verdadeiro*”¹⁴

Excerto 02:

Matheus: Vocês acham que essa música representa o feminismo?

Betty: para algumas pessoas talvez não, mas para a época que foi criado com certeza teve seu valor, esse trecho dessa música traz uma certa controvérsia na visão feminista onde a mulher na verdade não precisa de uma “grande mão forte e masculina” para nada.

Augustine: Diz para a mulher não se contentar com pouco e se valorizar!

Betty: Pode-se dizer que é uma música feminista para 1989, onde era considerado estranho ou absurdo para uma mulher se expressar, lutar por algo melhor do que é oferecido..., mas comparado aos dias de hoje onde temos mais liberdade, não chega a se tornar mais tão revolucionário como era em 1989.

Judith Butler em 1994 em uma entrevista com Peter Osborne e Lynne Segal, fez um comentário sobre a dualidade da cantora Madonna,

[Q]uando vemos uma figura como Madonna, acredito que vemos alguém que está trabalhando com os próprios termos de representação cultural para abrir espaço para a transformação de gênero. Mas, ao mesmo tempo, esse trabalho está completamente dentro da economia do mainstream, não pode sair dessa economia (BUTLER, 1994).

Em outras palavras, Butler destaca a dupla natureza da influência de Madonna: pode abrir espaço para novas formas de compreensão do gênero e da sexualidade, mas ainda funciona dentro dos limites de uma indústria que é, em grande parte, tradicional e conservadora nos seus objetivos econômicos. De fato, Madonna teve sua contribuição para o feminismo e causou

¹⁴ As letras das músicas foram traduzidas para este trabalho

diversas discussões e debates. Porém de acordo com o excerto 02 e levando em base a análise de Butler, a narrativa da música ainda é traçada no contexto da mulher precisar do homem, seguindo o que estava em voga na época.

A partir deste ponto, talvez os participantes começaram a enxergar a letra como uma música feminista, que é produto da época, citando a fala da aluna Betty, aquela música traz a representação feminina que pertence à época que foi criada, tendo valor social. Betty é uma aluna nascida no início dos anos 2000 que se autodeclara branca, é uma aluna muito presente em sala de aula, sempre atenta a pequenos detalhes, estudante de relações internacionais e segundo ela mesma, autodeclarada bissexual.

No caso de Betty, é completamente compreensível a música *Express Yourself* não soar como uma música feminista, pois a mesma cresceu nos anos 2000 e 2010, geração de artistas feministas como Ariana Grande, Beyoncé, Britney Spears, Taylor Swift, e etc. Geração de mulheres que são encorajadas não apenas pelo público, mas também pela própria indústria musical, por ter se tornado algo rentável falarem abertamente sobre empoderamento feminino, sexualidade, confiança, independência, o papel da mulher e afins.

É de certa forma “estranho” para a geração que cresceu nas últimas duas décadas compreender que a música *Express Yourself* parece “reduzível” para os dias de hoje, comparado ao que temos na atualidade. Porém, no fim dos anos 80 e entrando nos anos 90, foi um “grito” de liberdade para as mulheres daquela época. Se você conversar com mulheres que nasceram nos anos 70, Madonna, aos olhos dessas mulheres, ajudou a dar continuidade a mensagem que cantoras como Aretha Franklin trouxe com a música *Respect*, o que estava adormecido em uma sociedade que “ainda não estava pronta para ter essa conversa”.

A coragem e a bravura que Madonna exalou em quatro décadas de carreira, abriu portas para que artistas femininas da atualidade pudessem lançar o que são considerados hoje “hinos feministas” sem temer a recepção negativa do público com o qual Madonna precisou lidar.

A identidade de Betty não a fez se identificar com a música talvez pela sua idade, uma jovem que não viveu a década de 80 e 90, não acompanhou na televisão a ascensão de Madonna e como isso influenciou outras mulheres e refletiu no feminismo, é compreensível que ela não se sinta representada. Aqui vemos um *uptake* que talvez tenha tido um efeito oposto ao que a música teria como objetivo. Se o objetivo original da música era que causasse um respaldo as mulheres para que sentissem confiantes, no caso de Betty só reforçou a ideia de que nos anos 80 e 90 as mulheres ainda estavam presas nos estereótipos de “donzelas em perigo”.

Novamente é preciso reforçar o contexto histórico aqui, essa música é parte e foi um produto de sua época que possui diversas ressalvas na atualidade, devido à quantidade de

informação e à forma como essa informação e discursos são espalhadas. A mulher que cresceu nos anos 80 e 90 pode ter assumido novas identidades a partir de onde o feminismo foi evoluindo até os dias atuais, ou até mesmo não se identificar com o atual e preferir os discursos daquelas décadas, tanto que é comum ouvirmos pessoas que viveram nessas décadas dizer “no meu tempo era assim”.

Evelyn quebra o seu silêncio para dizer algo extremamente relevante relacionado ao trecho da letra “*Rosas de caule comprido são o caminho para seu coração / Mas ele precisa começar pela sua cabeça*”

Excerto 03:

Evelyn: Em 1989 era incomum os homens abrirem espaço para as mulheres pensarem e falarem, até mesmo nos dias de hoje ainda é difícil para uma mulher falar em reuniões, eu digo isso pois trabalhei 20 anos no banco do Brasil. Quando a gerente era mulher eles não davam moral...e se hoje é assim, imaginem em 1989, se um homem tivesse que apreciar uma mulher pela cabeça dela e não pela aparência. Naquela época, nos filmes da Disney e na televisão [a mulher] era retratada como alguém que precisava ser salva, como frágil e precisa de proteção. Pois no final das contas o feminismo é sobre buscar igualdade. Sobre a parte de levantar do chão, que a mulher não fique na sombra de nenhum homem.

Antes de tudo, aqui temos Evelyn, uma aluna que viveu o auge da década de 80 e 90, acompanhou a trajetória de Madonna nas televisões e rádios, naturalmente mais velha, sabe como funcionou o sistema opressor para as mulheres nessas décadas e tem ciência da diferença que temos hoje. No Excerto 03 é possível perceber que o *uptake* que Evelyn sentiu com a letra, foi direcionado ao local de trabalho, mesmo a letra não abordando isso de forma direta. Aqui temos uma aluna que ressignificou a música como “que a mulher não fique a sombra de nenhum homem”.

Importante ressaltar que o feminismo envolve e está ligado diretamente à política de representação. A mulher era retratada dessa maneira pois ela era, e ainda é, representada pela perspectiva masculina, dominante, que muitas mulheres possuem. As lutas feministas são, sobretudo, lutas pelo direito à voz para as mulheres, pelo direito de elas falarem, de se representarem e de pararem de estar à mercê da representação masculina. É sobre sair da posição de ser falada para a posição de quem tem voz e pode falar.

No excerto 03, Evelyn se reconhece nesse lugar ainda de mulher que não tem voz, segundo ela, ainda hoje é assim. Ao contrário de Betty e Augustine, Evelyn considera a música

Express Yourself feminista, mas diferentemente de suas antepassadas, já se revolta com a falta de abertura para falar e se expressar e busca mudança, por isso há a identificação. A partir disso podemos observar um caminhar, um certo galgar posições em que as mulheres, que primeiramente sequer podiam reclamar de não terem voz nem poderem se expressar, com o passar do tempo e a partir das lutas, passaram a se angustiar com suas posições subalternas, depois vieram outras que reclamaram e ousaram ter voz, como Madonna e Evelyn, e mais recentemente as que escancaram tudo abertamente e não aceitam mais essa submissão.

Por essa razão Evelyn se identifica com Madonna, e Betty e Augustine com Taylor, não apenas por aquela artista representar a geração de Evelyn ou de Betty e Augustine, mas também devido às suas filiações ideológicas e identitárias e, também, devido à forma como o mundo se apresenta pra elas: é um mundo diferente do mundo de Evelyn, ainda que estejam hoje vivendo em um mesmo espaço-tempo. Dessa forma, podemos entender que as nossas identificações e a nossa identidade não está ligada somente à nossa vida presente, mas é resultado de um sobrepor de vivências que não se apagam: por mais que novas experiências sejam acrescentadas, estas sempre são recebidas e avaliadas conforme as nossas experiências pregressas, nossas vivências passadas.

Façamos uma reflexão sobre a mulher no ambiente de trabalho: desde o início a mulher sempre precisou lutar pelo seu espaço e ser reconhecida, mesmo que em proporções desiguais a homens que fazem o mesmo trabalho que elas, até hoje. Segundo Fraser, (1997) “A justiça requer tanto redistribuição quanto reconhecimento. Sem o reconhecimento das necessidades e contribuições específicas das mulheres, a igualdade no local de trabalho não pode ser alcançada.” (FRASER, 1997, p.35)

Por este mesmo excerto (3) podemos visualizar uma mulher que presenciou e, possivelmente, foi vítima de comportamento misógino dentro de uma empresa mesmo estando em um cargo de liderança, pelo simples fato do seu gênero. Sua ressignificação de uma música, que foi criada com um propósito de empoderamento, foi a reflexão de como até os dias de hoje a mulher é marginalizada ao não ser reconhecida ou avaliada pelo seu potencial e sim objetificada pelo físico e aparência. Butler (1993) em sua teoria aborda como a expectativa social ao ser feminino influencia como essas mulheres são tratadas, inclusive em ambientes de trabalho “a própria atribuição de feminilidade a um corpo é uma operação carregada das mais sérias consequências políticas” (BUTLER, 1983, p.96).

Interessante notarmos que Evelyn citou os filmes da Disney como “a mulher era retratada como alguém que precisava ser salva, como frágil e precisa de proteção”. Isso é um

produto da época, talvez o que cause o estranhamento a Betty sobre “a mulher precisar de uma mão forte para levanta-la” seja o abuso de clichês que as meninas crescem assistindo, como citado, filmes que estereotipam a mulher como ‘uma princesa frágil que está perdida caso um príncipe encantado não venha a seu resgate’.

Nos dias de hoje, algumas mulheres já não querem tais modelos para suas filhas como as princesas de três décadas atrás como a Bela Adormecida ou a Branca de Neve, preferindo histórias de princesas destemidas e independentes, cujo o enredo não gira em torno do resgate dela mesma ou da necessidade de um casamento, princesas como Mulan ou Merinda do filme Valente. Porém, novamente o papel de heroínas independentes só surgiu nos filmes Disney dos anos 2000 em diante, justamente a época em que Betty e milhares de outras mulheres já se sentiam desconfortáveis e discordavam da narrativa da “princesa” (mesmo que as vezes ainda com algumas ressalvas).

Ainda analisando o trecho “*Rosas de caule comprido são o caminho para seu coração / Mas ele precisa começar pela sua cabeça*” podemos observar outro *uptake* e entender a parte estética que é esperada da mulher no contexto machista. A mulher precisaria estar sempre “produzida, maquiada e exalando feminilidade” para o ser masculino, se ela quisesse receber algum tipo de “galanteio” ou “presente”. Neste caso a famosa rosa, símbolo do cortejo.

Mas o que a letra diz aqui, é da necessidade de a mulher ser admirada e amada não apenas pela sua graça física, mas por sua grande capacidade intelectual, pensamento e criatividade. E aqui temos o “começar pela cabeça”, o homem deve não apenas respeitar a mulher pela sua aparência, mas também sentir mais do que atração física. Precisa ter admiração pelo que a mulher é ou faz.

Após todo o debate sobre a música *Express Yourself* de Madonna, resolvi levar os alunos para o mais atual colocando a música, *The Man* de Taylor Swift.

Excerto 04:

Betty: definitivamente é uma música feminista, sem nenhuma dúvida, como diz na letra se eu fosse um homem me gabando dos meus dólares eu seria o cara, ao invés de uma mulher narcisista ou arrogante, como ela diz na música.

Augustine: achei interessante que, na música do clipe, ela age como se fosse um diretor homem, ou seja pede pro ator agir de forma mais atraente e mais simpática que é exatamente o tipo de coisas que atrizes mulheres precisam ouvir de diretores homens. Ela está agindo como se fosse um homem.

Betty e Augustine fizeram uma afirmação bastante crítica, não apenas do ponto de vista do clipe e da música de Taylor Swift, mas do âmbito social em geral e sobre a forma como a mulher é marginalizada caso aja como um homem “normalmente se comportaria” ou agiria. Para Butler (1990, p.58) “como um fenômeno mutável e contextual, o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituída em um espaço exterior através de uma repetição estilizada de atos”, sendo assim as categorias de gênero são mantidas por meio de atos repetitivos, o que pode ser observado em como expectativas de gênero são reforçadas e desafiadas no local de trabalho, influenciando a maneira como as mulheres são tratadas e como se comportam.

Betty e Augustine são ambas alunas de relações internacionais, uma profissão onde o sujeito precisa negociar, avaliar, resolver conflitos, trabalhar para promover o entendimento entre representantes e afins. Fora que é uma área que pode atuar no Governo, empresas multinacionais, universidades, mercado financeiro e etc. Basicamente as duas irão lidar majoritariamente com pessoas e é onde entramos na seguinte reflexão.

Como citado por Evelyn no excerto 03, “era incomum os homens abrirem espaço para as mulheres pensarem e falarem, até mesmo nos dias de hoje ainda é difícil para uma mulher falar em reuniões”. Ou seja, imaginemos o cenário para as mulheres nesta profissão, profissão onde o que vale são sua capacidade argumentativa e sagacidade. Literalmente o homem deveria “começar a ver a mulher pela cabeça”, em tese não há relevância no fator “charme” ou “atenção ao físico feminino”. Embora, como quase todas as profissões onde o homem está presente, haja o sexismo e o estereotipo da mulher frágil e indefesa.

Os discursos das alunas é carregado de revolta não apenas por elas serem mulheres, mas pela vida as terem ensinado de que pelo seu gênero as mesmas precisarão lutar o triplo e ter mãos firmes para lidar com o fato de que provavelmente estarão numa sala cheia de homens e possivelmente haverá duas ou três mulheres no mesmo recinto, contando com elas mesmas, e que estas mulheres serão vistas como “amargas”, “arrogantes” ou “históricas” se elas precisarem ser duras e agir com firmeza como os homens fazem, sem levar os mesmos apelidos misóginos.

No trecho “*Eu estou tão cansada de correr o mais rápido que consigo / Imaginando se eu chegaria lá mais rápido se eu fosse um homem*” as alunas sentiram que a música claramente abordava o contexto do mundo trabalhista, onde uma mulher sempre recebe “explicações” ou “justificativas” para seu sucesso ou para estar naquela posição. Basicamente, não passariam por tais circunstâncias se fosse um homem.

Excerto 05:

Evelyn: não importa o quanto nos esforcemos para obter espaço, há sempre essa barreira

Betty: há sempre alguma desculpa ou razão pra uma mulher portar algum trabalho ou função, se eu fosse um homem eu chegaria em menos tempo e não teria que trabalhar ou provar o dobro para ter a mesma posição que um homem comum, nunca é sobre uma mulher conseguir por mérito próprio, tem sempre um porquê...

Betty e Evelyn no excerto 05 tomam consciência acerca da condição feminina. O que também é fruto das muitas lutas femininas que, embora ainda não tenham conseguido avançar nessa parte de fazer com que a mulher não precise trabalhar o triplo pra chegar onde um homem chegaria com bem menos esforço, já tem o mérito de fazer com que as mulheres estejam conscientes sobre essa condição desigual e não pensar que está tudo bem sobre isso. Butler (1990) salienta que a identidade

feminista não deve ser a base da política feminista se esta quiser transcender os limites epistemológicos da política de identidade e servir como uma crítica às formações discursivas de identidade. Essa crítica deve expor, perturbar e alterar as próprias categorias que determinam a subjugação das mulheres (BUTLER, 1990, p.4).

Ou seja, a crítica de Butler procura problematizar o conceito de “mulher” como uma identidade essencial e estável, na medida em que tal conceito ignora as múltiplas intersecções e variações de gênero, raça, classe e sexualidade que constituem a experiência feminina. Ao fazê-lo, ela propõe um feminismo que rompe e reconfigura estas categorias para desafiar a normalidade discursiva que apoia a opressão.

Talvez Taylor Swift tenha feito essa música apenas na perspectiva de uma artista feminina em uma indústria que é tão implacável com as mulheres, porém o *uptake* e a ressignificação encontrada aqui pelas alunas é levada para o âmbito social do dia a dia da mulher, em qualquer que seja a profissão ou carreira, inclusive suas próprias.

Façamos um paralelo: mesmo que a profissão de ser uma artista pop não seja similar a ser uma internacionalista ou uma bancária, definitivamente há dificuldades em comum para uma mulher nas três áreas, e em todas as outras. Taylor Swift compôs sozinha a música *The Man* como fruto de sua exaustão pelos anos de escrutínio e misoginia que sofreu da imprensa norte americana, julgada sobre quantos homens já se envolveu romanticamente e como isso é

“feio para as mulheres”, enquanto homens famosos namoram mulheres diferentes quase que diariamente e não recebem insultos sexistas da mesma mídia.

Mas também, pelo cansaço de ter seu trabalho descreditado por homens que escrevem matérias e críticas perguntando “como ela conseguiu chegar lá?” “Quais meios ela precisou usar para ter esse sucesso?” Mulheres serem acusadas de favores sexuais para subir de carreira é um dos discursos mais misóginos e sexistas já existentes e se perpetua por décadas, mas mesmo assim até nos dias de hoje ainda é levado com “normalidade” e na indústria artística e musical isso é levado ainda mais a fundo considerando que uma cantora dançar e cantar no palco, mostrando a barriga ou usando roupas performáticas, de alguma forma será relacionado a ela ter um empresário homem, produtores musicais homens e que no fim do dia aquela mulher supostamente deve favores a esses homens que a colocaram onde ela está.

Esses discursos fizeram a mente de Taylor Swift, após 13 anos de carreira na época precisar, de alguma forma, responder a essas alegações. Mas não serviu apenas a ela e a outras colegas do mundo artístico, serviu como inclusão e apoio a todas as mulheres que acreditam que não se deve mais abaixar a cabeça e ouvir todos os comentários misóginos e atitudes sexistas caladas e com sorriso no rosto. A representatividade e inclusão parte não apenas de uma mulher falando de um ambiente opressor, mas de uma mulher compartilhando experiências e vivências similares a outras mulheres que convivem nestes mesmos ambientes.

Vale citar que na aula, contando comigo, havia três homens presentes e com exceção de mim que mediei o debate, apenas um dos alunos fez uma única fala durante toda a discussão. Sendo do excerto 01: “é uma música de empoderamento para as mulheres, é sobre como não devem se deixar em segundo lugar.”

É visível que o debate foi dominado pelas mulheres, mas porquê? Os dois alunos tiveram a mesma oportunidade de fala dos outros, porque preferiram não se posicionar diretamente? Eu não posso falar pelo aluno Diego, devido à falta de contato nas aulas levando em consideração que o mesmo só compareceu nesta única aula, mas o aluno Peter talvez tenha sido por medo de realizar algum discurso ou dizer algo que poderia soar ofensivo para as mulheres do recinto.

Temas como feminismo, racismo e homofobia para muitos ainda é um tabu, não de forma generalizada por serem contra, mas pela insegurança de ser mal interpretado. O homem que se sensibiliza pelas causas feministas, muitas vezes tem o receio de que sua fala seja mais um “*mansplaining*”¹⁵ do que uma contribuição para um debate ou conversa. Isso as vezes se dá pelo estereotipo de como a sociedade vê uma mulher feminista como uma mulher ‘louca’, ‘mal

¹⁵ Termo que descreve quando um homem explica algo para uma mulher de forma condescendente, assumindo que ela não entende sobre o assunto, mesmo que seja óbvio ou que ela saiba mais do que ele.

amada' ou 'com sede de poder', quando na verdade a mesma só busca respeito, oportunidades igualitárias e o fim de uma opressão que nasceu junto mesmo com o nascimento dos primeiros grupamentos humanos em nosso passado remoto.

Acredito, assim como direi mais à frente, que nenhum sujeito deve se calar a nenhuma forma de opressão. É necessário aprender e ouvir o oprimido para que deixemos de ser o opressor, mesmo que inconscientemente. O homem não deveria ter a visão de que uma mulher não deve ser tão 'implacável' como ele só porque ele espera que sua natureza seja 'condescendente e amável'.

Augustine analisou outro trecho da música: "*Eles me pintariam como malvada / Então, está tudo bem eu estar com raiva*"

Excerto 06:

Augustine: Gostei muito desse trecho, pois quando uma mulher está agindo como um homem ela é amarga ou malvada e quando o homem age da mesma forma são apenas negócios.

Sobre isso, Kanter (1977, p.64) afirma que "as mulheres mais visíveis tornam-se símbolos e muitas vezes são sujeitas a um escrutínio exagerado ou à distorção de seu comportamento", ou seja, as mulheres que estão em posição de liderança, em espaços predominantemente dominado por homens, são vistas como símbolos gerando maiores pressões, expectativas e escrutínio desproporcional. No excerto 04 e no 06 é debatido sobre como se espera que a mulher se comporte no âmbito profissional e qualquer comportamento oposto de uma mulher que incomode a identidade hegemônica, a do homem hetero, branco e classe média acima, levará esta mulher a sofrer o escrutínio com apelidos pejorativos como louca, histérica ou amarga.

Voltando a falar sobre ressignificação, onde trago novamente a citação de Bakhtin (1981 p. 396), para quem no "processo de comunicação, o significado das palavras não é estático; ele se transforma e se redefine continuamente através do diálogo", percebemos nos excertos de 04 a 06 a forma como as alunas interpretaram a letra da música e o que elas tiraram como ressignificação através do *uptake* de suas vivências de mundo.

Agora pensando sobre o papel da mulher na sociedade e as identidades que elas representam, é importante deixar claro que não são todas as mulheres que se sentem representadas pelo modelo de identidade que tanto falamos anteriormente, a da mulher feminista que luta por igualdade e respeito. Uma parte das mulheres ainda se sente representada pela identidade da mulher que precisa estar a mercê do homem. É importante mencionar que

ser mãe e se dedicar a maternidade não é de forma alguma um ato antifeminista, mas sim negar que sua própria filha tenha oportunidades iguais a de homens, e que seja tratada com respeito independentemente do aspecto e do local.

Entrando na parte pragmática, é pertinente lembramos novamente que de acordo com os atos de fala de Austin (1990), que já foi citado anteriormente, “fazemos coisas ao dizer”. Por isso, as falas que são proferidas sobre as mulheres ao decorrer da história criaram o mundo no qual a mesma se encontra hoje: um mundo misógino, que a nega de falar e se expressar, um mundo construído pelo homem hetero e branco. A mulher é oprimida e está à margem das vontades, expectativas e atitudes de uma sociedade governada pelo patriarcado e essa situação foi construída por meio das palavras. Palavras ditas por homens, não por mulheres, pois essas não têm e nunca tiveram o poder de se representarem, de poderem falar. Assim, foram comportamentos, modos de vida, culturas, identidades e discursos estabelecidos através da ação orquestrada pela linguagem ao longo dos anos que posicionaram a mulher e lhe legaram o lugar de subalterna. Linguagem essa que não somente criou toda uma realidade em que a mulher ou o ser feminino foi posicionado, mas serviu de base também para todo um modelo de representação criado para circunscrever os espaços que esta mulher poderia ou não ocupar, deveria ou não pertencer, poderia ou não se expressar. Como consequência da existência desses espaços delimitados, criados pela hegemonia masculina branca e hetero, houve o desenvolver de toda uma cultura opressora, que se acostumou a nomear, posicionar, ditar regras, policiar e controlar (as vezes por meio da violência verbal e física) os corpos e o comportamento feminino.

Contra essa cultura machista em que estamos imersas e imersos, Butler (2004) nos estimula a estabelecer coalizões, lutar por causas em comum. Segundo ela

[E]stabelecer coalizões feministas exige que aceitemos diferenças e resistamos à vontade de identificar uma identidade comum através dessas diferenças. Em vez disso, precisamos entender que a solidariedade é possível precisamente por causa dessas diferenças (BUTLER, 2004, p.60).

E, nesse sentido, buscando fortalecer todo um movimento anti-hegemônico e por um mundo menos violento e culturalmente mais inclusivo, reafirmo a importância de músicas como as utilizadas na pesquisa, bem como outras como “*Run The World (Girls)*” de Beyoncé, “*Mother’s Daughter*” de Miley Cyrus, e “*Man’s World*” de Marina. Cito inclusive um trecho da última música mencionada, por ser um poderoso ato de fala: “*Me queimou na fogueira / Você achou que eu era uma bruxa, séculos atrás / Agora você só me chama de vadia*. Nessa

música Marina, problematiza o tratamento que a mulher recebe desde o início dos tempos, desde ser queimada na fogueira até palavras de baixo calão na atualidade. É com músicas como essas que novas gerações, e até mesmo anteriores, podem estar refletindo e gestando o nascimento de grupos identitários, de identidades questionadoras que estão sempre reivindicando posições e direitos e, neste caso, o da mulher. Onde a linguagem é como um ato, onde a construção de novos discursos e a desconstrução dos misóginos e preconceituosos tão propagados anteriormente podem formar uma sociedade que compreende a urgência das demandas feministas.

4.2 Representação e identidade LGBTQIAPN+

Tabela II: Músicas analisadas com a temática representação e identidade LGBTQIAPN+

Tema	Músicas Trabalhadas	Perguntas levantadas no Instagram ¹⁶	Data e formato da aula
Representação e identidade LGBTQIAPN+	<p>- Escolhida por mim: Born This Way (2010's) - Lady Gaga Sonoridade: Pop</p> <p>- Escolhida pelos alunos: I Will Survive (70's) - Glória Gaynor Sonoridade: Disco</p>	<p>1) Você acredita que todos merecem o direito de ser quem são?</p> <p>2) O que é amor próprio para você?</p> <p>3) Como você vê a comunidade LGBTQIAP+?</p>	20/05 - Presencial

Fonte: Aguiar, 2024

Esta aula ocorreu no dia 20/05 de 2023, e estavam presentes os estudantes Augustine, Betty, Cassandra, Evelyn e Peter. Iniciei questionando os alunos como eles se sentiam sobre as perguntas que responderam no Instagram.

Excerto 07:

Matheus: Como vocês se sentem sobre essas questões?

Peter: Foi muito interessante...muita gente não pensa na importância disso...gostei

¹⁶ Perguntas traduzidas neste trabalho

Augustine: Acho uma boa ideia postar isso...porque as aulas não ficam só nos livros e tem coisas para discutir sobre.

Nesse excerto nota-se que o aluno Peter demonstra certa simpatia, concordando que há importância e relevância no tema, mas não necessariamente mostrando inclinação ou que se identifica com o mesmo, talvez pelo fato que este aluno seja declaradamente heterossexual e, dificilmente, precise de um ponto de representação como este, porém o mesmo não desqualifica a importância dele.

A aluna Augustine, até o primeiro momento, demonstrou interesse em debater sobre o tema talvez por curiosidade ou apenas para desenvolver sua capacidade de falar inglês, mas inicialmente não mostrou inclinação para concordar ou não. Aqui notamos principalmente o interesse em aulas de inglês que fujam dos livros, onde literalmente eles possam praticar o idioma debatendo sobre temas que instiguem seu pensamento e sua vivência de mundo.

Excerto 08:

Betty: Concordo com as perguntas, todo mundo tem direito de ser quem é.

Concordar com as perguntas faz com que Betty demonstre uma sensibilidade sobre o tema e, independentemente de se identificar ou se sentir representada, a mesma pensa que todos devem ser quem são. Neste excerto podemos dialogar com a afirmação realizada pela Associação Americana de Psicologia (2008) sobre a identidade de gênero: “são aspectos fundamentais da identidade humana, e a expressão livre e aberta dessas identidades é crucial para o bem-estar psicológico”.

A partir do momento que o sujeito tem total liberdade para assumir sua identidade de acordo com o que lhe representa, o mesmo se sente empoderado e livre. A letra da música *Born This Way* aborda a celebração da sua identidade pessoal e como nós precisamos nos impor e ser resistência em meio a outra forma de opressão (assim como a opressão feminina), causada pelo homem hetero cis. Abraçar o mantra da música *Born This Way* é viver plenamente com sua identidade, sem sentir vergonha por ser quem é. Como a letra aborda: “*Não se esconda atrás de arrependimentos / Apenas ame a si mesma e você estará preparada / Eu estou no caminho certo, meu bem / Eu nasci desse jeito*”.

Quando Lady Gaga usa a fala “*Eu nasci desse jeito*” a artista causa uma reflexão nos ouvintes sobre auto aceitação, o sujeito não precisa e nem deve se forçar a assumir uma identidade que claramente não o represente apenas para agradar as massas opressoras sociais.

“Você sendo preto, branco, pardo ou de origem latina / Você sendo libanês ou oriental / Mesmo que as deficiências da vida / Te façam sentir deslocado, perseguido ou importunado / Exalte e ame a si mesmo hoje”.

Pessoalmente, a letra da música *“Born This Way”* tomou uma força bem maior pra mim na época que foi lançada em meados de 2011, a música que foi lançada simplesmente como um hino de auto aceitação recebeu um *uptake* muito maior em relação a minha representação e identidade. Para uma criança de 12 anos de idade que já tinha ciência que sua identidade era diferente dos outros, a música se tornou seu grito de felicidade, a liberdade só viria anos mais tarde. Mas sim, felicidade.

Havia uma artista pop cantando sobre isso em uma época que o assunto era um tabu, não que tenha deixado de ser atualmente, mas em 2011 a mente das pessoas ainda era triplamente mais fechada que hoje, não haviam artistas pop que possuíam a coragem de falar sobre esse tópico de forma tão explícita em suas músicas, mas Lady Gaga teve.

No trecho da letra: *“Não importa se você é gay, hétero ou bi / Lésbica, transgênero / Estou no caminho certo, meu bem / Eu nasci para sobreviver”* Lady Gaga foi a primeira artista a criar uma música com a palavra transgênero na letra que atingisse o topo das paradas de sucesso em 2011 e a primeira artista a cantar as palavras lésbica, gay, bi ou transgênero no *Super Bowl* no ano de 2017¹⁷, época que o presidente dos Estados Unidos era o republicano Donald Trump. Independentemente de suas ações terem sido calculadas pela “fama” ou pelo “choque”, isso não tira seu mérito por ter essa coragem. O impacto da música *Born This Way* não é, e nunca foi de pequenas proporções.

O álbum da música, que leva o mesmo nome, fora lançado em Maio de 2011, só alguns meses após a música carro chefe já estar dominando o mundo (tanto de forma positiva, quanto negativa. Mas, mais sobre isso a frente!). O álbum que aborda em suas temáticas principalmente liberdade, auto aceitação e celebração da individualidade com metáforas e simbologias religiosas, foi lançado com o propósito de exaltar as pessoas a serem quem verdadeiramente são.

Mas em fevereiro de 2011, numa cidade do interior do Tocantins, em Porto Nacional, a letra dessa música se tornou a oração de todas as noites de um menino de 12 anos. Eu me conectei a essa letra (e ao álbum *Born This Way*) como um todo, levando as letras desse álbum como meu *uptake* individualizado baseado em minha própria experiência pessoal. O álbum se tornou um refúgio e um lugar de aceitação sonoro, contra todas as adversidades que eu sofria

¹⁷ <https://www.salon.com/2017/02/07/the-super-bowls-big-queer-milestone-lady-gaga-was-the-first-singer-to-reference-lgbt-people-during-a-halftime-show/>

na época em silêncio, mas que em fones de ouvido eram expressadas. Eu poderia sofrer *bullying* durante o dia na escola, mas sabia que nas noites eu teria meus fones de ouvido e a música para me confortar, sempre foi assim e, honestamente, ainda é até os dias de hoje.

Quando ouço artistas como Mariah Carey, que também é uma das minhas *divas* pessoais desde o ano de 2009, quando eu ouvi seu cover de “*I Want Know What Love Is*” (se tornando um grande sucesso no Brasil, com 27 semanas em primeiro lugar nas rádios¹⁸) foi novamente sobre ser tocado pelas letras. Há uma explicação mais plausível para um menino de 11 anos se tornar fã de uma cantora que não foi lançada no mercado para aquela geração, do que a identificação com seu conteúdo lírico?

O *uptake* gerado pelas composições de Mariah Carey foi de ter fé em mim mesmo e acreditar que eu encontraria o caminho em meio às tempestades. Canções como “*Hero*”, “*Rainbow (interlude)*”, “*Can’t Take That Away*” e “*Through The Rain*” me marcaram enquanto crescia. A última citada me ajudou em períodos da pré adolescência, em que o medo gerado pela sociedade, me fazia questionar se minha sexualidade era correta e se eu conseguiria ter meu lugar entre os considerados “normais”. O trecho citado a frente era meu refúgio em momentos assim: “*Eu consigo atravessar pela chuva / Eu posso me levantar mais uma vez / Por minha própria conta e eu sei / Que eu sou forte o bastante para me recuperar / E toda vez que eu sinto medo / Me agarro mais firme à minha fé / E vivo mais um dia*”.

Mariah Carey, é apenas um exemplo pessoal e, apesar de suas músicas não necessariamente fazerem referências diretas a comunidade LGBTQIAPN+, elas receberam esse *uptake*, ou seja foram transformadas em discursos de resistência nos quais a artista nunca imaginou que tomaria tamanha dimensão. A mesma ganhou o status de ícone LGBTQIAPN+ pela representação que a mesma trouxe ao longo de sua carreira. Lembrando que a comunidade LGBTQIAPN+ raramente era visível nos meios de comunicação social e a internet ainda estava surgindo, ver uma artista global rodeada de amigos da comunidade, como dançarinos e *backing vocals* ofereceu um vislumbre de esperança.

Mariah Carey apesar de considerada um “ícone LGBTQIAPN+” nunca compôs uma letra explicitamente sobre essa temática, como Lady Gaga. No entanto, foi em seus primeiros anos como compositora que muitos fãs dos anos 90 encontraram consolo. Numa época em que o assumir-se não era amplamente celebrado e a representação gay estava frequentemente ausente, a música de Mariah proporcionava uma sensação de conforto e compreensão. A artista pode não abordar especificamente as lutas LGBTQIAPN +, mas as suas mensagens são

¹⁸ <https://portalpopline.com.br/depois-de-27-semanas-no-topo-das-musicas-mais-tocadas-no-brasil-mariah-carey-e-derrubada-por-dupla-sertaneja/>

universais: a solidão e as dificuldades podem surgir, mas também passarão. A própria Mariah Carey personifica a força para superar as adversidades.

Andrew Chan, autor de “*Why Mariah Carey Matters*”, reflete sobre seus sentimentos de estranheza e de ser um pária através da letra de *Outside*, ressoou profundamente nele como um chinês-americano gay. Ian Eagleton, autor de “*Glitter Boy*”, enfatiza o impacto da música *Can’t Take That Away* de Mariah Carey: “Quando eu tinha 14 anos, a música me garantiu que os valentões da escola que estavam intensificando sua campanha de terror não poderiam tirar todas as coisas que me tornaram especial”, Sendo assim, a ressignificação que eu e milhares de outros fãs fizemos com suas letras, nos conecta a nos sentirmos representados pela mesma.

Eu sempre deixo muito claro como a música já me resgatou dos confins da tristeza e da desesperança milhares de vezes, e tenho relatos pessoais sobre cada uma das minhas “divas” citadas e como elas influenciaram ou ajudaram em algo no meu interpessoal, mas afirmo que o álbum e a música “*Born This Way*” foi o início dessas relações a um nível quase que “espiritual”.

No meu caso, crescendo como gay eu procurei minha representação em outras fontes e em outro idioma, pois eu não encontrava no meu país. Eu nunca me senti representado por nada ou ninguém no Brasil. Simplesmente não havia nenhum artista homem ou mulher que conseguissem me representar, portanto aqui dentro de mim nasceu o comportamento da admiração por cantoras norte-americanas. É com alegria e alívio, que na atualidade, crianças e adolescentes poderão encontrar identidades e se sentirem representados no nosso próprio país, graças a artistas LGBTQIAPN+ como Pabllo Vittar, Gloria Groove, Jão e etc. mas nos anos 2000 e 2010, não haviam ícones na música brasileira assim.

Voltando a música “*Born This Way*” Falei com os alunos sobre a enquete no *instagram* e como eles pensaram não apenas em várias músicas relacionadas à temática, mas também mencionaram a música que eu já havia escolhido para trabalhar na aula. A Música e o clipe da música “*Born This Way*” são reproduzidos.

Excerto 09:

Matheus: E o que vocês acham de tudo isso, da música, da letra e do vídeo?

Peter: É forte e estranho...e rompe a mensagem de que a música quer expressar

Betty: Achei o vídeo chocante e acho que é isso que ela queria expressar.

Peter, após a provocação da letra e do clipe, reconheceu que a música e a mensagem que a mesma carrega tem impacto a ser considerado, talvez o mesmo tenha tentado expressar que o videoclipe faz a letra se sobressair ao invés de “romper”. Interessante notar o uso da

palavra “estranho” para todo o contexto, talvez não apenas por causa da música e da letra, mas porque a cantora responsável sempre foi conhecida por sua natureza teatral e denominada “estranha” e não convencional.

Neste excerto percebe-se também um outro lugar para a palavra ‘estranho’, utilizada por Peter. E o que podemos compreender do uso dessa palavra? Para Peter, estranho é categorizado como o não familiar, o não costumeiro. Mas por que isso? Talvez por ser um reflexo da formação identitária que molda não apenas o comportamento de Peter, mas de todos nós. Nossa formação identitária influencia a forma como vemos o mundo, fornecendo a base que utilizamos para classificar o mundo e as pessoas nele. Contido nisso, há uma distinção do que nos é familiar e portanto ‘amigo’ e diferenciação do que é não familiar, estranho e, portanto, inimigo. Essas formações identitárias, dependendo do contexto e das formas como se dividem podem se transformar em poderosas armas de exclusão (WOODWARD, 2014).

Woodward (2014, p. 19) argumenta que a formação das identidades está ligada às estruturas de poder na sociedade. Essa ligação revela como as estruturas sociais moldam e influenciam a percepção de si e dos outros. Aqueles que exercem o poder, seja ele social, econômico, político ou cultural, têm a capacidade de moldar e regular as normas de identidade. Isso resulta na criação de padrões que favorecem determinados grupos.

A formação da identidade está sempre enredada em relações de poder. Aqueles que ocupam posições de poder na sociedade tendem a definir e regular as normas de identidade, levando à exclusão de indivíduos e grupos que não se conformam com essas normas (WOODWARD, 2014, p. 19).

Sendo assim grupos ou indivíduos que não se encaixam nesses padrões de identidade dominantes acabam sendo excluídos ou marginalizados, pois suas identidades são vistas como estranhas, diferentes, inferiores ou ameaçadoras. A exclusão é, portanto, uma consequência direta desse processo de definição e controle das normas identitárias.

Peter, se identifica com um determinado nicho identitário, o heteronormativo hegemônico, e que pode leva-lo a pensar que tudo que não se encaixa nesse comportamento heteronormativo tradicional é ‘estranho’ como ele mesmo pontuou. Porém, é importante deixar claro que tal comportamento não é culpa dele mas de todo um arranjo identitário de uma camada da população que sempre gozou de todos os privilégios e direitos de fala e representação e que, por isso, construiu um mundo aos seus moldes, para servir somente aos seus interesses, marginalizando toda e qualquer população que extrapolasse os limites impostos por eles.

Assim, o que é considerado “normal” e “convencional” está relacionado com a identidade mais comum, valorizada, defendida e centrada pela sociedade, novamente a do sujeito hetero branco normativo, que segue todos os padrões que a sociedade dita, desde fisicamente como psicologicamente. Warner (1991) dialoga sobre este conceito afirmando que a heteronormatividade

é um sistema de normas que promove a ideia de que a heterossexualidade é a única orientação sexual natural, válida ou moralmente correta, levando as pessoas a conformarem-se com expectativas de gênero e orientação sexual que são consideradas normativas. Esse sistema cria pressões significativas para que os indivíduos sigam padrões pré-determinados de comportamento e identidade (WARNER, 1991).

A artista Lady Gaga sempre assumiu temporariamente identidades diferentes, para levantar representações diferentes que chegassem a públicos diferentes, seja de uma mulher forte e dona de si em músicas como *Scheibe (2011)* e *Free Woman (2020)* ou da comunidade *LGBTQIAPN+* nas letras de *Hair (2011)* e, claro, *Born This Way (2011)*. A necessidade de a artista assumir essas identidades, mesmo que talvez apenas temporariamente, e abordar tais temáticas nas suas letras musicais mostra não apenas o comprometimento em falar sobre esses temas, não isentos de serem de forma comercial é claro, mas também como urgiu naquela época e naquele contexto a necessidade de surgir essas representações para esses públicos alvo, por ser algo que ficou sob as sombras por muito tempo.

Sobre essa visibilidade nas mídias, Bond e Compton (2015) ressaltam que a “representação positiva de indivíduos LGBTQIAPN+ nos meios de comunicação é associada a uma redução do estigma e da discriminação, além de promover uma maior aceitação e compreensão das identidades LGBTQIAPN+ na sociedade”.

Voltando à fala de Betty no excerto 09 a mesma parece ter compreendido o ponto de vista de Lady Gaga sobre a temática no videoclipe, mesmo que para ela tenha sido “chocante”. Passemos ao próximo excerto que corresponde à continuação da mesma conversa já iniciada:

Excerto 10:

Matheus: E como você acha que isso está relacionado com o tema das perguntas que você respondeu sobre isso no Instagram e com as coisas que conversamos antes de ver e ouvir o videoclipe?

Peter: Todos deveriam ser quem são, ela nasceu assim, ela precisa de respeito

Betty: Respeite-se e viva sem arrependimentos

Augustine: É muito encorajador e trata da aceitação

O discurso de Peter soa como que, apesar do mesmo não se identificar com tal representação, ele compreende que é uma forma de representação que dá voz àqueles que se identificam e lutam por respeito e seu devido reconhecimento na sociedade. Para Fingerhut (2011), aliados heterossexuais

desempenham um papel crucial na promoção da igualdade e da justiça social para as pessoas LGBTQI+. Seu apoio pode ajudar a desafiar normas heteronormativas, reduzir o preconceito e criar ambientes mais inclusivos. A presença de aliados em contextos sociais e organizacionais fornece suporte emocional, legitima preocupações de indivíduos LGBTQI+ e contribui para a mudança de atitudes sociais em larga escala (FINGERHUT, 2011 p. 29).

As alunas Betty e Augustine demonstraram um discurso sobre aceitação, respeito e sem arrependimentos. Interessante ressaltar que uma das alunas que fez tal fala, se identifica como uma pessoa LGBTQIAPN+, deixando isso bastante claro em um dos comentários no Instagram, afirmando que “era uma extensão de quem ela é”. Aqui enxergamos que a aluna talvez não se identifique com o videoclipe, ou talvez se identifique mas não se sentiu necessidade de verbalizar isso, mas definitivamente se sente representada como indivíduo pela música. Para Taylor (2013, p. 74), o “reconhecimento social é um aspecto essencial para a construção da identidade dos indivíduos LGBTQI+, e a falta desse reconhecimento pode levar a sentimentos de invisibilidade e marginalização”.

Coloquei um vídeo sobre a repercussão da música *Born This Way* e as coisas que a artista Lady Gaga acredita e precisou enfrentar contra fanáticos religiosos e pregações anti LGBTQI+ usando preceitos de religião.

Excerto 11:

Peter: Eu não tinha ideia de que ela era tão odiada em todo o mundo

Betty: A religião dessas pessoas é usada como plataforma de ódio. Eles usam sua religião para prejudicar e matar pessoas...

Augustine: Sim, se Deus prega o amor, por que eles seriam tratados de forma diferente...

Evelyn: É porque muitas pessoas usam o nome de Deus para justificar seus atos...

Betty: A pessoa quer causar dor, mas quer justificar suas ações com Deus e a religião

Evelyn: É meio que esperado também nesses países conservadores que ela seja odiada

Peter: Ela também disse que Deus não comete erros...talvez esse seja um dos motivos pelos quais eles estão bravos...ela falando de Deus?

De acordo com o excerto 11 os alunos debatem sobre como as pessoas usam crenças religiosas para espalhar ódio e discursos ignorantes, usar o conceito e o nome de *Deus* como justificativa para a “punição” pelas pessoas serem quem são. A esse respeito, de acordo com Herek (2004), as crenças

religiosas conservadoras frequentemente se correlacionam com atitudes negativas em relação a indivíduos LGBT. Essas atitudes são frequentemente enraizadas em interpretações literais de textos religiosos e podem se manifestar em formas de intolerância e discriminação. Fanatismo religioso, quando combinado com uma forte adesão a dogmas que condenam a homossexualidade, pode levar a ações que promovem a marginalização e até a violência contra pessoas LGBT (HEREK, 2004, p. 18).

O homem hetero cis que possui essas crenças se vê como o sujeito que reflete a imagem e os princípios de *Deus*, um Deus reduzido às suas próprias convicções, um Deus circunscrito aos limites de seu próprio modo de ver o mundo e que ele acredita ser contrário a outras formas de ser que não se assemelhe a ele próprio e que, por isso, repugna, nega e condena qualquer identidade que represente o contrário ou extrapole sua própria formação identitária e ideológica.

Podemos analisar como essa construção identitária apoiada em preceitos religiosos exclui a comunidade LGBTQIAPN+, não apenas sendo excluída desse nicho identitário, como também é terminantemente marginalizada, violentada e morta em nome das crenças religiosas. Na música, Lady Gaga diz “*Um amor diferente não é pecado / Acredite N-E-L-E com letra maiúscula*” essa referência ao nele, sendo Deus. Neste trecho Lady Gaga, tenta quebrar a crença que Deus condenaria outra forma de amor, além da de um homem e mulher heterossexuais, dizendo ao ouvinte para acreditar que Deus que nos teria feito dessa forma e que nascemos assim.

A questão é que, para um certo grupo de pessoas religiosas, não podendo generalizar é claro, sua formação identitária a influência a não reconhecer ou reconhecer de forma negativa, outros formatos de família ou de casais, utilizando como argumento que “o homem foi feito para a mulher e não há outra forma correta”. Rocha (2019, p, 18) discute as

práticas do grupo dos homossexuais, práticas essas contrárias às dos supostamente pertencentes ao grupo dos heterossexuais. Na medida em que [...] cabe aos heterossexuais cuidar da moral, dos bons costumes e dos ícones religiosos (ROCHA, 2019, p.18).

Vamos levantar aqui um questionamento e reflexão: porque esses fanáticos religiosos acreditam fortemente que são os “guardiões” desses chamados “desígnios de Deus” e porque

os mesmos acreditam que Deus concordaria ou aprovaria excluir ou agredir de qualquer forma, outro ser, sendo que segundo na própria escrita religiosa Ele diz para “amar aos outros como a si mesmo”? Tais questionamentos estão relacionados à forma como essas pessoas distorcem ou interpretam os discursos religiosos que, segundo eles, vêm diretamente de Deus, porém os mesmos se contradizem ao descumprir vários desses desígnios, incluindo o de não julgar e o de respeitar.

O ódio que Lady Gaga recebeu, estava relacionado a sua tentativa de espalhar uma mensagem de respeito e celebração LGBTQIAPN+ pelo mundo. Há diversos países extremamente conservadores religiosos como Malásia e Indonésia, onde ser homossexual não é apenas considerado pecado, é considerado ilegal. Como artista pop, a música chegou até esses países, que a repugnaram na época, inclusive a ameaçando de morte caso pisasse no país.

No excerto 11 para Evelyn e Peter, há uma espécie de “justificativa” para os comportamentos ‘religiosos’ dessas pessoas. Primeiro devemos lembrar que ambos não são representados pela identidade LGBTQIAPN+, portanto não possuem a vivência da homofobia e da intolerância religiosa, afinal, segundo as religiões que abordam essa intolerância, pessoas como Evelyn e Peter estão no “caminho certo” e não estão se desviando do “caminho de Deus”.

O discurso que eles parecem compreender de onde vem, provavelmente é o mesmo discurso que eles provavelmente ouvem a sua volta, embora a fala de Evelyn tenha soado mais com um tom sarcástico e irônico, afinal quando uma artista pop grava um clipe seminua e cantando que Deus não comete erros e que todos nós nascemos assim e devemos ser quem somos, imagina-se que em países como Indonésia e Malásia, a mesma iria receber falas de ódio e ameaças. Se no Brasil que é considerado um país laico, na época de lançamento, causou diversos discursos intolerantes em igrejas católicas e evangélicas, o que dizer de países governados segundo a doutrina religiosa que não tolera a homoafetividade nem mesmo em sua forma legal?

Evelyn inclusive afirma no excerto 11 que “as pessoas usam o nome de Deus para justificar seus atos” ou seja, seria como se esses fanáticos religiosos internamente pensassem “eu odeio e não aceito gays, pois sigo a mensagem de Deus, e segundo essa mensagem se o homem estiver com outro homem, isso é uma abominação porquê não foi isso que Deus disse ao homem pra fazer”.

Já Peter no excerto 11, parece questionar que talvez o fruto desse ódio tenha sido por Lady Gaga ter citado o nome de Deus. Em 2011, ainda era mais polêmico do que hoje ousar

lançar uma música que fazia referência a Deus, quem dirá citá-lo diretamente, ainda mais do gênero musical pop que é considerada pelos fanáticos religiosos como “mundano”.

Peter, que havia categorizado o clipe da música anteriormente como “estranho”, percebeu que, devido a essa natureza estranha de Lady Gaga de tentar levar esse mantra musical de igualdade e respeito, ela sofreu retaliações por todo o mundo por pessoas e grupos que eram e são contra esse tipo de discurso, identidade e representação. Afinal, tal identidade LGBTQIAPN+, que ganha força por meio da veia artística, se repercute de forma ampla e faz parecer que as crenças contrárias que outro grupo representa, pareçam inválidas, atrasadas, errôneas, discriminatórias e violentas em meio à representação abordada pela artista.

Betty, que se identifica como LGBTQIAPN+, verbaliza sua opinião sobre o grupo que usa a religião como forma de reprimir esta identidade, usando como argumento crenças religiosas. Percebe-se a angústia da aluna de precisar falar isso, por ser algo que é tratado com naturalidade pelas pessoas que representam a identidade de “cristão heteronormativo”. Augustine reafirma a não necessidade de um discurso negativo por parte dos que afirmam representar a identidade cristã, pois segundo ela Deus amaria a todos igualmente.

Rodriguez e Ouellette (2000) argumentam que, embora certas

interpretações religiosas sejam frequentemente associadas à intolerância contra pessoas LGBTQI+, é possível reinterpretar ensinamentos religiosos de maneira que promovam a aceitação e o respeito. Muitas tradições religiosas possuem princípios de amor ao próximo e justiça social que podem ser usados para desafiar a homofobia e a transfobia. Portanto, a intolerância não é uma necessidade teológica, mas sim uma escolha cultural e interpretativa (RODRIGUEZ e OUELLETTE, 2000, p. 47).

Sendo assim, a desculpa e o subterfúgio de se apoiar em qualquer tipo de modelo de crença religiosa para propagar o discurso de ódio contra as pessoas LGBTQIAPN+ é totalmente sem fundamento.

Evelyn, que até o presente momento ainda não havia se pronunciado sobre o tema, quebrou o silêncio realizando a afirmação do excerto 11, o uso da religião e das crenças como “apoio” para o discurso de ódio a identidades que são contrárias a que representa o sujeito hetero cis. Novamente percebe-se que no excerto 11, há certa indignação e repulsa ao comportamento daqueles que se dizem superiores e a necessidade de criar ambientes não saudáveis e cruéis para pessoas LGBTQIAPN+.

Após o primeiro debate concluído, passamos para a segunda música que foi escolhida por unanimidade pelos estudantes na enquete do *Instagram*. *I Will Survive* de Gloria Gaynor. A música foi reproduzida e fizemos uma análise da letra.

Excerto 12: Matheus: Então, porque vocês acham que essa música foi a mais escolhida na enquete?

Peter: É porque é um clássico

Augustine: A música fala sobre SOBREVIVER... claro que é sobre ser gay e livre

Matheus: Mas por que vocês acham que é um hino e o mais importante para a comunidade LGBTQIAPN+?”

Peter: O nome da música implica a maior mensagem...eu sobreviverei, representa a maioria das coisas pelas quais a comunidade passa...e ainda com dor e tudo mais...eles sobreviverão

É válido lembrar que a música foi lançada em 1978, durante uma época de maior visibilidade e ativismo LGBTQIAPN+ em relação à anos e décadas passadas. A música rapidamente se popularizou nas casas noturnas, importantes pontos de encontro da comunidade gay da época. Estes espaços proporcionaram um refúgio onde as pessoas podiam expressar livremente a sua identidade e sexualidade, e a música de Gloria Gaynor tornou-se um hino de celebração e libertação recebendo um *uptake* bastante significativo para esta comunidade. A ação das palavras *I Will Survive* transcendeu sua temática original para servir de hino e de motivação a toda uma população que se via oprimida e que, naquela época, não contava com nenhuma música que os representasse. Hilderbrand (2006) diz que a

popularidade de *'I Will Survive'* dentro da comunidade LGBTQ+ não é apenas um reflexo de seu apelo emocional, mas também de como ela encapsula uma narrativa de desafio e vitória sobre a adversidade, algo que muitas pessoas LGBTQ+ sentem em suas próprias vidas. A música serve como um lembrete constante de resiliência e da capacidade de perseverar (Hilderbrand, 2006, p. 23).

Como dito anteriormente, a cantora Gloria Gaynor jamais pensou que a música dela seria transformada em algo muito maior do que ela poderia prever ou imaginar. Nós LGBTQIAPN+ realizamos esse *uptake* com a letra para nossas vidas, a abraçamos como um hino de sobrevivência e resistência, a cantamos durante paradas e desfiles ao topo de nossos pulmões. Quando cantamos “*Você pensou que eu iria desmoronar? / Você pensou que eu iria me deitar e morrer? / Oh, não, eu não / Eu vou sobreviver*”, nós pensamos em toda a opressão

e marginalização que sofremos socialmente, como escolhemos nos levantar e viver todas as nossas “cores”, mesmo que passemos pelo “vale das sombras” “não temeremos mal algum”.¹⁹

Como uma pessoa LGBTQIAPN+, abordar este tema pessoalmente foi extremamente fortificante, eu senti que estava dando voz àquela criança oprimida que viveu em mim, principalmente por falar da música (*Born this way*) que teve um papel tão importante na minha vida como um adolescente que cresceu gay. Abordar essa temática na sociedade que vivemos nos dias de hoje, está ligado a saúde mental de milhares de adolescentes e jovens que sentem que não podem ser eles mesmos, que não podem assumir a identidade que os fazem sentir vivos e felizes. Meyer (2003) diz que as

peças LGBTQI+ enfrentam taxas mais altas de transtornos de saúde mental devido ao estigma, discriminação e violência que experimentam. A criação de ambientes sociais inclusivos e de apoio é crucial para melhorar o bem-estar psicológico dessa população (Meyer, 2003).

Por isso a importância de músicas assim, que levem representação e uma plataforma de comunicação para nossa gente, ressaltando a importância da performatividade da linguagem, que se faça com o objetivo de confrontar o modelo principal e opressor, quem tem o poder de representar e ditar as normas, ou seja, a hegemonia branca, masculina e heterossexual.

¹⁹ Ouso fazer uma citação ao Salmo 23:4, de origem cristã, como uma metáfora do que representaria o vale das sombras para nós LGBTQIAPN+, como a violência e a ignorância. Mas ainda assim não teremos medo de ser quem verdadeiramente somos. Esta é nossa identidade.

4.3 Representação e identidade racial

Tabela III: Músicas analisadas com a temática representação e identidade racial

Tema	Músicas Trabalhadas	Perguntas levantadas Pre - Reading (Instagram)	Data e formato da aula
Representação e identidade racial	<p>- Escolhida por mim:</p> <p>Black Or White (90's) - Michael Jackson Sonoridade: Pop</p> <p>- Escolhida pelos alunos:</p> <p>I Am Not My Hair (2000's) - India Arie Sonoridade: R&B</p>	<p>1) Você acredita na ideia de que não importa se somos “negros ou brancos”?</p> <p>2) Você acredita que podemos ser iguais e diferentes ao mesmo tempo?</p> <p>3) O que você acha da importância da diversidade étnica na sociedade?</p>	10/06 – Presencial

Fonte: Aguiar, 2024

Esta aula ocorreu no dia 10/06 de 2023 e estavam presentes os estudantes Augustine, Betty, Cassandra, Evelyn e Peter. Iniciamos a discussão deste terceiro e último tema comigo abordando as perguntas do *Instagram*.

Excerto 13:

Matheus: O que vocês acham das perguntas que eu fiz para vocês?

Peter: Muito importante!

...

Matheus: vou colocar a música e o videoclipe que eu escolhi, e depois vamos discutir isso

Debater sobre temática racial nunca é um assunto fácil, envolve diversas vertentes, opiniões e construções sociais, principalmente quando a maioria das pessoas debatendo o assunto são brancas. Acredito que, por isso, Peter foi o primeiro a falar sobre o assunto, mesmo que em poucas palavras percebia-se a força de sua afirmação, como um rapaz preto retinto. É de senso comum que o racismo é mais outra forma de opressão impulsionada principalmente pela identidade que tanto já citei nessa pesquisa: o homem hetero branco. Fanon (1952, p. 19)

afirma que para o negro, “existe apenas uma passagem real para a existência, e é pela afirmação de sua negritude, pela negação do branco”.

O fato é que Peter foi o único aluno que manifestou sua opinião sobre as perguntas que todos responderam no *instagram*, os outros até alguns momentos depois ficaram ausentes, talvez por medo de falar algo que pudesse ser interpretado de alguma forma negativa ou fora do contexto. A verdade é que, para a maioria das pessoas, falar abertamente sobre este tema é algo indiferente, por medo de reproduzir falas racistas, porém é necessário tomar consciência de que o silêncio e a abstenção em se discutir e em aprender fortalece a prática do racismo.

Ibram (2019, p. 74) diz que o racismo é “um sistema de ideias e práticas que desumaniza, explora e marginaliza os povos racializados. Para erradicar o racismo, precisamos desafiar e mudar as políticas e práticas que perpetuam essas desigualdades”. Posto isso, pessoas brancas não apenas podem falar sobre racismo como devem fazê-lo, reconhecendo seu status automático de privilégio social e colaborando para políticas que tragam igualdade para todos.

Após o momento inicial da aula, a música e o clipe da música *Black Or White* de Michael Jackson foram reproduzidos e novamente retomamos a discussão.

Excerto 14:

Matheus: Então, depois de assistir ao videoclipe, vocês têm alguma ideia do que vocês escreveram no Instagram?

Peter: Essa música fala sobre diversidade!”

Matheus: Qual é mensagem principal do vídeo e da música na opinião de vocês?

Peter: A música fala sobre a vida dele...é uma observação de todas as coisas que nós passamos.

Percebe-se novamente que Peter se sentiu representado pela música e pelo tema. Durante os dois primeiros temas suas opiniões foram mais impessoais, talvez pelo fato de ele não se sentir pertencente ou mesmo representado por nenhuma das identidades. Mas neste caso fica óbvio o porquê e como ele ressignificou a música de Michael nas suas vivências como um rapaz negro. *Black or White*, na análise de Haller (1992, p. 63), “serve como um manifesto musical contra o preconceito racial, combinando a cultura pop com uma poderosa mensagem de harmonia e unidade racial. O videoclipe da música usa efeitos visuais inovadores para enfatizar sua mensagem, retratando um mundo onde a raça se torna irrelevante”.

Quando Michael fez a música e o clipe ele tentou levar uma mensagem positiva, em meio à ignorância que sofreu da mídia por sua doença, que na época acreditavam que sua

mudança de cor era proposital e que o mesmo sentia “vergonha” de ser preto. Augustine fez uma avaliação interessante no excerto a seguir:

Excerto 15:

Augustine: Há uma coisa que notei em artistas como Michael, que fizeram cirurgia plástica no nariz. Dizem que em lugares quentes as pessoas têm narizes maiores e mais grossos, enquanto em lugares frios as pessoas têm narizes mais finos e menores. Este lugar quente representaria a América Latina e os países africanos, e os lugares frios estão obviamente relacionados com a Europa.

Excerto 16:

Augustine: É tipo, está tudo bem que você seja negro porque é americano. É tipo... pelo menos você não é asiático ou latino

Betty: E então eles queriam construir uma muralha²⁰

Peter: Acredito que seja por isso que na época de Donald Trump os negros que eram americanos concordavam com ele em construir o muro. No sentido de "somos negros, mas pelo menos somos americanos, esses mexicanos não são"

O país em questão, Estados Unidos, possui uma reputação de ser intolerante e racista com pessoas latinas, asiáticas ou africanas, o que é fato de acordo com Chung (2014, p. 16) que afirma como o “racismo anti-latino nos EUA é frequentemente caracterizado por uma hostilidade implícita e explícita que se manifesta através de políticas de imigração, estereótipos e práticas discriminatórias que perpetuam a marginalização dos latinos”.

Betty e Peter trouxeram ao debate a questão política do ex presidente Donald Trump, e sua muralha que para o povo latino. A esse respeito, Gómez (2020) nos diz que a promessa

de construir uma muralha na fronteira dos EUA com o México é não apenas uma proposta de política de segurança, mas também uma tentativa de reafirmar a supremacia branca e a exclusão racial. As implicações da muralha vão além da segurança física, afetando profundamente as comunidades latinas e sua percepção de cidadania e pertencimento (GÓMEZ, 2020, p. 25).

Ou seja, o governo de Trump, usando como desculpa “proteção e segurança”, espalhou a intolerância e xenofobia, ignorando identidades que não fossem da supremacia branca estadunidense.

²⁰ Referência a muralha que Donald Trump queria subir para impedir pessoas do México de entrar no país

Excerto 17:

Betty: Aqui é a mesma coisa com Jair Bolsonaro, as pessoas que o seguem não são da mesma classe que ele. Ele é rico e presidente, e suas linhas são para favorecer as pessoas ricas.

Peter: Exatamente!

Betty: E no nosso país temos diversidade, não temos pessoas 100% brancas

Peter: Quando falamos nisso penso na parte do sul que até quis se dividir do resto do país porque acredita que é uma supremacia de todos os brancos

Betty: E o Brasil tem outra questão que é o colorismo. Você só é negro se tiver pele escura. Você não pode ter pele clara.

De acordo com o excerto 17, Betty afirma que há diversidade no Brasil, porém esse discurso da diversidade sempre foi utilizado para mascarar o fato de que aqui no Brasil o racismo é tão ou mais implacável do que nos EUA. Há quem diga que, nesse aspecto, enquanto os EUA estão envoltos em lutas anti-racistas, nós aqui ainda estamos lutando pra provar que o racismo existe.

A problemática do colorismo ²¹e a propensão a ocultar ou justificar comportamentos racistas no Brasil são fenômenos interconectados, evidenciando a complexidade do racismo em nossa sociedade. No Brasil, o racismo é frequentemente minimizado ou justificado de formas sutis, como piadas racistas, crença em democracia racial ou tentativas de suavizá-los com uma justificativa. Esses elementos se entrelaçam e revelam nuances, essa combinação de colorismo e justificativas para comportamentos racistas geram um contexto em que o racismo pode se apresentar como "menos agressivo" ou "mais camuflado" em comparação a outros países, como os Estados Unidos, onde a manifestação do racismo é mais explícita e amplamente debatida.

Essa sutileza nas manifestações raciais contribui para a perpetuação de preconceitos e torna a discussão ainda mais complexa e necessária. Assim, a discriminação racial no Brasil é uma questão profundamente enraizada, impactando diretamente o acesso à educação, ao emprego, à segurança, e até mesmo à representação na mídia e na política. A luta contra o racismo no Brasil, portanto, deve transcender o simples reconhecimento da diversidade racial. Ela precisa confrontar o colorismo e as formas sutis de ocultar o preconceito racial, desmantelando as estruturas que perpetuam essas desigualdades. Essa abordagem é crucial para construir uma sociedade verdadeiramente justa.

²¹ O colorismo representa uma modalidade de preconceito racial fundamentada na tonalidade da pele, configurando-se como uma expressão do racismo estrutural. O conceito emergiu em 1982, subsequentemente à publicação da obra "Se o presente se parece com o passado, como será o futuro?", da renomada ativista Alice Walker.

O agora ex-presidente Bolsonaro é mencionado por Betty, e a identidade que tanto citamos neste trabalho do homem hetero branco parece começar a ganhar nomes e formas, como quando Trump foi citado. Não há dúvidas que assim como falamos anteriormente sobre o ato de fala como um discurso de revolta pela opressão seja por questões de gêneros ou sexualidade, Betty e Peter sentem a necessidade de nomear Bolsonaro e Trump como “rostos” causadores das opressões sofridas por esses grupos identitários: Mulheres, Negros, e pessoas LGBTQIAPN+.

Neste mesmo excerto, é citado o colorismo. De acordo com Silva (1985, p.76), dados revelam “que a discriminação racial no Brasil não se limita apenas ao binômio branco e negro, mas abrange toda uma gama de tons de pele, onde a pigmentação mais escura está associada a piores condições de vida.”

É perceptível como “tons mais claros” de pele estão associados a um “passe” de quase “não negro” enquanto tons mais escuros estão associados aos piores tratamentos e opressão pela sociedade. O que pode causar uma revolta de pessoas de tons de pele mais escuro, ao sentirem que negros de tons mais claros não passam pelo mesmo tipo de racismo e preconceitos.

De acordo com Lélia Gonzalez (1984), o racismo,

ao estabelecer hierarquias, desumaniza e objetifica os corpos negros. É um processo de negação da humanidade do outro, que é percebido e tratado como inferior (GONZALEZ, 1984, p. 238).

É válido ressaltar que, apenas a cor de pele não se torna um fator principal para definir uma raça, o que, de acordo com Santos (2010)

a cor da pele, amplamente utilizada como característica racial, constitui apenas uma das características que compõem uma raça. Entretanto, apesar do uso frequente na Ortodontia, um conceito crescente advoga que a cor da pele não determina a ancestralidade, principalmente nas populações brasileiras, altamente miscigenadas. (SANTOS, 2010, p. 124).

Um exemplo é a cantora Mariah Carey, para os norte-americanos a cantora é considerada negra por possuir descendência de afro americanos em sua linha genealógica, no seu caso o pai. Mariah Carey é considerada uma negra de “pele clara” e muitos brasileiros não conseguem entender a cantora ser considerada uma mulher negra. A cantora já disse abertamente em entrevistas, que se sente representada pelos brasileiros por nossa miscigenação,

onde é mais comum em nosso país pessoas serem “mistas” ao invés da nomenclatura “bi-racial” como nos Estados Unidos.

A canção de Michael Jackson talvez tenha sido criada com o propósito de responder à mídia na época por sua “mudança de cor”, mas o *uptake* inintencional ou intencional a transformou em um faixa dançante que empoderava as pessoas a sentirem orgulho de sua identidade racial e respectivamente de sua cultura, de acordo com o videoclipe da música. Coincidentemente, compartilhando semelhanças com “*Born This Way*” por se tratar de viver sua verdade.

Porém, um fator relevante não deve ser excluído da narrativa: a música “*Black or White*” deve ser levada para a seguinte reflexão. Ao exclamar na música que “*não importa se você é branco ou preto*” o cantor Michael Jackson tenta argumentar que a cor de pele não deveria ser algo relevante, onde podemos pensar sobre o mito da democracia racial, uma concepção amplamente dispersada no Brasil, que alega que o país constitui uma nação onde as relações raciais são harmoniosas e isentas de preconceitos, resultado da miscigenação que se desenvolveu ao longo de sua história.

Essa ideia, no entanto, muitas vezes ignora as complexidades e desigualdades que persistem nas interações raciais. De acordo com tal narrativa, o Brasil teria conseguido “transcender” o racismo que permeia outras sociedades, especialmente quando analisado à luz da realidade dos EUA. Lélia González (2020) fala sobre o mito da democracia racial afirmando que o modo de representação/discurso

encobre a trágica realidade vivida pelo negro no Brasil. Na medida em que somos todos iguais “perante a lei” e que o negro é “um cidadão igual aos outros”, graças à Lei Aurea nosso país é o grande complexo da harmonia inter-racial a ser seguido por aqueles em que a discriminação racial é declarada. Com isso, o grupo racial dominante justifica sua indiferença e sua ignorância em relação ao grupo negro. Se o negro não ascendeu socialmente e não participa com maior efetividade nos processos políticos, sociais, econômicos e culturais, o único culpado é ele próprio (GONZALEZ, 2020, p.31).

Ou seja, o discurso do “eu consegui e você também pode” é problemático a partir do momento que nem todos tem a mesma oportunidade ou plataforma para gozar de tais “privilégios”. O fato é que a música de Michael Jackson não pode ser caracterizada como a personificação da resistência contra o racismo, assim como a música “*Express Yourself*” de Madonna não pode ser a personificação da luta feminista, novamente são produtos de sua época e assim como citado anteriormente, possuíam um objetivo de “causar” uma determinada

reflexão social, mas não a ponto de deixar os “grandes homens brancos” que comandam a indústria musical irritados, pelo menos não nos anos 90. Isso porque, sem redes sociais e internet para impulsionar uma música com papel social por si só, Madonna e Michael Jackson dependiam desses “senhores” para evitar boicotes em rádios, programas televisivos e gravadoras que poderiam engavetar seus projetos e, nesse sentido, a eles não seria permitido “escandalizar” ao extremo.

Lady Gaga ou Taylor Swift, obtiveram a oportunidade de ir mais a fundo com suas sátiras e mensagens enfáticas sobre temas sociais, não apenas por conta da internet e sua facilidade para espalhar conteúdo, mas de como isso é relevante na década atual, ao contrário de quando Michael ou Madonna lançaram as suas canções nas rádios.

Voltando ao debate, no próximo excerto, Augustine cita o fator “raça”:

Excerto 18:

Augustine: Deveríamos retirar esse conceito de “raça” porque afinal nossa “raça” é humana, tudo deveria ser classificado como etnia.

Peter: Achei interessante a maneira como ele disse: “Não quero passar a vida sendo uma cor”

Betty: Siiiiim! acho que ele quis dizer isso no sentido de que depois de sofrer as consequências do vitiligo, os negros estavam insinuando que ele não era mais um ícone da comunidade negra por ter “trocado de pele”.

De acordo com Hall (2006, p.63) raça é compreendida como uma categoria discursiva e não uma categoria biológica ou seja ou seja, “contrariamente à crença generalizada – a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica” Hall (2006, p.62). Não se configurando, portanto, como uma característica possível para a distinção entre um povo e outro. No entanto, embora não constitua uma categoria biológica, trata-se de uma categoria discursiva que se faz presente. Segundo Hall (2006, p. 63) o conceito de raça é:

a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo do outro (HALL, 2006, p. 63).

Em outras palavras, do ponto de vista genético ou biológico, não se pode permitir que o conceito de raça defina fronteiras, utilize divisões discriminatórias, mas a discriminação é baseada em várias condições e recebe fortes linhas de sinal para justificar-se no âmbito social e estrutural através do discurso, através da ação de palavras que são usadas para categorizar,

discriminar, acusar, excluir e, acima de tudo, justificar todas essas ações e fazê-las parecer aceitáveis, naturais e até mesmo ‘corretas’ a toda uma sociedade com histórico escravagista como a nossa.

No excerto 18 Augustine diz “Deveríamos retirar esse conceito de ‘raça’ porque afinal nossa ‘raça’ é humana, tudo deveria ser classificado como etnia”. Santos (2010) no seu artigo de “Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar” aborda o conceito de raça afirmando que:

o genoma humano é composto de 25 mil genes. As diferenças mais aparentes (cor da pele, textura dos cabelos, formato do nariz) são determinadas por um grupo insignificante de genes. As diferenças entre um negro africano e um branco nórdico compreendem apenas 0,005% do genoma humano. Há um amplo consenso entre antropólogos e geneticistas humanos de que, do ponto de vista biológico, raças humanas não existem (SANTOS, 2010, p.122).

Infelizmente, a nomenclatura “raça” continua sendo utilizada como forma de dividir essas identidades, de forma opressora.

No excerto 19 abaixo, Augustine aborda sobre outro tópico relevante para a luta anti racista:

Excerto 19:

Augustine: Entra muito na questão de "ah, você é branco então não pode ser antirracista. Não é o seu lugar de fala

Betty: Lembro-me que na época do *Black Lives Matter* em 2020, muitas pessoas questionavam por que os brancos estavam falando e postando sobre o movimento, porque não era função deles falar. E isso foi muito triste, porque não é preciso muito para ser gentil com os outros, para ser empático e para ajudar esse movimento a ter voz.

De acordo com Lélia González (pg. 228, 1984) “Os brancos que se consideram antirracistas precisam reconhecer seus privilégios e entender que o racismo é uma estrutura que lhes beneficia, quer eles queiram ou não. Não basta ser contra o racismo, é necessário que lutem ativamente contra ele, desafiando seus próprios privilégios”. Dessa forma, é fato que pessoas brancas não apenas podem ser antirracistas, como devem, inclusive, reconhecer seus privilégios como identidade opressora e colonizadora e buscar meios de serem ativamente posicionados contra discriminações raciais e sociais.

Sobre o movimento *Black Lives Matter* Alicia Garza (2014) fala sobre a participação de pessoas brancas: “É importante trabalharmos juntos para construir e reconhecer o legado das contribuições negras na luta pelos direitos humanos. [...] Elevar a vida dos negros como uma

oportunidade para conectar lutas entre raça, classe, gênero, nacionalidade, sexualidade e deficiência”.

No excerto 19, Betty que, como já citado anteriormente, é uma mulher branca, afirmou que “não é preciso muito para ser gentil com os outros, para ser empático e para ajudar esse movimento a ter voz”. A mesma tem um posicionamento claro sobre ser gentil e ter empatia. As pessoas brancas podem sim participar da luta *Black Lives Matter*, desde que reconheçam seus limites e saibam como contribuir, sem levar crédito ou tentar justificar.

Silva (2022b) no artigo “I Can’t Breath” para a revista diário de Barretos, cita Ângela Davis ao dizer que: “não basta ser antirracista na teoria, é preciso ser na prática” e segundo o mesmo “se formos racistas, que possamos assumir uma nova identidade: sermos racistas em desconstrução.”

Ou seja, não adianta apenas tentar contribuir, mas também reconhecer seus próprios privilégios como uma pessoa branca, questionar-se se está perpetuando algum estereótipo ou prejudicando alguém, procurar se informar sobre a história do racismo, tanto em contexto geral como também específico e entender como esse sistema se formou. Deve-se estar aberto a reconhecer quando perpetuam atitudes racistas e aceitar a crítica como oportunidade para aprender e melhorar.

Silva (2022a) em seu artigo “Por uma sociedade antirracista” reflete sobre formas para combater o racismo, o que o autor propõe é “uma política de igualdade, de reconhecimento e de respeito aos outros. Todos nós pertencemos à mesma raça: a raça humana. Ao passo que se fizermos isto, progrediremos como nação em um país marcado pelas lembranças do segregacionismo e de escravidão em todos os âmbitos possíveis.”

Prosseguindo para a segunda música dentro da análise dessa temática, a música “*I Am Not My Hair*” da cantora India Arie lançada no ano de 2005, escolhida através da enquete no *Instagram* pelos alunos. A música aborda a narrativa das pessoas negras em relação ao seu cabelo e como eles são vistos pela sociedade por conta disso. A Música traz letras fortes como “cabelo bonito significa cachos e ondas / cabelo ruim significa que você parece um escravo”.

Excerto 20:

Augustine: Eu acho muito importante ela estar cantando sobre isso, porque antes de tudo ela é uma mulher, e uma mulher negra e se ela quer ou não cabelo tem uma visão muito mais importante para uma mulher do que para um homem

Betty: até porque as mulheres com cabelos afro são sempre obrigadas pela sociedade a alisar os cabelos, pois dizem que ficarão melhores e mais ‘arrumados’

Augustine: Basicamente, mesmo no mundo Disney, a única princesa negra é uma mulher pobre que precisa trabalhar para realizar seu sonho. O oposto das outras princesas, que além de ricas são brancas.

Pelo trecho da letra citada acima e do excerto 20 podemos analisar que se trata de uma crítica a como os cabelos dos negros “incomodam” ao ponto de eles precisarem seguir um padrão estético para ser aceitável, no caso liso ou que seja cacheado. Em outro trecho a cantora ainda diz “é hora de redefinirmos quem somos / você pode raspar como uma beleza sul-africana” “usar dreadlocks como Bob Marley / você pode deixar liso como Oprah Winfrey / não é o que está na sua cabeça / é o que está por baixo”

As mulheres negras, principalmente, sofrem uma opressão social ainda maior por conta do cabelo, principalmente se decidem assumir suas verdadeiras raízes e manter seu cabelo crespo, Lélia González (1982) argumenta que:

O cabelo crespo, essa parte do corpo que em nossa cultura ocidental é tido como sinônimo de 'feiura' e 'desleixo', ao ser assumido pela mulher negra como parte de sua identidade, representa um ato de resistência cultural e afirmação de sua negritude (GONZÁLEZ, 1982, p. 234).

Nesse sentido o *uptake* que a música cria para os ouvintes, é muito mais do que um “hino” sobre celebrar suas raízes, é um discurso político que carrega o contexto histórico da opressão causada pelo colonizador, homem branco, através dos tempos e como como ele tentou e ainda tenta apagar a identidade dos negros, impondo que a representação de cabelos que não sejam lisos ou loiros é “feio” ou “mal visto”. Ainda falando sobre Lélia González (1988) a mesma ainda reforça que as mulheres negras

desde cedo, são ensinadas a odiar seus cabelos crespos e cacheados, a alisar ou 'domar' o que é considerado selvagem e inferior. Isso é uma forma de alienação, um processo de colonização do corpo e da mente que reforça padrões estéticos racistas e eurocêtricos (GONZÁLEZ, 1988, p. 72).

Excerto 21:

Betty: É interessante que na música ele fale sobre *dreadlocks*". O sucesso não veio até eu cortar todos eles"

Peter: Sim, é muito poderoso quando ela diz “cabelo ruim significa que você parece um escravo.

O cabelo do negro é um dos elementos de sua identidade, traz suas origens e cultura, assumir com orgulho seus traços é, segundo Lélia González (pg. 157, 1994), uma das expressões da sua amefricanidade. Ele traz consigo a memória de uma história de resistência, desde os tempos da escravidão até os dias de hoje, onde assumir o cabelo natural é um ato político.

Voltando ao excerto 20 quando Augustine afirmou que “Basicamente, mesmo no mundo Disney, a única princesa negra é uma mulher pobre que precisa trabalhar para realizar seu sonho. O oposto das outras princesas, que além de ricas são brancas”. Nessa fala podemos enxergar o que já foi dito anteriormente e será repetido novamente: o homem branco, tentou e ainda tenta apagar a identidade dos negros e quando demonstra “aceitar” entrega papéis e cria personagens que ele julga serem “adequados” para os negros de acordo com sua visão de “separação social”.

Por isso vemos em filmes Disney, princesas brancas que são resgatadas ou são ricas e precisam se casar e a princesa negra é a da classe social não burguesa, que precisa trabalhar para realizar um sonho e não tem “príncipe encantado”. Ou quando essa identidade branca, decide que uma mulher negra não pode interpretar o papel fictício de um personagem em filme pois “aquele personagem não tem aquela cor”, mas preferem acreditar que está tudo bem em pessoas brancas interpretarem deuses egípcios ou africanos nas grandes telonas.

Augustine não se sente representada por uma princesa branca dos cabelos lisos, rica e que espera o príncipe encantado, por possuir a identidade de uma menina negra não retinta com cabelos cacheados, que precisa trabalhar.

Por fim, ambas as músicas, de Michael Jackson e de India Arie, abordam uma reflexão sobre identidade e representação racial, no caso de Michael nos anos 90 e India nos anos 2000. De um lado um homem negro tentando passar a mensagem de que “não devemos passar a vida sendo uma cor” e no outro lado uma mulher negra que evidencia o orgulho de seus cabelos, independentemente de como eles são ou estão.

Discutir esse tema por meio dessas músicas, talvez tenha permitido que Peter recebesse um *uptake* de encorajamento por parte das letras, de todos os temas, esse foi o que ele mais se expressou e inclusive deixou sua comunicação em inglês fluir de forma mais natural e sem insegurança. O que fortalece a ideia de que Peter usou a língua inglesa não apenas para se comunicar em outro idioma, mas também para expressar opiniões políticas, e mais importante, falar sobre sua identidade como um homem negro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve origem a partir do meu trabalho de conclusão de curso, que objetivava trabalhar a música em sala de aula além do contexto de gramática e da tradução. Porém, nessa nova pesquisa eu pude levar essa proposta para um outro nível, a partir do momento em que o novo objetivo foi causar debates e reflexões a partir dos temas das músicas escolhidas. Ao contrário do trabalho anterior, em que eu selecionei todas as músicas que seriam utilizadas, nessa pesquisa houve uma participação direta dos alunos no processo, o que tornou o estudo ainda mais rico.

Um grande diferencial foram os temas abordados nessa pesquisa, como feminismo, LGBTQIAPN+ e racismo que, diferentemente do meu trabalho anterior, traziam temas de forma mais superficial. Foi um sentimento de evolução usar novamente a música “*Born This Way*” nessa pesquisa, canção que já havia sido usada no primeiro trabalho, mas novamente, nessa pesquisa ela recebeu uma nova perspectiva de análise.

Em relação ao desenvolvimento deste estudo, utilizei a pesquisa qualitativa e, dentro desta vertente, a pesquisa interpretativista em um estudo de caso, realizado no Centro de Estudos Continuos em Letras, Linguística e Artes, com a participação inicial de nove alunos e ao decorrer da pesquisa, quatro alunos. O objetivo teve como proposta de investigação desenvolver debates e reflexões com a utilização de músicas em língua inglesa verificando os processos de identificação dos estudantes, investigando o impacto que as músicas trabalhadas causam nos alunos, e os processos de identificação, adesão e interação, analisando as ressignificações realizadas pelos estudantes a partir das músicas e temas.

Nesta pesquisa contamos com vários estudos e várias teorias que ajudaram nas análises de dados, como Ikeda e suas contribuições com a música, os conceitos de identidade e representação à luz dos estudos de Hall e dentre outros. Utilizamos as teorias de Pinto para falar sobre os conceitos de linguagem, dialogando com Rajagopalan sobre a pragmática, bem como Austin e Ottoni falando sobre a visão performativa da linguagem e os atos de fala e explicando também o conceito de uptake.

Tendo passado pelas análises das falas e das colocações dos alunos em sala e também na página do *Instagram* utilizada durante a coleta de dados, faremos nesta parte final do estudo um apanhado geral das perguntas de pesquisa procurando sintetizar as descobertas, resultados e as reflexões possíveis a partir de cada uma das perguntas e análise.

Conforme já dito, a primeira de pesquisa proposta para este estudo foi “qual o impacto que as músicas trabalhadas causam nos alunos? como se dão os processos de identificação,

adesão, interação e forma de contato com a LI pelos estudantes?” Com essa pesquisa finalizada, percebi que as músicas fizeram os alunos refletir sobre suas identidades e sua posição como sujeito crítico no meio social. Uma ou duas músicas específicas, tiveram maior apelo para cada aluno dependendo da temática discutida em sala, desde as alunas que se sentiram representadas por músicas que falavam sobre feminismo ou sobre um aluno negro que sentiu que poderia falar ainda mais por aquele tema abordar sua vivência como cidadão pertencente a esta comunidade.

Assim, percebi ao longo da pesquisa que cada um se viu impactado de acordo com o que lhe representava, por isso suas falas eram mais contundentes ou mais embasadas quando suas filiações identitárias estavam sendo representadas nas músicas e discutidas em sala. Sobre as identificações, cada um se identificou com o que mais se aproximava de sua realidade e com o que mais o representava, isso também abria as portas para que emitissem opiniões com maior facilidade, sem medos de dizerem algo que iria desagradar.

Em relação ao empoderamento, quando estavam falando da sua identidade, eles estavam mais empoderados e é justamente essa a função da identidade, empoderar o sujeito para que ele possa reivindicá-la e lutar por ela, defendê-la. A questão da adesão está relacionada com o empoderamento que a adesão a uma determinada identidade, ideologia ou posicionamento político fornece à pessoa. E a interação é algo natural que decorre de todos que estão envolvidos com alguma causa e se sentem pertencentes àquele grupo.

Em relação à LI, posso dizer que os alunos interagiram totalmente em LI e se sentiram empoderados e motivados a emitirem suas opiniões utilizando para isso a língua que estavam aprendendo, a própria LI foi um fator de empoderamento, haja visto que é a língua em que mais canções e filmes e formas de cultura que defendem esses grupos minoritários são produzidos, ou seja, não é à toa que milhares de pessoas querem aprender a Língua Inglesa, mesmo sem ter a intenção de viajar para fora do Brasil.

Em relação à forma como interagiram, percebi que tudo surgiu de forma orgânica, sendo realmente uma conversa e um debate entre pessoas que trouxeram à mesa não apenas seus pontos de vista e opiniões, mas também pensamentos e posicionamentos que refletiam a identidade de cada um, tanto que me vi como um mediador e um instigador do debate, fazendo com que os estudantes falassem em língua inglesa com total liberdade dentro das temáticas, não deixando de trazer seu conhecimento de mundo.

Na segunda pergunta de pesquisa que questionava “quais foram as ressignificações realizadas pelos estudantes a partir das músicas e temas estudados durante as aulas? Tenho uma enorme satisfação pessoal de ver como os alunos levaram as letras das músicas para outro patamar, como no caso da música “*The Man*” onde as alunas interpretaram a letra

ressignificando uma música que foi composta com o propósito de falar sobre as dificuldades que a mulher sofre na indústria musical, para o âmbito social do dia a dia de qualquer mulher, onde a mesma é oprimida em ambientes de trabalho, e que se fosse um homem seria diferente.

Antes da pesquisa, as participantes viam as princesas da Disney como uma forma de representação feminina, mas após discussões as mesmas chegaram ao consenso que a identidade que as princesas da Disney representam são de personagens femininas que necessitam ser salvas por homens, ou de mulheres que acabam como subalternas e seu maior objetivo é conseguir um casamento.

Debater o tema do feminismo teve uma enorme importância pra mim, não apenas como um pesquisador, mas pessoalmente pela minha identidade e como ela foi construída ao longo da minha vida, como alguém que durante a infância e a adolescência se sentiu representado pelas músicas e letras de grandes artistas femininas. A figura feminina sempre teve uma enorme influência na minha identidade, então sempre busquei ser um homem que se engajou em práticas feministas, sobre isso trago a citação de Butler (2004, p.218) que diz que “se o gênero é performativo, e se essa performatividade é algo que pode ser mudado, então isso sugere que qualquer pessoa, independentemente de seu sexo, pode se engajar em práticas feministas”.

Assim, falar, debater e lutar pelas causas feministas é lutar contra muitas formas de opressão e, neste caso, uma das mais antigas e arraigadas em nosso modo de ver o mundo: a opressão feminina. O homem precisa ter ciência de seu privilégio pelo gênero e o poder que possui, citando novamente Butler (2004, p.43), homens “podem ser feministas, mas precisam estar cientes de suas próprias posições sociais e dos privilégios que acompanham essas posições. É importante que eles escutem e apoiem, em vez de dominar a conversa”.

Evelyn realizou uma resignificação relacionado a religião, ao afirmar que as pessoas usam a religião como uma desculpa para agressão, resignificando como nem sempre a religião é sobre “acolher e amar a todos”. Apesar de a maioria das religiões promover a paz, o respeito e a harmonia entre os seres humanos, existem casos em que seus ensinamentos são interpretados de maneira distorcida. Isso resulta na transformação desses princípios em justificativas para atos de intolerância e violência.

Ou no caso do aluno Peter, que resignificou a música “*Black or White*” mesmo que de forma sutil, mas percebi que houve esse *uptake* pessoal para o mesmo. Especialmente quando o mesmo fez citação do seguinte trecho da música “*Não quero passar a vida sendo uma cor*”, como essa frase teve um impacto em Peter é algo que eu gostaria que ele tivesse deixado mais claro, porém eu vi e compreendi que aquilo significou algo a mais pra ele e é algo que apenas

a música faz, ressignificações também sobre o cabelo afro, e como a mulher negra se sente pressionada pela sociedade a alisar os cabelos.

Agradeço imensamente a participação dos meus alunos, com quem tive a honra de realizar essa pesquisa com todo apoio e respaldo. Alunos que criei nomes fictícios baseados em personagens de canções. Novamente, agradeço mais uma vez ao CECLLA, que pra mim é mais que um programa da universidade, mas sim uma “casa” para todos os professores de letras. Foi honroso fazer parte do CECLLA novamente, e espero futuramente continuar contribuindo e aprendendo com esse programa.

Realizar essa pesquisa pra mim foi uma mistura de prazer, curiosidade, reflexão, aprendizado, lembranças e gratidão. Eu tenho a certeza que pude fazer algo que meu eu adolescente teria orgulho, usar a música com um propósito além do superficial, usá-la para conectar pessoas, diferentes tipos de pessoas que no fim das contas conseguem ter um diálogo e entender umas às outras, compreender as origens de outro sujeito e sua identidade. Considero que a música sempre pode ser utilizada de forma extraordinária, bastando ouvir as melodias e letras para se sentir inspirado a criar algo belo e inspirador

Minha pesquisa trouxe uma nova perspectiva para o uso de música em sala de aula nas aulas de língua inglesa, não foi um trabalho onde eu utilizei atividades com contexto gramatical ou pedi que fizessem tradução ou algo do tipo. O principal foram os discursos reflexivos com origem nas contribuições que as músicas trouxeram. Além disso, me orgulho do papel que o/a estudante recebeu nesse trabalho, não apenas como um receptor ou “sujeito” de pesquisa, mas como membro que tinha direito de escolha, voz e presença ativa.

Os alunos escolheram 2 das 6 músicas, ou seja, o rumo para qual esse estudo foi conduzido também dependeu das escolhas dos alunos. Surpreendentemente, eu não esperava que os alunos se sentissem tão à vontade para permitir que suas opiniões e posicionamentos fossem publicados em rede social aberta e que ficassem tão empolgados em escolher a segunda música dos últimos dois temas discutidos. Era visível que eles realmente se importaram e queriam estar presentes e fazer parte do estudo.

Espero que essa pesquisa possa contribuir para outros professores e pesquisadores que assim como eu, tenham essa paixão e relação com a música. E sintam-se inspirados a serem criativos quanto ao uso da música em suas aulas e que eles possam fazer mais do que apenas traduzir ou “completar” as lacunas.

Futuramente, espero que eu possa fazer uma nova pesquisa e que ela possa ser ainda mais aprofundada, abordando mais temas de representação e identidade, temas que possam levantar mais debates relacionados a problemática social deles. Devido ao meu compromisso

de trabalho na época, eu posso admitir que gostaria de ter tido mais tempo para coletar mais dados ou até mesmo inserir mais temas na pesquisa.

Gostaria que a pesquisa tivesse mais alunos compartilhando dados, infelizmente devido a evasão do curso precisei trabalhar com cinco deles, mais especificamente. Acredito que com mais alunos presentes as reflexões seriam ainda mais ricas e levariam a mais aprofundamentos. Para próximas pesquisas fica como sugestão talvez a gravação de um documentário completo, mostrando na íntegra o debate dos alunos, bem como suas reações com as músicas, acredito que uma abordagem mais visual acrescentaria muito para a pesquisa, reforçando com registros que outras pessoas poderiam assistir e compartilhar entre o meio acadêmico e fora também.

Sugiro ainda acrescentar mais músicas e artistas, que fazem parte daquele tema e que usam suas músicas como desabafo de experiências reais que vivenciariam, bem como a presença de artistas não norte americanizados. É necessário trazer o ponto de vista de outras culturas que também usam a língua inglesa ou outras línguas, até mesmo para os alunos terem um “gosto” de outras variações linguísticas.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN, Psychological Association. **Respostas às suas perguntas: Para uma melhor compreensão da orientação sexual e da homossexualidade**, 2008.
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- BAKHTIN, Mikhail. **A imaginação dialógica: quatro ensaios**, 1981.
- BOND, BJ e COMPTON, DR. **Gay na tela: A relação entre a exposição a personagens gays na televisão e o endosso da igualdade gay pelo público heterossexual**. Comunicação de Massa e Sociedade, 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade**, 1990.
- _____. **Corpos que Importam: Sobre os Limites Discursivos do ‘Sexo’**, 1993.
- _____. **Desfazendo Gênero**. New York: Routledge, 2004.
- CORACINI, Maria José. **O Discurso da Lingüística Aplicada e a Questão da Identidade: entre a modernidade e a pós-modernidade**. In: Maria José Rodrigues Faria Coracini; Ernesto S Bertoldo. (Org.). *O Desejo da Teoria & A Contingência da Prática - Discursos sobre/na sala de aula (língua materna e língua estrangeira)*. Campinas: Mercado das Letras, 2003, v, p. 97-116.
- _____. **Língua Materna, Língua Estrangeira: A Construção da Identidade e a Representação do Sujeito**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003
- CONTIER, Arnaldo Daraya. **Arte e Estado: música e poder na Alemanha nos anos 30**. Revista Brasileira de História, v. 8, p. 107-122, 1988.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CHUNG, A. Y. **Imigração e o Sonho Americano: Assimilação e Imigração Contemporânea**. Routledge, 2014.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. New York: Grove Press, 1952.
- FERRAZ, Mônica. **Ensino de língua inglesa com música**. Revista Eletrônica Pro-docência, UEL. Edição 3, 2013.
- FERREIRA, L. M. A., & ORRICO, E. G. D. (Org.). **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

FRASER, Nancy. **Justiça Interruptus**: Reflexões Críticas sobre a Condição 'Pós-Socialista'. Routledge, 1997.

FREITAS, A. C. **As identidades do Brasil**: buscando as identificações ou afirmando as diferenças? In: RAJAGOPALAN, K.; FERREIRA, D. M. (orgs.). Políticas em linguagem: perspectivas identitárias. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

FINGERHUT, A. W. **Aliados heterossexuais: o que prevê a aliança dos heterossexuais com a comunidade LGBT?** Revista de Psicologia Social Aplicada, 41(9), 2230-2248, 2011.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Vol. IV Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARZA, Alicia. **A herstory of the #BlackLivesMatter movement**. The Feminist Wire, 2014.

GÓMEZ, Laura. **Raça e controle de fronteiras: o impacto do muro de Trump nas comunidades latinas**. University of California Press, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio De Janeiro, Número 92/93 (jan./jun.), 1988.

_____. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro. Zahar, 2020

_____. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984. p. 223-244.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro, 2006

HALLER, R. L. **'Black or White' de Michael Jackson: uma análise crítica**. *Popular Music and Society*, 16(1), 15-27, 1992.

HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. M. **A subjetivação na perspectiva dos estudos culturais e foucaultianos**. *Psicologia da Educação*, v. 23, p. 57-74, 2006.

HEREK, G. M. **Além da “homofobia”**: pensando sobre o preconceito e o estigma sexual no século XXI. *Sexuality Research & Social Policy*, 1(2), 6-24, 2004.

HILDERBRAND, L. **'I Wake Up and I Cry': Disco e a política queer do trauma**. In: *Jump Cut: A Review of Contemporary Media*, (48), 79-89, 2006

IKEDA, Alberto. **Música, política e ideologia: algumas considerações**. Arquivo (Unesp), v. 1, p. nn-zz, 2007

KANTER, R. M. **Homens e Mulheres da Corporação**, 1977.

KENDI, I. X. **Como ser um anti-racista**. New York: One World, 2019.

LEMOS, Carlos de Almeida. **A imitação em Aristóteles**. Anais de filosofia clássica, vol. 3 n° 5, 2009. ISSN 1982-5323

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1986

LUZ, Débora Silva Brito. **A música como instrumento de aprendizagem nas aulas de espanhol como língua estrangeira**. Revista Norte Científico-e-ISSN 2236-2940 4.1, 2009.

MARCONDES, D. **Apresentação. A filosofia da linguagem de J. L. Austin**. J. L. Austin. Quando dizer é fazer. Palavras e ação, 7-17. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MEYER, I. H. **Preconceito, estresse social e saúde mental em populações lésbicas, gays e bissexuais: questões conceituais e evidências de pesquisa**. Psychological Bulletin, 2003.

OSBORNE, PETER, AND LYNNE SEGAL. **Gender as Performance: An Interview with Judith Butler**." Radical Philosophy, No. 67, 1994

RAJAGOPALAN, K. **Os caminhos da Pragmática no Brasil**. D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999 (323-338)

_____. **Linguística Cognitiva e Pragmática do Uso da Linguagem**. In: Ciências da Linguagem, 23(4), 2001.

_____. **A Política da Linguagem e o Conceito de Identidade Linguística**. In: Linguagem e Política (Questões Atuais em Linguagem e Sociedade). Routledge, 2003.

_____. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ROCHA, D. **Identidade, representações e performatividade: palavras, ações e crucificação na Parada Gay em São Paulo**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada , v. 19, p. 849-870, 2019.

ROCHA, D., & de Araújo, W. **VIDAS NEGRAS IMPORTAM!**. *Humanidades & Inovação*, 9(9), 254-269, 2022

RODRIGUEZ, E. M., & OUELLETTE, S. C. **Cristãos gays e lésbicas: Integração da identidade homossexual e religiosa nos membros e participantes de uma igreja gay-positiva.** *Journal for the Scientific Study of Religion*, 39(3), 333-347, 2000

SANTOS, Diego Junior da Silva, et al. **Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar.** *Dental Press Journal of Orthodontics*, Maringá, v. 15, n. 3, p. 121-124, jun, 2010.

SILVA, K. A. **Por uma sociedade antirracista.** *O Diário De Barretos*, Barretos, p. 1 - 1, 20 agosto. 2022.

_____. **I can't breath. Até quando?** *O Diário De Barretos*, Barretos, p. 1 - 1, 17 dezembro. 2022.

_____. **Se o racismo não é estrutural no Brasil é o que então?** *O Diário De Barretos*, Barretos, p. 1 - 1, 14 abr. 2023.

SILVA, T. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, T. (org.), HALL, S., WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

SILVA, Tomaz Tadeu da. HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais.** Ed.15. Petrópolis RJ: Editora: Vozes, 2014.

SILVA, N. V. **Atualizando o custo de não ser branco no Brasil.** In: Pierre-Michel Fontaine (Ed.), *Raça, classe e poder no Brasil.* Centro de Estudos Afro-Americanos, Universidade da Califórnia, Los Angeles, 1985.

SUASSUNA, Livia. **Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário.** In: PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 26, n. 1, 341-377, jan./jun. 2008

TAYLOR, Yvette. **Encontros queer de sexualidade e classe: navegando pelas paisagens emocionais da academia.** *Emotion, Space and Society*, 2013

Warner, Michael. **Introdução: Medo de um Planeta Queer.** *Texto Social*, (29), 3-17, 1991.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANEXOS

7.1 Transcrição do debate sobre Representação Feminina

Matheus = So what do you guys think about the song ?

Peter = it's an empowerment song for women, it's about how they shouldn't leave themselves second.

Betty = it's about women feeling comfortable in their own skin, and not feeling ashamed of who they are, just be themselves

Matheus = Do you think this song represents feminism?

Betty = for some people maybe not, but for the time it was created it certainly had its value, this part of this song brings a certain controversy in the feminist view where women don't actually need a "big, strong, masculine hand" for anything.

Augustine = Tell women not to be content with little and to value themselves!

Betty = You could say it's a feminist song for 1989, where it was considered strange or absurd for a woman to express herself, to fight for something better than what is offered..., but compared to today where we have more freedom, no becomes as revolutionary as it was in 1989.

Evelyn = In 1989 it was uncommon for men to open space for women to think and speak, even today it is still difficult for a woman to speak in meetings, I say this because I worked for 20 years at Banco do Brasil. When the manager was a woman, they didn't give morals... and if it's like that today, imagine in 1989, if a man had to appreciate a woman based on her head and not her appearance. At that time, in Disney films and television [women] were portrayed as someone who needed to be saved, as fragile and in need of protection. Because at the end of the day feminism is about seeking equality. Regarding the part about getting up from the ground, the woman should not be in the shadow of any man.

Betty = it's definitely a feminist song, without a doubt, as it says in the lyrics, if I were a man bragging about my dollars I would be the guy, instead of a narcissistic or arrogant woman, as she says in the song.

Augustine = I found it interesting that, in the music video, she acts as if she were a male director, that is, she asks the actor to act in a more attractive and friendly way, which is exactly the kind of things that female actresses need to hear from male directors. She's acting like she's a man.

Evelyn = No matter how hard we try to get space, there's always this barrier

Betty = there is always some excuse or reason for a woman to have some job or role, if I were a man I would arrive in less time and I wouldn't have to work or prove twice as hard to have the same position as an ordinary man, it's never about a If a woman succeeds on her own merit, there is always a reason...

Augustine = I really liked this part, because when a woman is acting like a man she is bitter or mean and when the man acts the same way it is just business.

7.2 Transcrição do debate sobre Representação LGBTQIAPN+

Matheus = How do you feel about those questions?

Peter = It was very interesting...so many people don't think about how important it is, I like it

Augustine = I think it's a good idea to post this...because classes don't just stay in books and there are things to discuss about.

Betty = I agree with the questions, everyone has the right to be who they are.

Matheus = And what do you think of all this, the music, the lyrics and the video?

Peter = It's strong and strange... and it breaks the message the song wants to express

Betty = I found the video shocking and I think that's what she wanted to express.

Matheus = And how do you think this is related to the topic of the questions you answered about this on Instagram and the things we talked about before seeing and listening to the music video?

Peter = Everyone should be who they are, she was born this way, she needs respect

Betty = Respect yourself and live without regrets

Augustine = It's very encouraging and is about acceptance

Peter = I had no idea she was so hated around the world

Betty = These people's religion is used as a platform for hate. They use their religion to harm and kill people...

Augustine = Yes, if God preaches love, why would they be treated differently...

Evelyn = It's because many people use the name of God to justify their actions...

Betty = The person wants to cause pain, but wants to justify their actions with God and religion

Evelyn = It's kind of expected in these conservative countries that she's hated too.

Peter = She also said that God doesn't make mistakes...maybe that's one of the reasons they're mad...her talking about God?

Matheus = So, why do you think this song was the most chosen in the poll?

Peter = It's because it's a classic

Augustine = The song is about SURVIVING... of course it's about being gay and free

Matheus = But why do you think it is an anthem and the most important thing for the LGBTQIAPN+ community?”

Peter = The name of the song implies the biggest message...I will survive, it represents most of the things the community goes through...and with the pain and all...they will survive

7.3 Transcrição do debate sobre Representação e identidade racial

Matheus = What do you think of the questions I asked you?

Peter = Very important!

...

Matheus = I'll put on the song and the video clip that I chose, and then we'll discuss it.

Matheus = So, after watching the music video, do you have any idea what you wrote on Instagram?

Peter = This song talks about diversity!”

Matheus = What is the main message of the video and song in your opinion?

Peter = The song is about his life...it's an observation of all the things we've been through.

Augustine = There's one thing I've noticed about artists like Michael who have had plastic surgery on their nose. They say that in hot places people have bigger and thicker noses, while in cold places people have thinner and smaller noses. This hot place would represent Latin America and African countries, and the cold places are obviously related to Europe

Augustine = It's like, it's okay that you're black because you're American. It's like... at least you're not Asian or Latino

Betty = And then they wanted to build a wall

Peter = I believe that's why in Donald Trump's time, black Americans agreed with him on building the wall. In the sense of “we are black, but at least we are Americans, these Mexicans are not”

Betty = It's the same thing here with Jair Bolsonaro, the people who follow him are not from the same class as him. He is rich and president, and his lines are to favor rich people.

Peter = Exactly!

Betty = And in our country we have diversity, we don't have 100% white people Peter: When we talk about this I think about the part of the south that even wanted to divide itself from the rest of the country because it believes that it is a supremacy of all white people Betty: And Brazil has Another issue is colorism. You are only black if you have dark skin. You can't have fair skin.

Augustine = We should remove this concept of “race” because after all our “race” is human, everything should be classified as ethnicity.

Peter = I thought it was interesting the way he said: “I don’t want to spend my life being a color” Betty: Yessss! I think he meant this in the sense that after suffering the consequences of vitiligo, black people were insinuating that he was no longer an icon of the black community because he had “changed his skin”.

Augustine = It really gets into the question of "oh, you're white so you can't be anti-racist. It's not your place to speak

Betty = I remember around the time of Black Lives Matter in 2020, a lot of people were questioning why white people were talking and posting about the movement, because it wasn't their place to speak. And that was really sad, because it doesn't take much to be kind to others, to be empathetic and to help this movement have a voice.

Augustine = I think it's very important that she is singing about this, because first of all she is a woman, and a black woman and whether or not she wants hair is a much more important vision for a woman than for a man.

Betty = especially because women with afro hair are always forced by society to straighten their hair, as they say it will look better and more 'tidy'

Augustine = Basically, even in the Disney world, the only black princess is a poor woman who has to work to make her dream come true. The opposite of the other princesses, who are not only rich, but also white.

Betty = It's interesting that in the song he talks about dreadlocks. Success didn't come until I cut them all off."

Peter = Yes, it’s very powerful when she says “bad hair means you look like a slave.

7.4 Plano de aula utilizado em uma das aulas

Plano de Aula: Representação Feminina – 22/04/2023

Título: Representação Feminina em debate com as letras das músicas: "Express Yourself" e "The Man"

Público-Alvo: Estudantes de nível intermediário de inglês do CECLLA

Duração: 2 horas e 30 minutos

Objetivos:

1. Desenvolver habilidades de escuta, leitura, fala e análise crítica em língua inglesa.
2. Promover reflexão sobre questões de gênero e representação feminina.
3. Estimular a argumentação através de um debate estruturado.

Etapas do Plano de Aula:

1. Introdução (10 minutos)

- **Atividade de Aquecimento:** Pergunte aos alunos:
 - "Vocês conseguem pensar em canções ou artistas que abordam questões sociais?"
 - "Como a música pode influenciar a forma como vemos temas como gênero, igualdade e representação?"
- Apresente brevemente as artistas Madonna e Taylor Swift, destacando suas contribuições para o empoderamento feminino.

2. Atividade de Escuta e Análise de Letras (40 minutos)

Parte 1: "Express Yourself" (Madonna)

- Toque a música e o videoclipe "Express Yourself" acompanhado da letra
- Discuta em sala:
 - Qual é a mensagem principal da música?
 - Como Madonna encoraja as mulheres a se expressarem?

Parte 2: "The Man" (Taylor Swift)

- Toque a música e o videoclipe "The Man" acompanhado da letra
- Discuta em sala:
 - Qual é a mensagem principal da música?
 - Como a música The Man aborda o feminismo?

Comparando as Letras

- Peça que os alunos comparem as mensagens das duas músicas:
 - "Como as mensagens de Madonna e Taylor Swift são semelhantes ou diferentes?"
 - "O que mudou no discurso sobre representação feminina entre as décadas em que as músicas foram lançadas?"

3. Debate: Representação Feminina na Música e na Sociedade (40 minutos)**Preparando o Debate:**

- Divida a sala em dois grupos.
 - Argumentar que a representação feminina na música evoluiu significativamente e contribuiu para mudanças sociais positivas.
 - Argumentar que, apesar dos avanços, ainda existem grandes desafios e representações problemáticas.

4. Encerramento e Reflexão (10 minutos)

- Pergunte:
 - "O que aprendemos sobre representação feminina hoje?"
 - "Como podemos aplicar essas ideias para sermos mais críticos em relação à mídia que consumimos?"

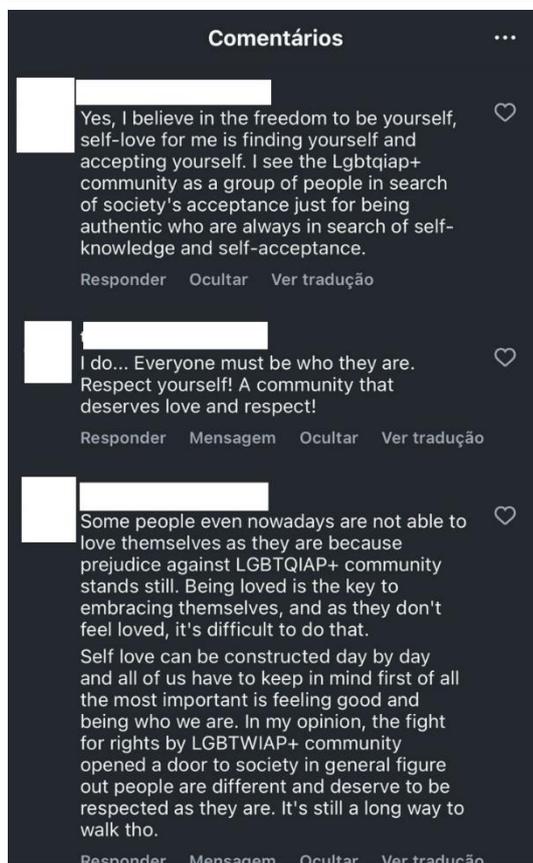
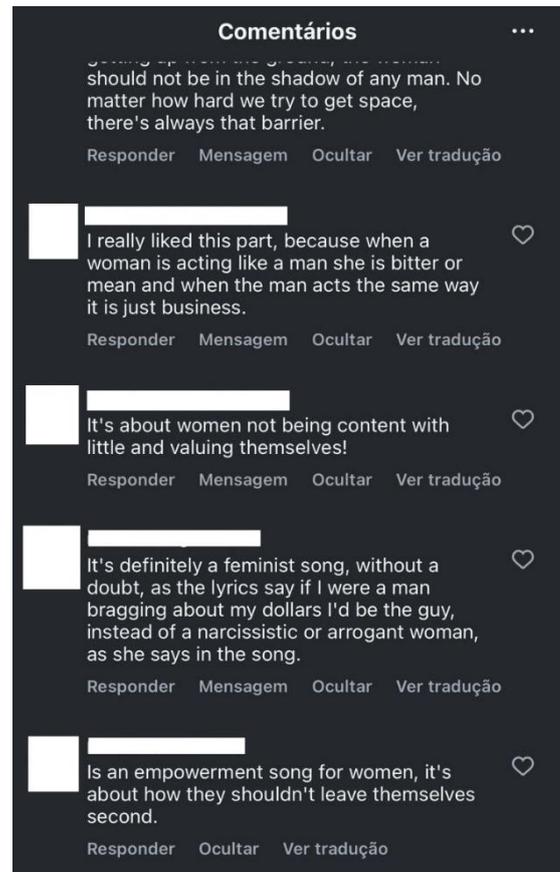
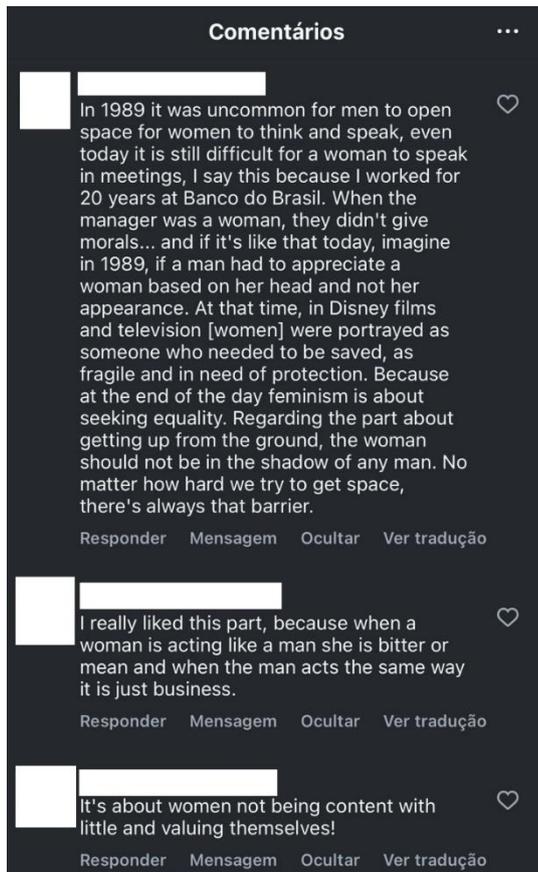
Recursos Necessários:

- Letras das músicas (impressas ou projetadas)
- Áudio das canções ou link para plataformas digitais

Avaliação:

- Participação nas discussões e no debate.
- Habilidade de argumentação e uso do vocabulário relevante.
- Reflexão crítica nas atividades.

7.5 Prints de alguns comentários do Instagram cecllateam



7.6 Letras das músicas utilizadas na pesquisa

<i>Express Yourself - Madonna</i>	<i>Se Expresse - Madonna</i>
<p>Come on, girls Do you believe in love? 'Cause I got something to say about it And it goes something like this</p>	<p>Vamos lá, garotas Vocês acreditam no amor? Porque tenho uma coisa para dizer sobre ele E é mais ou menos assim</p>
<p>Don't go for second best, baby Put your love to the test You know, you know, you've got to Make him express how he feels And maybe then you'll know your love is real</p>	<p>Não aceite o segundo lugar, amor Ponha seu amor à prova Você sabe, você sabe que tem que Fazer com que ele expresse o que sente E talvez então você saberá que o amor dele é verdadeiro</p>
<p>You don't need diamond rings Or eighteen karat gold Fancy cars that go very fast You know they never last, no, no</p>	<p>Você não precisa de anéis de diamante Ou ouro de 18 quilates Carros bonitos que andam muito rápido Você sabe que eles não duram para sempre, não, não</p>
<p>What you need is a big, strong hand To lift you to your higher ground Make you feel like a queen on a throne Make him love you till you can't come down</p>	<p>O que você precisa é de uma mão grande e forte Para te elevar para seu plano mais alto Fazer você se sentir uma rainha em um trono Faça ele te amar até você não poder descansar</p>
<p>Don't go for second best, baby Put your love to the test You know, you know, you've got to Make him express how he feels And maybe then you'll know your love is real</p>	<p>Não aceite o segundo lugar, amor Ponha seu amor à prova Você sabe, você sabe que tem que Fazer com que ele expresse o que sente E talvez então você saberá que o amor dele é verdadeiro</p>
<p>Long stem roses are the way to your heart But he needs to start with your head Satin sheets are very romantic What happens when you're not in bed?</p>	<p>Rosas de caule comprido são o caminho para seu coração Mas ele precisa começar com sua cabeça Lençóis de cetim são muito românticos O que acontece quando vocês não estão na cama?</p>
<p>You deserve the best in life So if the time isn't right, then move on Second best is never enough You'll do much better, baby, on your own</p>	<p>Você merece o melhor na vida Então se não está na hora certa, siga em frente Ficar em segundo plano nunca é o bastante Você fará melhor por conta própria</p>
<p>Don't go for second best, baby Put your love to the test You know, you know, you've got to Make him express how he feels And maybe then you'll know your love is real</p>	<p>Não aceite o segundo lugar, amor Ponha seu amor à prova Você sabe, você sabe que tem que Fazer com que ele expresse o que sente E talvez então você saberá que o amor dele é verdadeiro</p>
<p>Express yourself (You've got to make him) Express himself Hey, hey, hey, hey So if you want it right now, make him show you how Express what he's got Oh, baby, ready or not</p>	<p>Se expresse (Você tem que fazer com que) Ele se expresse Ei, ei, ei, ei Então, se você quiser agora mesmo, faça-o mostrar como Expressar o que ele sente Oh, amor, esteja pronto ou não</p>
<p>And when you're gone, he might regret it Think about the love he once had Try to carry on, but he just won't get it He'll be back on his knees</p>	<p>E quando você for embora, ele vai se arrepender</p>
<p>To express himself</p>	<p>E quando você for embora, ele vai se arrepender</p>

<p>(You've got to make him) Express himself Hey, hey</p> <p>What you need is a big, strong hand To lift you to your higher ground Make you feel like a queen on a throne Make him love you till you can't come down</p> <p>And when you're gone, he might regret it Think about the love he once had Try to carry on, but he just won't get it He'll be back on his knees</p> <p>So, please</p> <p>Don't go for second best, baby Put your love to the test You know, you know, you've got to Make him express how he feels And maybe then you'll know your love is real</p> <p>Express yourself (You've got to make him) Express himself Hey, hey, hey, hey So if you want it right now, make him show you how Express what he's got Oh, baby, ready or not</p> <p>Express yourself Express yourself So if you want it right now, then make him show you how Express what he's got Oh, baby, ready or not</p> <p>Express yourself Respect yourself So if you want it right now, then make him show you how Express what he's got Oh, baby, ready or not Express yourself!</p>	<p>Vai pensar sobre o amor que ele uma vez teve Vai tentar seguir em frente, mas não vai conseguir Ele voltará de joelhos</p> <p>Para se expressar (Você tem que fazer com que) Ele se expresse Ei, ei</p> <p>O que você precisa é de uma mão grande e forte Para te elevar para seu plano mais alto Fazer você se sentir uma rainha em um trono Faça ele te amar até você não poder descansar</p> <p>E quando você for embora, ele vai se arrepender Vai pensar sobre o amor que ele uma vez teve Vai tentar seguir em frente, mas não vai conseguir Ele voltará de joelhos</p> <p>Então, por favor</p> <p>Não aceite o segundo lugar, amor Ponha seu amor à prova Você sabe, você sabe que tem que Fazer com que ele expresse o que sente E talvez então você saberá que o amor dele é verdadeiro</p> <p>Se expresse (Você tem que fazer com que) Ele se expresse Ei, ei, ei, ei Então, se você quiser agora mesmo, faça-o mostrar como Expressar o que ele sente Oh, amor, esteja pronto ou não</p> <p>Se expresse Se expresse Então, se você quiser agora mesmo, faça-o mostrar como Expressar o que ele sente Oh, amor, esteja pronto ou não</p> <p>Se expresse Se respeite Então, se você quiser agora mesmo, faça-o mostrar como Expressar o que ele sente Oh, amor, esteja pronto ou não Se expresse!</p>
--	---

<i>The Man – Taylor Swift</i>	<i>O cara - Taylor Swift</i>
<p>I would be complex, I would be cool They'd say I played the field before I found someone to commit to And that would be okay for me to do Every conquest I had made would make me more of a boss to you</p>	<p>Eu seria complexa, seria descolada Eles diriam que eu peguei todas antes de achar alguém para me comprometer E não teria problema nenhum em eu fazer isso Toda conquista que eu alcançasse faria você me achar ainda mais foda</p>
<p>I'd be a fearless leader I'd be an alpha type When everyone believes ya What's that like?</p>	<p>Eu seria uma líder destemida Eu seria um tipo alfa Quando todo mundo acredita em você Como é isso?</p>
<p>I'm so sick of running as fast as I can Wondering if I'd get there quicker if I was a man And I'm so sick of them coming at me again 'Cause if I was a man, then I'd be the man I'd be the man I'd be the man</p>	<p>Eu estou tão cansada de correr o mais rápido que consigo Imaginando se eu chegaria lá mais rápido se eu fosse um homem E estou tão cansada deles vindo atrás de mim de novo Porque se eu fosse um homem, então eu seria o cara Eu seria o cara Eu seria o cara</p>
<p>They'd say I hustled, put in the work They wouldn't shake their heads and question how much of this I deserve What I was wearing, if I was rude Could all be separated from my good ideas and power moves</p>	<p>Eles diriam que eu me esforcei, foquei no trabalho Eles não iriam balançar a cabeça e questionar o quanto eu mereço isso O que eu estava vestindo, se eu fui rude Poderia ser separado das minhas boas ideias e dos meus atos destemidos</p>
<p>And they would toast to me, oh, let the players play I'd be just like Leo in Saint Tropez</p>	<p>E eles brindariam a mim, oh, deixem os jogadores jogar Eu seria como Leonardo DiCaprio em Saint Tropez</p>
<p>I'm so sick of running as fast as I can Wondering if I'd get there quicker if I was a man And I'm so sick of them coming at me again 'Cause if I was a man, then I'd be the man I'd be the man I'd be the man</p>	<p>Eu estou tão cansada de correr o mais rápido que consigo Imaginando se eu chegaria lá mais rápido se eu fosse um homem E estou tão cansada deles vindo atrás de mim de novo Porque se eu fosse um homem, então eu seria o cara Eu seria o cara Eu seria o cara</p>
<p>What's it like to brag about raking in dollars and getting bitches and models? And it's all good if you're bad And it's okay if you're mad If I was out flashing my dollars, I'd be a bitch not a baller They'd paint me out to be bad So, it's okay that I'm mad</p>	<p>Como é se gabar sobre nadar em dólares e arranjar vadias e modelos? E está tudo bem se você for mau E tudo bem se você está com raiva Se eu estivesse jogando meus dólares, me chamariam de vadia, não de fodão Eles me pintariam como malvada Então, está tudo bem eu estar com raiva</p>
<p>I'm so sick of running as fast as I can Wondering if I'd get there quicker if I was a man (you know that) And I'm so sick of them coming at me again (coming at me again) 'Cause if I was a man (if I was a man) Then I'd be the man (then I'd be the man)</p>	<p>Eu estou tão cansada de correr o mais rápido que consigo Imaginando se eu chegaria lá mais rápido se eu fosse um homem (você sabe disso) E estou tão cansada deles vindo atrás de mim de novo (vindo atrás de mim de novo) Porque se eu fosse um homem (se eu fosse um homem)</p>
<p>I'm so sick of running as fast as I can (as fast as I can) Wondering if I'd get there quicker if I was a man (hey) And I'm so sick of them coming at me again (coming at me again)</p>	<p>Eu estou tão cansada de correr o mais rápido que consigo Imaginando se eu chegaria lá mais rápido se eu fosse um homem (você sabe disso) E estou tão cansada deles vindo atrás de mim de novo (vindo atrás de mim de novo) Porque se eu fosse um homem (se eu fosse um homem)</p>

<p>'Cause if I was a man (if I was a man), then I'd be the man I'd be the man I'd be the man (oh) I'd be the man (yeah) I'd be the man (I'd be the man)</p> <p>If I was a man, then I'd be the man</p>	<p>Então eu seria o cara (então eu seria o cara)</p> <p>Eu estou tão cansada de correr o mais rápido que consigo (o mais rápido que consigo) Imaginando se eu chegaria lá mais rápido se eu fosse um homem (ei) E estou tão cansada deles vindo atrás de mim de novo (vindo atrás de mim de novo) Porque se eu fosse um homem (se eu fosse um homem), então eu seria o cara Eu seria o cara Eu seria o cara (oh) Eu seria o cara (sim) Eu seria o cara (eu seria o cara)</p> <p>Se eu fosse um homem, então eu seria o cara</p>
--	--

<i>Born This Way – Lady Gaga</i>	<i>Nasci Assim – Lady Gaga</i>
<p>It doesn't matter if you love him, or capital H-I-M Just put your paws up 'Cause you were born this way, baby</p> <p>My mama told me when I was young We are all born superstars She rolled my hair and put my lipstick on In the glass of her boudoir</p> <p>There's nothin' wrong with lovin' who you are She said: 'Cause He made you perfect, babe So hold your head up, girl, and you'll go far Listen to me when I say</p> <p>I'm beautiful in my way 'Cause God makes no mistakes I'm on the right track, baby I was born this way</p> <p>Don't hide yourself in regret Just love yourself and you're set I'm on the right track, baby I was born this way</p> <p>Ooh, there ain't no other way Baby, I was born this way Baby, I was born this way</p> <p>Ooo, there ain't no other way Baby, I was born this way I'm on the right track, baby I was born this way</p> <p>Don't be a drag, just be a queen Don't be a drag, just be a queen Don't be a drag, just be a queen Don't be!</p> <p>Give yourself prudence and love your friends Subway kid, rejoice your truth</p>	<p>Não importa se você ama ele, ou E-L-E com a letra maiúscula Apenas levante suas garras Pois você nasceu desse jeito, meu bem</p> <p>Minha mãe me falou, quando eu era criança Que todos nós nascemos super estrelas Ela fazia cachos no meu cabelos e me passava batom No espelho do seu quarto</p> <p>Não há nada de errado em amar quem você é Ela dizia: Pois Ele criou você perfeita, meu bem Então erga sua cabeça, menina, e você irá longe Me escute quando eu digo</p> <p>Eu sou linda do meu jeito Pois Deus não comete erros Estou no caminho certo, meu bem Eu nasci desse jeito</p> <p>Não se esconda atrás de arrependimentos Apenas ame a si mesma e você estará preparada Eu estou no caminho certo, meu bem Eu nasci desse jeito</p> <p>Ooh, não tem outro jeito Meu bem, eu nasci desse jeito Meu bem, eu nasci desse jeito</p> <p>Ooh, não há outro jeito Meu bem, eu nasci desse jeito Eu estou no caminho certo, meu bem Eu nasci desse jeito</p> <p>Não seja uma personagem, só seja uma rainha Não seja uma personagem, só seja uma rainha Não seja uma personagem, só seja uma rainha Não seja!</p> <p>Seja prudente consigo e ame os seus amigos</p>

<p>In the religion of the insecure I must be myself, respect my youth</p> <p>A different lover is not a sin Believe capital H-I-M (hey, hey, hey) I love my life, I love this record and Mi amore vole fe yah (same DNA)</p> <p>I'm beautiful in my way 'Cause God makes no mistakes I'm on the right track, baby I was born this way</p> <p>Don't hide yourself in regret Just love yourself and you're set I'm on the right track, baby I was born this way</p> <p>Ooh, there ain't no other way Baby, I was born this way Baby, I was born this way</p> <p>Ooh, there ain't no other way Baby, I was born this way I'm on the right track, baby I was born this way</p> <p>Don't be a drag, just be a queen Whether you're broke or evergreen You're black, white, beige, chola descent You're Lebanese, you're orient Whether life's disabilities Left you outcast, bullied or teased Rejoice and love yourself today 'Cause baby, you were born this way</p> <p>No matter gay, straight or bi Lesbian, transgendered life I'm on the right track, baby I was born to survive No matter black, white or beige Chola or orient made I'm on the right track, baby I was born to be brave</p> <p>I'm beautiful in my way 'Cause God makes no mistakes I'm on the right track, baby I was born this way</p> <p>Don't hide yourself in regret Just love yourself and you're set I'm on the right track, baby I was born this way</p> <p>Ooh, there ain't no other way Baby, I was born this way Baby, I was born this way</p> <p>Ooh, there ain't no other way</p>	<p>Criança metropolitana, exalte a sua verdade Na religião da insegurança Devo ser eu mesma, respeitar minha juventude</p> <p>Um amor diferente não é pecado Acredite N-E-L-E com letra maiúscula (ei, ei, ei) Eu amo minha vida, eu amo essa canção e Meu amor precisa de fé (mesmo DNA)</p> <p>Eu sou linda do meu jeito Pois Deus não comete erros Estou no caminho certo, meu bem Eu nasci desse jeito</p> <p>Não se esconda atrás de arrependimentos Apenas ame a si mesma e você estará preparada Eu estou no caminho certo, meu bem Eu nasci desse jeito</p> <p>Ooh, não tem outro jeito Meu bem, eu nasci desse jeito Meu bem, eu nasci desse jeito</p> <p>Ooh, não há outro jeito Meu bem, eu nasci desse jeito Eu estou no caminho certo, meu bem Eu nasci desse jeito</p> <p>Não seja uma personagem, só seja uma rainha Mesmo você sendo sem grana ou ricoço Você sendo preto, branco, pardo ou de origem latina Você sendo libanês ou oriental Mesmo que as deficiências da vida Te façam sentir deslocado, perseguido ou importunado Exalte e ame a si mesmo hoje Pois, meu bem, você nasceu desse jeito</p> <p>Não importa se você é gay, hétero ou bi Lésbica, transgênero Estou no caminho certo, meu bem Eu nasci para sobreviver Não importa se você é preto, branco ou pardo Latino ou vindo do oriente Estou no caminho certo, meu bem Eu nasci para ter coragem</p> <p>Eu sou linda do meu jeito Pois Deus não comete erros Estou no caminho certo, meu bem Eu nasci desse jeito</p> <p>Não se esconda atrás de arrependimentos Apenas ame a si mesma e você estará preparada Eu estou no caminho certo, meu bem Eu nasci desse jeito</p> <p>Ooh, não tem outro jeito Meu bem, eu nasci desse jeito Meu bem, eu nasci desse jeito</p>
---	---

<p>Baby, I was born this way I'm on the right track, baby I was born this way</p> <p>I was born this way, hey! I was born this way, hey! I'm on the right track, baby I was born this way, hey!</p> <p>I was born this way, hey! I was born this way, hey! I'm on the right track, baby I was born this way, hey!</p> <p>Same DNA, but born this way Same DNA, but born this way</p>	<p>Ooh, não há outro jeito Meu bem, eu nasci desse jeito Eu estou no caminho certo, meu bem Eu nasci desse jeito</p> <p>Eu nasci desse jeito, ei! Eu nasci desse jeito, ei! Estou no caminho certo, meu bem Eu nasci desse jeito, ei!</p> <p>Eu nasci desse jeito, ei! Eu nasci desse jeito, ei! Estou no caminho certo, meu bem Eu nasci desse jeito, ei!</p> <p>Mesmo DNA, mas nascida desse jeito Mesmo DNA, mas nascida desse jeito</p>
--	---

<i>I Will Survive – Gloria Gaynor</i>	<i>Eu vou sobreviver – Gloria Gaynor</i>
<p>At first, I was afraid I was petrified Kept thinking I could never live without you by my side But then I spent so many nights thinking how you did me wrong And I grew strong And I learned how to get along</p> <p>And so you're back From outer space I just walked in to find you here with that sad look upon your face I should have changed that stupid lock I should have made you leave your key If I'd have known for just one second you'd be back to bother me</p> <p>Go on now, go Walk out the door Just turn around now 'Cause you're not welcome anymore</p> <p>Weren't you the one who tried to hurt me with goodbye? Did you think I'd crumble? Did you think I'd lay down and die?</p> <p>Oh, no, not I I will survive Oh, as long as I know how to love I know I'm still alive</p> <p>I've got all my life to live And I've got all my love to give And I'll survive I will survive Hey, hey</p>	<p>No início, eu tive medo Eu fiquei paralisada Fiquei pensando que nunca conseguiria viver sem você ao meu lado Mas então eu passei tantas noites pensando em como você me fez mal E eu me fortaleci E eu aprendi a me recompor</p> <p>E então você voltou Do nada Eu acabo de entrar em casa e encontro você aqui com aquele olhar triste no seu rosto Eu devia ter mudado a maldita fechadura Eu devia ter feito você deixar sua chave Se eu soubesse, apenas por um segundo, que você voltaria para me incomodar</p> <p>Vá agora, vá Saia pela porta Simplesmente dê meia volta agora Porque você não é mais bem-vindo</p> <p>Não foi você quem tentou me machucar com o adeus? Você pensou que eu iria desmoronar? Você pensou que eu iria me deitar e morrer?</p> <p>Oh, não, eu não Eu vou sobreviver Oh, enquanto eu souber como amar Eu saberei que ainda estou viva</p> <p>Eu tenho toda a minha vida para viver E eu tenho todo meu amor para dar E eu vou sobreviver Eu vou sobreviver Ei, ei</p>

<p>It took all the strength I had Not to fall apart Just trying hard to mend the pieces of my broken heart And I spent, oh, so many nights just feeling sorry for myself I used to cry But now I hold my head up high</p> <p>And you see me Somebody new I'm not that chained up little person still in love with you And so you felt like dropping in and just expect me to be free Well, now I'm saving all my loving for someone who's loving me</p> <p>Go on now, go Walk out the door Just turn around now 'Cause you're not welcome anymore</p> <p>Weren't you the one who tried to break me with goodbye? Did you think I'd crumble? Did you think I'd lay down and die?</p> <p>Oh no, not I I will survive And as long as I know how to love I know I'm still alive</p> <p>I've got all my life to live And I've got all my love to give And I'll survive I will survive, oh</p> <p>Go on now, go Walk out the door Just turn around now 'Cause you're not welcome anymore</p> <p>Weren't you the one who tried to crush me with goodbye? Did you think I'd crumble? Did you think I'd lay down and die?</p> <p>Oh no, not I I will survive And as long as I know how to love I know I'm still alive</p> <p>I've got all my life to live And I've got all my love to give And I'll survive I, I, I will survive</p> <p>Go on now, go Walk out the door</p>	<p>Foi preciso toda a força que eu tinha Para não desabar Apenas tentando de tudo para juntar os pedaços do meu coração partido E eu passei, oh, tantas noites só sentindo pena de mim mesma Eu costumava chorar Mas agora eu mantenho minha cabeça bem erguida</p> <p>E você me vê Uma nova pessoa Eu não sou aquela pessoinha acorrentada, ainda apaixonada por você E então te bateu vontade de fazer uma visita e achou que eu estaria disponível Bem, agora estou guardando todo meu amor para alguém que está me amando</p> <p>Vá agora, vá Saia pela porta Simplesmente dê meia volta agora Porque você não é mais bem-vindo</p> <p>Não foi você quem tentou me machucar com o adeus? Você pensou que eu iria desmoronar? Você pensou que eu iria me deitar e morrer?</p> <p>Oh, não, eu não Eu vou sobreviver E enquanto eu souber como amar Eu saberei que ainda estou viva</p> <p>Eu tenho toda a minha vida para viver E eu tenho todo meu amor para dar E eu vou sobreviver Eu vou sobreviver, oh</p> <p>Vá agora, vá Saia pela porta Simplesmente dê meia volta agora Porque você não é mais bem-vindo</p> <p>Não foi você quem tentou me machucar com o adeus? Você pensou que eu iria desmoronar? Você pensou que eu iria me deitar e morrer?</p> <p>Oh, não, eu não Eu vou sobreviver E enquanto eu souber como amar Eu saberei que ainda estou viva</p> <p>Eu tenho toda a minha vida para viver E eu tenho todo meu amor para dar E eu vou sobreviver Eu, eu, eu vou sobreviver</p> <p>Vá agora, vá</p>
--	---

<p>Just turn around now 'Cause you're not welcome anymore</p> <p>Weren't you the one who tried to crush me with goodbye? Did you think I'd crumble? Did you think I'd lay down and die?</p> <p>Oh, no, not I I will survive And as long as I know how to love I know I'm still alive</p> <p>I've got all my life to live And I've got so much love to give And I'll survive I will survive I will survive</p>	<p>Saia pela porta Simplesmente dê meia volta agora Porque você não é mais bem-vindo</p> <p>Não foi você quem tentou me machucar com o adeus? Você pensou que eu iria desmoronar? Você pensou que eu iria me deitar e morrer?</p> <p>Oh, não, eu não Eu vou sobreviver E enquanto eu souber como amar Eu saberei que ainda estou viva</p> <p>Eu tenho toda a minha vida para viver E eu tenho tanto amor para dar E eu vou sobreviver Eu vou sobreviver Eu vou sobreviver</p>
---	---

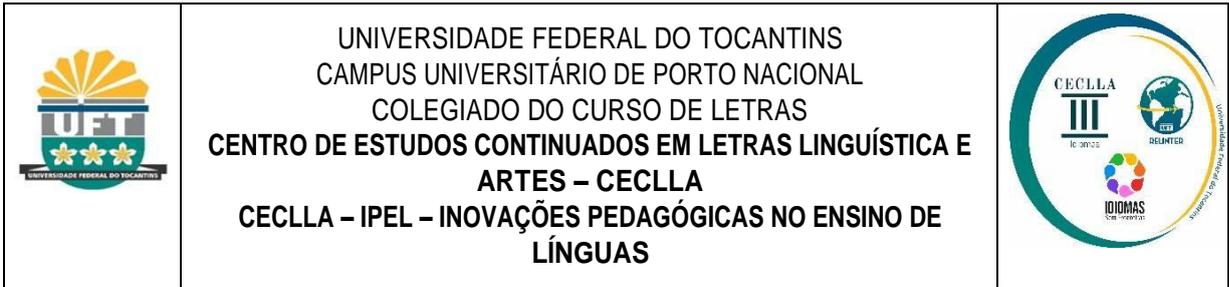
<i>Black Or White – Michael Jackson</i>	<i>Preto Ou Branco – Michael Jackson</i>
<p>I took my baby on a Saturday bang Boy, is that girl with you? Yes, we're one and the same Now, I believe in miracles And a miracle has happened tonight</p> <p>But if you're thinking about my baby It don't matter if you're black or white</p> <p>They print my message in the Saturday Sun I had to tell them I ain't second to none And I told 'em about equality And it's true, either you're wrong or you're right</p> <p>But if you're thinking about my baby It don't matter if you're black or white</p> <p>I am tired of this devil I am tired of this stuff I am tired of this business So when the going gets rough I ain't scared of your brother I ain't scared of no sheets I ain't scared of nobody Girl, when the going gets mean</p> <p>[L.T.B.] Protection for gangs, clubs and nations Causing grief in human relations It's a turf war on a global scale I'd rather hear both sides of the tale See, it's not about races Just places, faces Where your blood comes from is where your space is I've seen the bright get duller I'm not going to spend my life being a color</p>	<p>Levei a minha garota para uma balada no sábado Cara, essa garota está com você? Sim, nós estamos juntos Agora eu acredito em milagres E um milagre aconteceu essa noite</p> <p>Mas se você estiver pensando na minha garota Não importa se você é preto ou branco</p> <p>Eles publicaram a minha mensagem no Saturday Sun Tive que dizer a eles que não fico atrás de ninguém E falei para eles sobre igualdade E é verdade, esteja você certo ou errado</p> <p>Mas se você estiver pensando na minha garota Não importa se você é negro ou branco</p> <p>Estou cansado desse mal Estou cansado dessas coisas Estou cansado desse negócio Então quando a coisa fica feia Não tenho medo do seu irmão Não tenho medo de jornal Não tenho medo de ninguém Garota, quando a coisa fica séria</p> <p>[L.T.B.] Proteção para gangues, clubes e nações Causando tristeza nas relações humanas É uma guerra por território em uma escala global Prefiro ouvir os dois lados da história Veja, não se trata de raças Apenas lugares, rostos De onde o seu sangue vem é onde é o seu lugar Já vi o brilho ficar mais apagado Não vou passar a minha vida sendo apenas uma cor</p>

<p>Don't tell me you agree with me When I saw you kicking dirt in my eye</p> <p>But if you're thinking about my baby It don't matter if you're black or white I said: If you're thinking of being my baby It don't matter if you're black or white I said: If you're thinking of being my brother It don't matter if you're black or white</p> <p>Oh, oh Alright, yeah, yeah, yeah Oh, come on Yeah, yeah, yeah</p> <p>It's black, it's white It's tough for you to get by (yeah, yeah, yeah) It's black, it's white It's tough for you to get by It's black, it's white</p> <p>It's black, it's white It's tough for you to get by (yeah, yeah, yeah) It's black, it's white It's tough for you to get by It's black, it's white</p>	<p>Não venha dizer que concorda comigo Quando eu te vi jogando poeira nos meus olhos</p> <p>Mas se você estiver pensando na minha garota Não importa se você é preto ou branco Eu disse: Se você estiver pensando em ser minha garota Não importa se você é preto ou branco Eu disse: Se você estiver pensando em ser meu irmão Não importa se você é preto ou branco</p> <p>Oh, oh Certo, sim, sim, sim Oh, vamos lá Sim, sim, sim</p> <p>Seja preto, seja branco É difícil para você sobreviver (é, é, é) Seja preto, seja branco É difícil para você sobreviver (é, é, é) Seja preto, seja branco</p> <p>Seja preto, seja branco É difícil para você sobreviver (é, é, é) Seja preto, seja branco É difícil para você sobreviver (é, é, é) Seja preto, seja branco</p>
---	---

<i>I Am Not My Hair – India Arie</i>	<i>Eu Não Sou Meu Cabelo – India Arie</i>
<p>Is that India. Arie? What happened to her hair?</p> <p>Little girl with the press and curl Age eight I got a Jheri curl Thirteen and I got a relaxer I was a source of so much laughter At fifteen when it all broke off Eighteen and I went all natural February two thousand and two I went on and did What I had to do Because it was time to change my life To become the women that I am inside Ninety-seven dreadlocks all gone I looked in the mirror For the first time and saw that HEY</p> <p>I am not my hair I am not this skin I am not your expectations, no I am not my hair I am not this skin I am the soul that lives within</p> <p>What'd she do to her hair? I don't know it look crazy I like it. I might do that Umm I wouldn't go that far. I know.. Ha ha ha ha</p> <p>Good hair means curls and waves</p>	<p>Aquela é India.Arie? o que aconteceu com o cabelo dela?</p> <p>Se eu quero raspar curtinho Ou se eu quero balançar dread-locks Isso não me afasta nem um pouco Da alma que eu tenho Dat dad a dat da [4x]</p> <p>Garotinha com chapinha e baby liss Aos oito anos eu fiz cachos Jheri Aos treze fiz relaxamento Eu era fonte de muitas risadas Aos quinze estava todo quebrado Aos dezoito deixei todo natural Em Fevereiro de 2002 Eu fui e fiz O que eu tinha que fazer Porque estava na hora de mudar minha vida E deixar vir à tona a mulher que há em mim Noventa e sete Dread-Locks no cabelo todo Eu olhei no espelho pela primeira vez e vi que HEY....</p> <p>eu não sou meu cabelo eu não sou esta pele eu não sou suas expectativas não não eu não sou meu cabelo eu não sou esta pele Eu sou a alma que vive aqui dentro</p>

<p>Bad hair means you look like a slave At the turn of the century It's time for us to redefine who we be You can shave it off Like a South African beauty Or get in on lock Like Bob Marley You can rock it straight Like Oprah Winfrey If it's not what's on your head It's what's underneath and say HEY</p> <p>I am not my hair I am not this skin I am not your expectations, no I am not my hair I am not this skin I am the soul that lives within</p> <p>(Whoa, whoa, whoa) Does the way I wear my hair make me a better person? (Whoa, whoa, whoa) Does the way I wear my hair make me a better friend? Oooh (Whoa, whoa, whoa) Does the way I wear my hair determine my integrity? (Whoa, whoa, whoa) I am expressing my creativity (Whoa, whoa, whoa)</p> <p>Breast Cancer and Chemotherapy Took away her crowning glory She promised God if she was to survive She would enjoy everyday of her life ooh On national television Her diamond eyes are sparkling Bald headed like a full Moon shining Singing out to the whole wide world like HEY</p> <p>I am not my hair I am not this skin I am not your expectations, no I am not my hair I am not this skin I am the soul that lives within</p> <p>I am not my hair I am not this skin I am not your expectations, no I am not my hair I am the soul that lives within</p> <p>If I wanna shave it close Or if I wanna rock locks That don't take a bit away From the soul that I got Dat da da dat da If I wanna wear it braided All down my back I don't see nothing wrong with that</p>	<p>O que ela fez com o cabelo dela? Eu não sei isso parece loucura Eu gostei. Eu poderia fazer isso. Umm eu não iria tão longe. Eu sei.. ha ha ha ha</p> <p>"cabelo bom" quer dizer cachos e ondas "cabelo ruim", que você se parece com um escravo Na virada do século É hora de redefinirmos quem queremos ser Você pode raspar tudo Como uma linda sul africana Ou fazer dreads Como Bob Marley Você pode deixar todo liso Como Oprah Winfrey Se não é o que está na sua cabeça É o que está dentro dela e diga HEY....</p> <p>[refrão]</p> <p>(Whoa, whoa, whoa) A maneira que uso meu cabelo me faz uma pessoa melhor? (Whoa, whoa, whoa) A maneira que uso meu cabelo me faz uma amiga melhor? (Whoa, whoa, whoa) A maneira que uso meu cabelo determina minha integridade? (Whoa, whoa, whoa) Eu estou expressando minha criatividade... (Whoa, whoa, whoa)</p> <p>Câncer de mama e Quimioterapia Tirou dela seu esplendor e glória Ela prometeu a Deus que se sobreviver Ela deve aproveitar todos os dias de sua vida ooh Em rede nacional de televisão Seus olhos de diamante estão brilhando A cabeça careca como uma lua cheia brilhante Cantando alto para o mundo inteiro ouvir HEY...</p> <p>[refrão 2x]</p> <p>Se eu quero raspar curtinho Ou se eu quero balançar dread-locks Isso não me afasta nem um pouco Da alma que eu tenho Dat da da dat da [4x] E se eu quiser usar tranças Até o meio das minhas costas Eu não vejo nada de errado com isso Dat da da dat da [4x]</p> <p>Essa é India.Arie? Ooh veja ela cortou o cabelo dela! Eu gosto disso, uma maneira excelente Eu não sei se eu poderia fazer isso. Mais parece distinto nela, e fica bem nela</p>
--	---

<p>Dat da da dat da</p> <p>Is that India. Arie? Ooh look she cut her hair! I like that, its kinda PHAT I don't know if I could do it But it looks sharp, it looks nice on her She got a nice shaped head She got an apple head I know right? It's perfect</p>	<p>Ela adquiriu um lindo visual Ela tem uma cabeça de maçã Eu sei direito? Isso é perfeito.</p>
---	---



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ESTUDANTE)

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **Identidade e Representação na Música**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Prof^{as}. Dr^{as}. Daniella Corcioli Azevedo Rocha e Matheus Henrique Ferreira de Aguiar.

Nessa pesquisa, estamos buscando verificar os processos de identificação e desidentificação em estudantes de um curso gratuito de idiomas a partir do desenvolvimento com a utilização de letras de músicas em língua inglesa. Considerando que o ensino será através de interação espontânea no uso da língua e não a partir de atividades de memorização e regras abstratas e descontextualizadas, buscaremos refletir sobre o contexto sócio histórico e cultural das letras de músicas e sobre as ressignificações realizadas pelos estudantes enquanto elas serão trabalhadas nas aulas de língua inglesa.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisador Matheus Henrique Ferreira de Aguiar, durante a aulas de Língua Inglesa, oferecida por um instituto de idiomas de uma universidade federal do Tocantins, em Abril de 2023.

Em sua participação, você irá responder algumas perguntas, durante **aulas** (que serão gravadas), a respeito das temáticas que serão discutidas. A análise dos dados coletados será feita a partir da seleção de alguns trechos das respostas dadas, e por meio das respostas coletadas no *Instagram*, os quais serão interpretados à luz da teoria da identidade e representação. Após a transcrição das gravações para a pesquisa as mesmas serão desgravadas, os comentários nas publicações do *Instagram* serão mantidos, apenas para validação da pesquisa.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Embora haja o risco de você ser identificado, faremos o possível para que a sua identidade seja preservada, isto é, mantida em sigilo, até mesmo quando os resultados desta pesquisa forem apresentados em eventos científicos.

Embora você não tenha nenhum benefício direto com esta pesquisa, seus resultados poderão te ajudar em sua vida acadêmica. Uma vez que nosso intuito é investigar o desenvolvimento a partir da utilização das letras das músicas, desenvolver seu próprio senso crítico interpretativo, levantando debates e discussões acerca dos temas apresentados nas músicas com os colegas com a mediação do professor.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com a Prof^a. Dr^a. Daniella Corcioli Azevedo Rocha (telefone: 63 8457-6207) e com Matheus Henrique Ferreira de Aguiar (telefone: 63 8483-6997). Endereço da instituição na qual estão vinculadas as pesquisadoras: Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Tocantins Campûs Porto Nacional (UFT), Rua 03, Quadra 17, Lote 11, S/N, CEP: 77500-000, Porto Nacional - TO.

Porto Nacional, 21 de Abril de 2023.

Daniella Corcioli Azevedo Rocha

Prof^a. Dr^a. Daniella Corcioli Azevedo Rocha

Matheus Henrique Ferreira de Aguiar

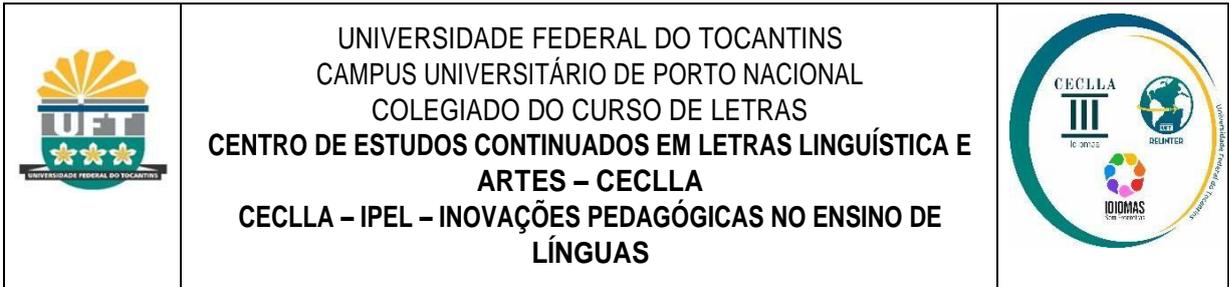
Matheus Henrique Ferreira de Aguiar

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

[Assinatura borrada]

Participante da pesquisa²²

²² As assinaturas foram borradas propositalmente para proteger a identidade dos participantes.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ESTUDANTE)

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **Identidade e Representação na Música**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Prof^{as}. Dr^{as}. Daniella Corcioli Azevedo Rocha e Matheus Henrique Ferreira de Aguiar.

Nessa pesquisa, estamos buscando verificar os processos de identificação e desidentificação em estudantes de um curso gratuito de idiomas a partir do desenvolvimento com a utilização de letras de músicas em língua inglesa. Considerando que o ensino será através de interação espontânea no uso da língua e não a partir de atividades de memorização e regras abstratas e descontextualizadas, buscaremos refletir sobre o contexto sócio histórico e cultural das letras de músicas e sobre as ressignificações realizadas pelos estudantes enquanto elas serão trabalhadas nas aulas de língua inglesa.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisador Matheus Henrique Ferreira de Aguiar, durante a aulas de Língua Inglesa, oferecida por um instituto de idiomas de uma universidade federal do Tocantins, em Abril de 2023.

Em sua participação, você irá responder algumas perguntas, durante **aulas** (que serão gravadas), a respeito das temáticas que serão discutidas. A análise dos dados coletados será feita a partir da seleção de alguns trechos das respostas dadas, e por meio das respostas coletadas no *Instagram*, os quais serão interpretados à luz da teoria da identidade e representação. Após a transcrição das gravações para a pesquisa as mesmas serão desgravadas, os comentários nas publicações do *Instagram* serão mantidos, apenas para validação da pesquisa.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Embora haja o risco de você ser identificado, faremos o possível para que a sua identidade seja preservada, isto é, mantida em sigilo, até mesmo quando os resultados desta pesquisa forem apresentados em eventos científicos.

Embora você não tenha nenhum benefício direto com esta pesquisa, seus resultados poderão te ajudar em sua vida acadêmica. Uma vez que nosso intuito é investigar o desenvolvimento a partir da utilização das letras das músicas, desenvolver seu próprio senso crítico interpretativo, levantando debates e discussões acerca dos temas apresentados nas músicas com os colegas com a mediação do professor.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com a Prof^a. Dr^a. Daniella Corcioli Azevedo Rocha (telefone: 63 8457-6207) e com Matheus Henrique Ferreira de Aguiar (telefone: 63 8483-6997). Endereço da instituição na qual estão vinculadas as pesquisadoras: Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Tocantins Campûs Porto Nacional (UFT), Rua 03, Quadra 17, Lote 11, S/N, CEP: 77500-000, Porto Nacional - TO.

Porto Nacional, 21 de Abril de 2023.

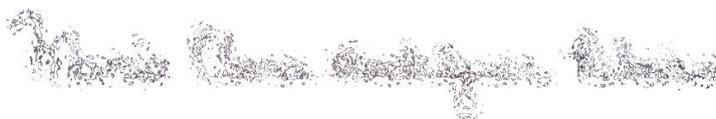


Prof^a. Dr^a. Daniella Corcioli Azevedo Rocha



Matheus Henrique Ferreira de Aguiar

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.



Participante da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS
**CENTRO DE ESTUDOS CONTINUADOS EM LETRAS LINGUÍSTICA E
ARTES – CECLA**
**CECLA – IPEL – INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE
LÍNGUAS**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ESTUDANTE)

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **Identidade e Representação na Música**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Prof^{as}. Dr^{as}. Daniella Corcioli Azevedo Rocha e Matheus Henrique Ferreira de Aguiar.

Nessa pesquisa, estamos buscando verificar os processos de identificação e desidentificação em estudantes de um curso gratuito de idiomas a partir do desenvolvimento com a utilização de letras de músicas em língua inglesa. Considerando que o ensino será através de interação espontânea no uso da língua e não a partir de atividades de memorização e regras abstratas e descontextualizadas, buscaremos refletir sobre o contexto sócio histórico e cultural das letras de músicas e sobre as ressignificações realizadas pelos estudantes enquanto elas serão trabalhadas nas aulas de língua inglesa.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisador Matheus Henrique Ferreira de Aguiar, durante a aulas de Língua Inglesa, oferecida por um instituto de idiomas de uma universidade federal do Tocantins, em Abril de 2023.

Em sua participação, você irá responder algumas perguntas, durante **aulas** (que serão gravadas), a respeito das temáticas que serão discutidas. A análise dos dados coletados será feita a partir da seleção de alguns trechos das respostas dadas, e por meio das respostas coletadas no *Instagram*, os quais serão interpretados à luz da teoria da identidade e representação. Após a transcrição das gravações para a pesquisa as mesmas serão desgravadas, os comentários nas publicações do *Instagram* serão mantidos, apenas para validação da pesquisa.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Embora haja o risco de você ser identificado, faremos o possível para que a sua identidade seja preservada, isto é, mantida em sigilo, até mesmo quando os resultados desta pesquisa forem apresentados em eventos científicos.

Embora você não tenha nenhum benefício direto com esta pesquisa, seus resultados poderão te ajudar em sua vida acadêmica. Uma vez que nosso intuito é investigar o desenvolvimento a partir da utilização das letras das músicas, desenvolver seu próprio senso crítico interpretativo, levantando debates e discussões acerca dos temas apresentados nas músicas com os colegas com a mediação do professor.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com a Prof^a. Dr^a. Daniella Corcioli Azevedo Rocha (telefone: 63 8457-6207) e com Matheus Henrique Ferreira de Aguiar (telefone: 63 8483-6997). Endereço da instituição na qual estão vinculadas as pesquisadoras: Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Tocantins Campûs Porto Nacional (UFT), Rua 03, Quadra 17, Lote 11, S/N, CEP: 77500-000, Porto Nacional - TO.

Porto Nacional, 21 de Abril de 2023.



Prof^a. Dr^a. Daniella Corcioli Azevedo Rocha



Matheus Henrique Ferreira de Aguiar

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.



Participante da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS
**CENTRO DE ESTUDOS CONTINUADOS EM LETRAS LINGUÍSTICA E
ARTES – CECLA**
**CECLA – IPEL – INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE
LÍNGUAS**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ESTUDANTE)

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **Identidade e Representação na Música**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Prof^{as}. Dr^{as}. Daniella Corcioli Azevedo Rocha e Matheus Henrique Ferreira de Aguiar.

Nessa pesquisa, estamos buscando verificar os processos de identificação e desidentificação em estudantes de um curso gratuito de idiomas a partir do desenvolvimento com a utilização de letras de músicas em língua inglesa. Considerando que o ensino será através de interação espontânea no uso da língua e não a partir de atividades de memorização e regras abstratas e descontextualizadas, buscaremos refletir sobre o contexto sócio histórico e cultural das letras de músicas e sobre as ressignificações realizadas pelos estudantes enquanto elas serão trabalhadas nas aulas de língua inglesa.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisador Matheus Henrique Ferreira de Aguiar, durante a aulas de Língua Inglesa, oferecida por um instituto de idiomas de uma universidade federal do Tocantins, em Abril de 2023.

Em sua participação, você irá responder algumas perguntas, durante **aulas** (que serão gravadas), a respeito das temáticas que serão discutidas. A análise dos dados coletados será feita a partir da seleção de alguns trechos das respostas dadas, e por meio das respostas coletadas no *Instagram*, os quais serão interpretados à luz da teoria da identidade e representação. Após a transcrição das gravações para a pesquisa as mesmas serão desgravadas, os comentários nas publicações do *Instagram* serão mantidos, apenas para validação da pesquisa.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Embora haja o risco de você ser identificado, faremos o possível para que a sua identidade seja preservada, isto é, mantida em sigilo, até mesmo quando os resultados desta pesquisa forem apresentados em eventos científicos.

Embora você não tenha nenhum benefício direto com esta pesquisa, seus resultados poderão te ajudar em sua vida acadêmica. Uma vez que nosso intuito é investigar o desenvolvimento a partir da utilização das letras das músicas, desenvolver seu próprio senso crítico interpretativo, levantando debates e discussões acerca dos temas apresentados nas músicas com os colegas com a mediação do professor.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

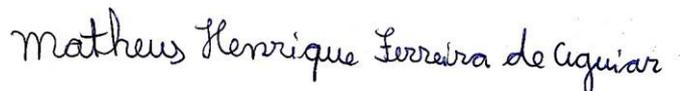
Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com a Prof^a. Dr^a. Daniella Corcioli Azevedo Rocha (telefone: 63 8457-6207) e com Matheus Henrique Ferreira de Aguiar (telefone: 63 8483-6997). Endereço da instituição na qual estão vinculadas as pesquisadoras: Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Tocantins Campûs Porto Nacional (UFT), Rua 03, Quadra 17, Lote 11, S/N, CEP: 77500-000, Porto Nacional - TO.

Porto Nacional, 21 de Abril de 2023.



Prof^a. Dr^a. Daniella Corcioli Azevedo Rocha



Matheus Henrique Ferreira de Aguiar

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.



Participante da pesquisa